

BEATRIZ CORTES

Prefácio de Paula Gicovate

*Enquanto
eu
puder voar*





BEATRIZ CORTES

Prefácio de Paula Gicovate

*Enquanto
eu
puder voar*



ENQUANTO EU PUDER VOAR

BEATRIZ CORTES

Copyright ©2019 de Beatriz Cortes

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem a autorização prévia do autor.

Título: Enquanto eu puder voar
Linha literária: Ficção – romance

Capa: Décio Gomes

Diagramação: Beatriz Cortes

Revisão: Felipe Colbert

1ª edição

“Liberdade de voar num horizonte qualquer, liberdade de pousar onde o coração quiser”.
- Cecília Meirelles

"Beatriz Cortes nos presenteia com uma história emocionante, de escrita madura, que encanta e prende. Virei uma página atrás da outra até chegar ao final. Amei!"

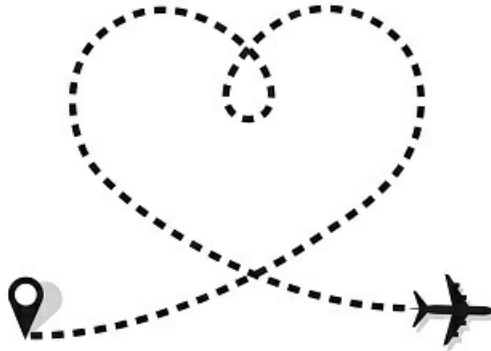
Renata R. Corrêa
Autora best-seller da Amazon

Dedicatória

Para meus antigos e novos leitores.
Afivela os cintos e tenha um ótimo voo. É hora de embarcar!

Beatriz Cortes

PREFÁCIO



Boas histórias têm poder, fazem com que a gente conheça outras realidades, outros mundos, mas também o nosso próprio, o interior.

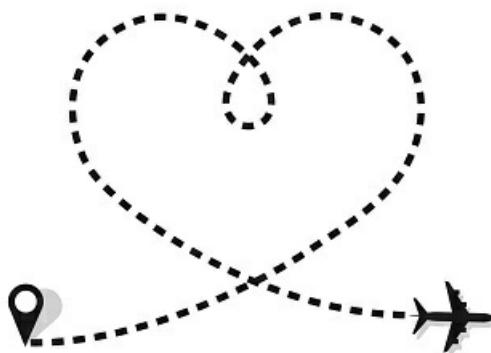
Livros são mais do que distração, são companhia, uma forma de encontrar sentimentos e personagens que sentem e vivem coisas semelhantes a nós, e por isso, quando um livro toca e de alguma forma traduz nossos sentimentos, já não estamos sozinhos.

Beatriz Cortes faz isso com sua obra. Escreve histórias que são espelhos. Seus personagens são humanos, complexos, inseguros, apaixonantes, confusos e corajosos, como nós. Ler seus textos é ter certeza de que algo ali vai tocar e traduzir nossos próprios anseios e questões, e ao mesmo tempo, nos divertir e fazer com que a gente tenha aquele sentimento delicioso de ter um livro bom em mãos e não conseguir largar, querer voltar para casa para ler, e economizar para não acabar.

Boa leitura, tenho certeza que vai ser.

Paula Gicovate
escritora e roteirista
Rede Globo

PRÓLOGO



Já é noite quando desembarco o último passageiro no Aeroporto de Guarulhos em São Paulo. Sinto meus pés dormentes depois de um voo de quatro horas de Manaus para a capital paulista. Para piorar, havia uma passageira com uma criança que não parava de chorar, então a onda de reclamações com os comissários do voo parecia interminável. Mexo o pescoço devagar de um lado para o outro escutando estalar e desaperto o lenço azul que está nele. Estou exausta! Depois de terminar as verificações necessárias, pego minha mala para sair do avião e só consigo pensar no quanto desejo deitar em minha cama. Faz seis dias que durmo de hotel em hotel e, por mais que eu ame minha profissão, a escala de trabalho às vezes pode ser cruel. Estou tão cansada que quase me esqueço que tenho algo marcado para esta noite. Meu corpo implora por descanso. Gostaria de dormir hoje e acordar no outono. O calor do verão me perturba.

Faço o pequeno percurso junto com a tripulação do avião até o saguão do aeroporto. Rodolfo parece tão cansado quanto eu e só fala disso.

— O mais engraçado nisso tudo é que não tenho nem o direito de reclamar! — Rodolfo desabafa. Se ele, o comandante do voo, que trabalha na empresa há anos não pode reclamar da escala de trabalho, quem sou eu para falar qualquer coisa. Talvez por isso meu amigo esteja trocando de empresa em breve.

— Pelo menos dessa vez dei sorte! Meu aniversário é depois de amanhã — comento e acabo rindo da expressão de frustração dos meus colegas que ainda terão que enfrentar mais algumas horas antes da tão sonhada folga.

— Sortuda mesmo!

— Com licença, me desculpa, licença! — Um homem passa correndo por nós pela escada rolante, esbarrando em todo mundo. Quase derrubo minha mala, mas a pressa é tão costumeira que nem me irrita mais com a falta de educação das pessoas.

— Esse certamente está atrasado! — Rodolfo comenta.

Conforme vamos subindo pela escada rolante e seguimos para o *crew desk*, ligo o celular e o

coloco no bolso. Noto a agitação próximo ao guichê da *AirSky Line*, empresa para qual trabalho. Provavelmente algum voo atrasou e isso sempre é motivo para uma grande movimentação. Ao chegar à sala, deixo minha mala no armário, pego apenas a *necessarie* e vou até o banheiro. Me encaro no espelho por alguns segundos, preciso dar um jeito nessas olheiras antes de sair daqui porque sei que o Leo está me aguardando para jantar. Combinamos isso assim que peguei minha escala do mês, então não posso desmarcar de novo. Ele sempre reclama que não tenho tempo para ele, que minha vida é corrida demais, mas sempre soube disso, afinal, me conheceu no trabalho.

Tiro a casquete agradecendo por ter algo que cubra meus cabelos alvoroçados pelas horas de voo. Faço um rabo de cavalo. Preciso me lembrar de ir ao salão dar um jeito nessas luzes que fiz há um tempo e que, além de clarear meus cabelos, também me faz o desfavor de ressecá-los.

Meu celular não para de vibrar no bolso da saia e aposto todas as minhas fichas de que Leo acha que vou dar outro bolo nele. Da última vez, cheguei tão cansada que tomei banho e cochilei de toalha mesmo na cama. Ele ficou me esperando sozinho no restaurante e só acordei quando o telefone tocou pela quinta vez. Eu estava sendo uma péssima namorada nesses últimos meses, eu sei, mas levei muito tempo para conseguir esse trabalho e não consigo me dividir em duas.

Passo um batom claro e me dou por satisfeita. Os músculos do meu rosto estão doendo de tanto manter aquele sorriso congelado. Fazer isso por quatro horas é dose!

Encontro um burburinho esquisito na sala enquanto guardo a *necessarie*:

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, notando que Rodolfo parece preocupado. Estou começando a ficar curiosa, já que está um entra e sai intenso na sala. Isso só acontece quando o chefe resolve nos visitar, então preciso me preparar.

— Não sei, vou ao guichê conferir. Parece que perderam um voo do radar.

— Sério? — Arqueio as sobrancelhas. Há três anos na empresa, nunca vi isso acontecer. Deixo a mala no armário e acompanho Rodolfo pelo longo saguão.

As cadeiras metalizadas da sala de espera estão em sua maioria vazias, porque parece que grande parte das pessoas está de pé em frente ao guichê querendo alguma informação. Entramos pela porta lateral e sigo Rodolfo, sem saber muito bem onde ele está indo.

— O que aconteceu, Diego? — o comandante pergunta a um funcionário que parece tão atordoado quanto os clientes ao redor do guichê.

— Um voo caiu.

— Eu preciso de informação! Agora! — Escuto uma senhora gritar com a outra funcionária do guichê e volto minha atenção para elas.

— Senhora, nós estamos fazendo o possível. Logo terei mais informações, por favor, aguarde aqui ao lado. — A voz da moça é paciente, mas consigo notar sua angústia no rosto. Não queria estar na pele dela!

— Que voo? — Rodolfo pergunta. Estou atrás dele tentando escutar, mas meu celular não para de vibrar, o que me deixa ainda mais agoniada.

— Ponte aérea. Parece que o perderam chegando a São Paulo. Estão procurando informações. Com licença, senhor, preciso ajudar a organizar isso aqui!

O funcionário sai de perto e nos deixa. Encaro Rodolfo que parece tão aturdido quanto eu e nos afastamos do balcão.

— Vou voltar para a sala, esperar informações lá. Você vem? — Rodolfo gira o corpo em minha direção. Suas sobrancelhas estão curvadas e seu olhar é triste. Ambos sabemos que quando algo assim acontece, não dá para esperar que seja bom.

— Vamos, vou só ver quem está me ligando. — Me afasto um pouco dele, que vai andando na frente e o sigo com certa distância.

Fico surpresa ao notar que as ligações insistentes não são de Leo, mas da minha casa. Eles devem ter visto algo na televisão e querem saber se estou bem. Retorno e minha mãe atende.

— Oi, mãe! Está tudo bem! Calma!

— Catarina, Catarina! Pelo amor de Deus, por que não atende esse telefone? — Sua voz preocupada do outro lado da linha faz meu rosto queimar. Tiro o lenço, mesmo no ar condicionado estou suando de nervoso.

— Desculpa, mãe! Cheguei praticamente agora de Ma...

— Catarina! — Sou interrompida por ela, que se divide entre chorar e tentar falar: — Seu pai. Seu pai.

— O que aconteceu? Está tudo bem? — indago. Ainda não consigo entender porque ela está tão nervosa. paro e cubro o outro ouvido para tentar escutá-la melhor. O burburinho no aeroporto está cada vez mais intenso.

— Ele estava indo para São Paulo. O avião. Não consigo falar com ele.

— Por que meu pai estava vindo para cá?! — Rodolfo vem até onde estou, parece preocupado com minha parada repentina. — Que horas ele saiu do Rio?

Escuto minha mãe dizer algumas coisas, mas só consigo prestar atenção no horário e no número do voo que meu pai pegou. Minhas mãos estão suando, estou gelada e sinto um gosto amargo na boca, como se de repente a ligação tivesse me transbordado de fel. Desligo o celular assim que termino de pegar as informações e tento me concentrar para não cair porque pareço estar girando. Claro que não era o mesmo voo do meu pai, não poderia ser!

— O que houve, Catarina? — Escuto a voz de Rodolfo de longe, mesmo que consiga sentir sua mão segurando meu braço.

— Preciso saber o número do voo que sumiu. Minha mãe disse que meu pai veio do Rio hoje. Saiu de lá uma hora atrás. A311. — Consigo dizer mesmo com a voz trêmula, mas meus olhos estão parados, fixados no painel dos voos atrás de Rodolfo.

— Vamos voltar para a sala, lá teremos essa informação.

Não é o voo do meu pai. Não é o voo do meu pai. Não paro de repetir isso para mim mesma enquanto acompanho Rodolfo até a sala da companhia aérea quase que no automático. Só escuto as batidas do meu salto alto no chão e minha respiração ofegante. Quando me dou conta, estou dentro da sala cinza.

Rodolfo me traz um copo d'água e vai até o telefone ligar para alguém. Estou com os olhos fixos na televisão com as informações dos voos. A311 saiu do Rio 17:33h. Não consigo ver se houve atraso e as pessoas dentro da sala não param de falar e andar, então acabo acompanhando o movimento. Ando de um lado para o outro, ansiosa, e meu celular continua tocando. Não vou atender até ter uma informação decente. Com certeza o voo deve estar chegando, deve estar atrasado, ou sem teto para descer, muitas outras coisas podem ter acontecido. São Paulo sempre chove no verão, não duvido que no tempo em que estou aqui dentro algo já tenha mudado lá fora.

— Tudo bem, obrigado. — Escuto Rodolfo encerrar a ligação e se aproximar de mim — Descobriram o número do voo que caiu, Catarina.

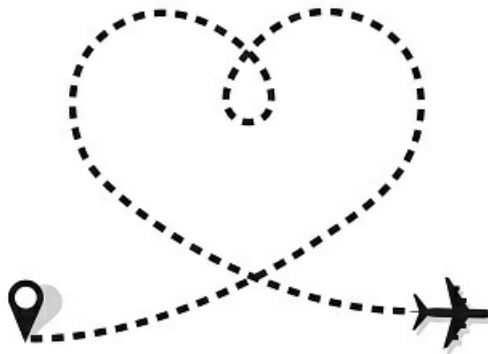
— Qual é? Por favor? — Sinto meu coração bater na direção dos meus olhos. Preciso saber, mas não quero. Tenho medo de ouvir.

— Eu sinto muito, Catarina.

Perco a força das pernas e desabo na cadeira. Não choro, mas meus olhos continuam fixados na tela com os voos na esperança de que algo mude. Estou tão atordoada tentando separar as informações em meu cérebro, mas percebo que não conseguiria fazê-lo nem em um milhão de anos. Parece que um redemoinho desconstrói o meu raciocínio pouco a pouco, sem saber onde

isso vai parar. Tudo que eu tinha a fazer perde a importância em míseros segundos. Nem Leo, nem meu cansaço, nem meu trabalho ou aniversário. Meu telefone toca novamente e encaro a tela com o número de casa. Eu o atenderia para tentar acalmar a minha mãe, mas como dar a informação a ela se o resto de força que sinto parece que diminuiu ao ponto de eu cair em breve no chão? Esqueço ele. Fecho os olhos e as lágrimas estão vindo. Estranhamente, só me vem um pensamento à cabeça: nada mais será como agora.

CAPÍTULO 1



Quando a luz entra pela fresta da janela, estou acordada. Não dormi muito bem essa noite, não sei se pelo excesso de pensamentos, pela mudança de fuso horário depois da última viagem, ou pelos dois. Meu celular desperta em cima da mesa de cabeceira e o pego apressada, desligando o som estridente. Preciso me levantar e terminar de arrumar minha mala, mas dou um tempo. Estou me sentindo esquisita. Apesar das férias do trabalho apontar para uma mudança significativa na minha rotina, que é exatamente o que estou precisando, não sei dizer o porquê de toda essa estranheza até olhar o calendário no celular.

28 de janeiro de 2019. Dois dias para o meu aniversário, data que passou a não fazer sentido algum. Faz um ano que meu pai se foi e a sensação é que revivo aquela noite quase todos os dias. Ainda me lembro de todo o caos no aeroporto, da voz de desespero da minha mãe ao telefone, do toque grosseiro das lágrimas em meu rosto, do vazio que até então desconhecia. Toda essa ausência, esse nada, se tornou um estado atemporal, profundo e ilimitado em minha vida e demorei a perceber que estou vivendo nele.

Vou até o banheiro, lavo o rosto na água gelada e escovo os dentes. Espero que o período de férias resolva minhas olheiras. Meu intuito é arrumar a cama antes que eu me sinta tentada a deitar de novo, mas quando me aproximo, noto o papel ao lado do celular. O dia da primeira audiência indenizatória pela morte do meu pai naquele voo estava chegando e eu sei que preciso me preparar, por isso resolvi passar meu aniversário em Petrópolis, na casa dos meus pais. Não quero comemoração alguma, só preciso tentar colocar a cabeça no lugar. Sigo até a cozinha sem nenhuma animação para fazer meu café, mas levo um susto ao escutar o interfone tocar, pois não estou esperando ninguém.

— VISITAAAA! — Escuto a voz estridente de Aline, a primeira amiga que fiz na empresa quando me mudei para São Paulo.

Abro o portão e em menos de cinco minutos ela entra pela porta da minha cozinha com as

duas mãos cheias de sacolas, como se estivesse voltando da feira.

— O que é isso? — pergunto e tento ajudá-la, levando as bolsas para a mesa.

— Feliz aniversário! — Aline abre os braços depois de se desvencilhar das sacolas e me abraça. Dou um sorriso amarelo, mas estou surpresa por ela ter se lembrado. Ela tem a memória pior do que a minha. — Já que você vai viajar para o Rio, resolvi tomar o café da manhã da minha folga com você, sintase importante!

— Você é terrível! — comento, mas a ajudo a arrumar a mesa e nos sentamos. Pelo menos me livre de comer qualquer coisa velha da minha geladeira.

— Eu não deixaria isso passar em branco, sei como essa semana deve estar sendo difícil para você.

— Obrigada por ter vindo, amiga. Mas não estou muito para comemoração.

— Por isso trouxe o café! — Aline pisca um de seus olhos verdes para mim. — Agora, que roupa é essa? Está precisando de pijamas novos?

Só então eu reparo. Estou com uma camisa de manga preta manchada e um short surrado. Aline é apaixonada por moda, então ela se incomoda mais com o que visto do que eu mesma.

— Eu uso qualquer coisa para dormir!

— Percebi! — Ela revira os olhos. — Desse jeito só vai atrair embuste, já te falei.

— Eu não quero atrair nada por um bom tempo! Depois do Leo, minha única expectativa com relacionamento é que ele demore bastante para reaparecer para mim. — Passo manteiga no pão australiano que Aline trouxe, meu preferido.

— Falando nele, viu que marcou a data do casamento com aquela garota? Mirela, Milena... Não lembro o nome.

— Fernanda, do RH lá da empresa — confirmo. Não entendo como chegamos a este assunto. Se meu dia já parecia ruim, agora piorou.

— Essa mesma, que tem aquela voz de que parece dublagem. — Sou obrigada a rir.

— Ele deve estar na reunião, é o advogado de lá, né?

— Peguei uma raiva da cara dele... Ninguém merece o que fez com você, Catarina. Te abandonar no pior momento da sua vida? Somente depois de um mês que você perdeu seu pai? O que ele tinha na cabeça? Ainda bem que você se livrou desse idiota!

— Na dele, não sei. Na minha provavelmente tinha chifres! Mas ele jamais vai admitir!

— É estranho ele começar a namorar logo depois de terminar com alguém que trabalha com ele. O que quer que você pense? — Aline completa.

— Ele era um cara legal, não sei quando foi que isso se perdeu. Mas, enfim, acabou. É o que importa. Só espero que ele seja decente com relação a essa reunião, porque meu pai não tem nada a ver com isso. E nem todas aquelas sessenta e cinco pessoas que morreram.

— Parece que a garota que sobreviveu ainda continua em coma. Acho difícil sair depois de tanto tempo... — Aline comenta, a televisão só fala disso. O marco de um ano do acidente tem mostrado muitas reportagens e por esse motivo mantenho a TV desligada.

— É, é uma pena.

— Eu não sei como você consegue continuar voando com eles depois de tudo.

— Preciso do dinheiro, amiga. Tenho um contrato e preciso ajudar minha mãe até essa indenização sair — afirmo.

— Você quer companhia? Para a reunião. Tenho que olhar minha escala, não sei se vou estar de folga — Aline sugere.

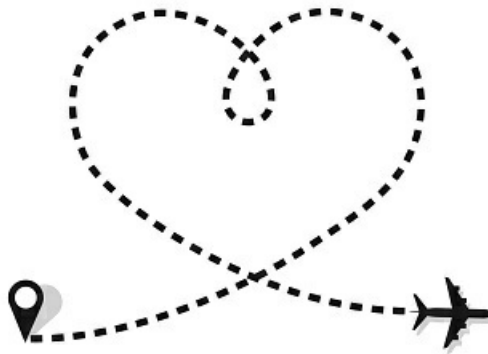
Penso por um instante. Não sei se me sinto segura o suficiente para enfrentar esse momento. Em parte, por se tratar do acidente que matou meu pai, e por outro lado, o advogado com o qual

estarei fazendo o acordo é meu ex-namorado que vai se casar com outra. Sempre soube que não seria fácil, mas conforme o dia se aproxima, a insegurança me aflige. Acho que não vale a pena envolver mais ninguém nessa história. Sei que ela quer ajudar, mas também sei que preciso fazer isso sozinha.

— Não precisa, de verdade. Meu advogado vai. Eu consigo. — A encaro para confirmar que está tudo bem.

Quero acreditar que está. Ou pelo menos fingir. Essa tem sido minha especialidade há um ano.

CAPÍTULO 2



Pousar no Rio de Janeiro me traz uma nostalgia terrível. Enquanto sigo para o desembarque do Galeão, sinto minha garganta fechar aos poucos, sufocando junto com a vontade de chorar. Era meu pai que sempre me buscava no aeroporto. Parávamos no caminho para comer pão de queijo e costumávamos cantar Os Beatles de uma forma bem desafinada enquanto subíamos a serra. Era nítido que ninguém em nossa família tinha dons musicais, mas isso não nos impedia de aproveitar o momento. Nossa música preferida era *BlackBird*, ele dizia que quando escolhi minha profissão, essa música fazia todo o sentido para ele. Engraçado! Ela só começou a fazer sentido para mim agora que o perdi.

Minha mãe está me esperando no Jeep branco do meu pai para subirmos para Petrópolis. Antes mesmo de entrar no carro, percebo sua agitação. Ela abre os vidros e faz sinal para eu entrar rápido, pois não pode ficar parada naquele lugar e está com medo de ser multada. Entro no carro, que ainda tem cheiro de lavanda, dou um beijo rápido em sua bochecha e logo deixamos o Galeão.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Sei que ela fica tensa dirigindo no Rio, então apenas mudo a estação da rádio que está tocando e encosto a cabeça no banco, encarando a paisagem. Logo os prédios e o oceano ficam para trás e a sinto relaxar no banco do motorista quando o verde começa a surgir. Observo que deixou seus cabelos grisalhos aparecerem, já que antes pintava a cada quinze dias para ninguém reparar que a idade estava chegando. Meu pai era alguns anos mais novo que ela e isso sempre a incomodou. Ela continua bonita, mas ainda não consegue disfarçar a tristeza depois de tudo o que passou. Mas não posso cobrar algo que eu mesma não dou conta.

— Está tudo bem? — pergunto, puxando assunto. Ainda não ouvi sua voz desde que entrei e isso me incomoda.

— Estou indo, na medida do possível — responde sem me encarar, com os olhos focados na estrada. — E você? Já entrou de férias?

— Sim, entrei ontem. Aline foi tomar café comigo, mas passei o resto do dia na minha cama.
— Acho que ontem não foi um bom dia para nenhuma de nós, então.
— Nunca vai ser.
— Ainda bem que você veio, preciso da sua ajuda para resolver algumas coisas que ficaram pendentes.

— Tudo bem. Só volto no dia da audiência. Você não vai mesmo? — indago.

Ela havia dito ao telefone que não queria reviver tudo aquilo e eu a compreendia. Também não queria, mas entre nós duas, o dever era meu.

— Não quero, não. Já sofri o suficiente sem me envolver com isso. Nada do que vocês resolverem lá vai mudar a realidade ou melhorar minha dor.

— Mãe... — Toco sua mão que está apoiada ao lado da marcha do carro. — Também não está sendo fácil para mim.

— Eu sei, Catarina. — Ela me encara sem sorrir, coloca a mão de volta ao volante. — Eu sei.

— Se eu soubesse que isso iria acontecer, teria o impedido. Não queria que papai tivesse se sacrificado para ir me ver, preferia que fosse eu naquele voo. — Começo minha chuva de lamentações que não canso de repetir para mim mesma, só que falar isso em voz alta torna tudo ainda mais doloroso.

— Você não sabia, agora não adianta falar. — Minha mãe aumenta o volume da música e com isso sei que ela está encerrando o assunto.

Venho percebendo em todos os nossos encontros após o acidente que nossa relação mudou. Não que fosse maravilhosa antes, tínhamos nossas desavenças e questões. Era mais próxima do meu pai, minha mãe nunca compreendeu todos os meus sonhos, objetivos de vida e motivos para querer sair de Petrópolis tão nova e recomeçar em outro lugar. Ela não entendia que eu já não cabia mais lá, que tudo se tornou pequeno demais para mim. Meu pai, por outro lado, fazia de tudo para que eu tivesse a chance de viver a vida que desejava viver, e ela sempre considerou isso um grande mimo da parte dele. Por isso, aqui dentro deste carro subindo a serra de Teresópolis, consigo compreender o motivo por nossa relação ter se desgastado tanto nesse último ano: minha mãe acha que meu pai estava novamente me mimando ao decidir ir a São Paulo naquele dia. Ele queria me fazer uma surpresa de aniversário e perdeu a vida tentando. Por mim, mais uma vez.

Me lembro que há pouco tempo, enquanto passávamos por esse mesmo lugar em uma das folgas em que vim para Petrópolis, papai me contou no caminho que deixou de tentar ser piloto assim que minha mãe descobriu que estava grávida de mim. Ela engravidou de gêmeos, mas o outro bebê morreu no terceiro mês de gestação. A gravidez foi difícil e ele precisava trabalhar, não tinha tempo para estudar. Ele não me contou isso para me fazer sentir culpada, e sim porque eu estava passando por um momento difícil no trabalho e ele quis me mostrar que tínhamos isso em comum: o sonho de voar.

Enfim, seria louvável pensar em todas essas coisas agora que estamos sozinhas, indo para a casa dela, e ainda sabendo que passaremos vários dias juntas? Talvez seja melhor concordar com o silêncio. Ele nunca erra.

Deixo uma lágrima escapar, mas a enxugo antes que ela perceba. Eu teria que aprender a lidar com isso sozinha.



Desço do carro assim que minha mãe para em frente à minha casa de infância. Ela ainda

precisa ir ao mercado e como sabe que detesto isso, vai sozinha. Ao observar a casa de longe, tento não pensar em todas as lembranças que provavelmente irão me submergir assim que pisar lá dentro. Quero muito voltar ao meu quarto, sentir tudo o que deixei para trás, mas tenho medo de todos os sentimentos que podem me invadir. É a primeira vez que volto aqui sem meu pai e sei que não vai ser fácil. Respiro fundo e abro o portão. Conforme vou descendo o pequeno caminho de pedra até o jardim, noto que tem alguém em um dos bancos de madeira na varanda.

Demoro a compreender quem é. Talvez pelo novo corte de cabelo ou pelo tempo que não a vejo, porém suas covinhas são inconfundíveis. Quando Carolina me encara e estende os braços para me abraçar, é a primeira vez que me sinto em família.

— Não acredito! O que você está fazendo aqui? — pergunto assim que a aperto, bagunçando seus cachos negros.

— Estou de volta! — Sorri e apoia as mãos em meus ombros.

— Eu percebi, mas não era só no próximo mês? — indago.

— Resolvi fazer uma surpresinha para a família! — Carolina explica.

Abro a porta da entrada.

— Eu adorei! Ainda não passou na sua casa? — pergunto, notando que tem uma mala enorme ao seu lado.

— Longa história...

— Deus, essa sua vida de digital influencer rende mais histórias do que consigo acompanhar!

Minha prima sorri, mas percebo que tem algo estranho em sua expressão.

Entro em casa depois de tanto tempo e o cheiro de lavanda também está ali. Os móveis continuam iguais, o sofá preto na mesma posição de sempre, a estante de livros do papai ainda está repleta deles na parede.

Vou andando devagar pela sala, passando a mão nos móveis. Paro em frente aos retratos da estante e observo uma foto nossa, no jardim. Eu ao seu lado, de pé, e papai sentado no chão com uma mão em volta de minha cintura e a outra segurando um pássaro em seu dedo. Pareço gargalhar, pois, minha boca está muito aberta para quem apenas sorri.

O barulho da mala que Carolina carrega me tira do devaneio. Ela arrasta com dificuldade até a sala e a deixa ao lado da mesa de centro. Ela vem em minha direção. Percebe que eu estava olhando para o porta-retratos.

— Quero fazer uma coisa que não tive chance de fazer lá da Irlanda. — Então me abraça outra vez, porém dessa ficamos assim por um bom tempo. — Eu sinto muito por tudo, principalmente por não poder estar ao seu lado. Também o perdi, tio Alfredo era o pai que não tive.

— Você não vai me contar por que está aqui de mala? — Volto o assunto para ela.

— Claro que sim, prima! Vamos para o seu quarto, não quero que sua mãe escute quando chegar.

A presença de Carolina me faz ficar menos nostálgica ao pisar no meu quarto e sou grata por isso. Sei que ela não ficará aqui para sempre, mas isso já me ajuda a começar. Deito na cama de casal e consigo sentir o cheiro de lençol limpo. Minha prima senta no pufe azul a minha frente e cruza as pernas como fazíamos a borboleta no ballet quando crianças.

— Joaquim terminou comigo. — Ela entrelaça os dedos das mãos.

— O quê? Como assim? — Arqueio as sobrancelhas.

— Isso mesmo. Ele não me deixou nem entrar na casa dele. Fui fazer uma surpresa e ele simplesmente colocou a mala para fora. Falou que eu fiz minha escolha quando fui para a Irlanda no intercâmbio.

— Como assim, gente? Não acredito. Mas ele estava estranho? Você não se falaram? Do nada, isso? — Sento na cama, preocupada.

— No último mês ele estava distante, e até por isso resolvi vir antes. Eu ainda acho que aconteceu alguma coisa e ele vai voltar atrás, não é possível! São nove anos! NOVE ANOS JUNTOS! — Carolina desabafa. Ela não chora, mas sei que está doendo. Nunca a vi chorar por términos, mas já faz bastante tempo que ela não tem um.

— Inacreditável. Sério. Você conversaram onde? Na rua?

— Exatamente. Na rua. Na porta. Nem uma xícara de café me ofereceu, aquele estrupício!

— Será que ele estava com alguém lá dentro? — pergunto, curiosa.

— Não sei. Mas fiquei na porta por um tempo depois que nos despedimos e não ouvi nada. O combinado era a gente se casar este ano, depois que eu voltasse. Juntamos dinheiro e tudo. Sei lá. — Dá de ombros.

— Sua mãe já sabe?

— Não! Ninguém. Por isso vim para cá, ela contou que tia Rose tinha ido te buscar no aeroporto, resolvi ficar aqui hoje. Posso? — Carolina pede também com os olhos.

— Óbvio! Eu vou amar sua companhia, as coisas não estão indo bem com minha mãe.

— Eu imagino. Mamãe falou que ela ficou bem fechada depois da morte do tio Alfredo. — Ela bate as palmas das mãos nos joelhos — Mas vamos falar de coisas boas! Precisamos nos animar! Amanhã é seu aniversário!

— Nem me fala! Ainda tem isso. — Deito novamente na cama. Vejo Carolina levantar do pufe e pegar uma caixinha em cima da escrivaninha.

— O que é isso? — Senta de novo na cama e coloca a caixa entre nós duas.

— Uma caixinha de lembranças. Guardo as coisas da infância aí. Tem várias cartinhas suas, do meu pai, presentes que guardei. Pode abrir, se quiser. — Não sei se estou preparada para ver qualquer coisa que tenha lá dentro, mas gosto do fato de Carolina ser curiosa o suficiente para fazer isso por mim.

— Olha isso! — Puxa um papel rosa de cartolina dobrado. — Nossa lista dos sete! — Carolina sorri, parecendo abismada por eu ter guardado aquilo.

— Eu sei, adoro me lembrar daquele dia. A gente se divertiu tanto, não é?

— Vamos ver o que já fizemos... — Carolina deita e coloca as pernas para cima, como se de repente tivesse voltado aos sete anos, quando criamos aquela lista de sonhos. — *Morar fora do país*. Primeiro item.

— Totalmente cumprido! — Bato continência com uma das mãos.

— *Brincar no brinquedo mais alto do Beto Carreiro World*. Cumprido. Gosto nem de pensar no quanto vomitei naquele dia — lembra. — *Trabalhar viajando*. Olha só, você é uma comissária de bordo e eu sou famosa na internet. Check!

— Nem me lembrava dessa!

— *Pular de paraquedas*. Como a gente era ousada! — Ambas gargalhamos.

— Esse ainda não conseguimos realizar. — Pego o papel de sua mão. — *Mergulhar, fazer uma viagem juntas, voar de balão na Capadócia*. Fala sério, só restam duas.

— Não sei se tenho coragem de pular de paraquedas. Prezo muito por minha vida — Carolina brinca, colocando uma das mãos no peito.

— Bobona! O mais difícil é arrumar tempo e dinheiro para a Capadócia!

— A noite é uma criança! Vou pegar algo para beber na geladeira e vamos passar a noite da véspera do seu aniversário fazendo fofoca e planos como duas crianças de trinta anos.

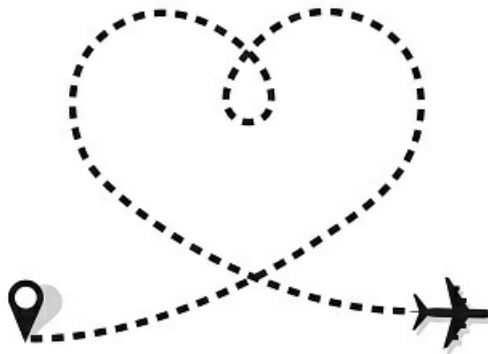
— Quase trinta.

Carolina revira os olhos, sai do quarto e deixa aquele papel próximo de mim.

Naquela época, nem imaginava o que minha vida se tornaria. Uma mulher que só vive para o trabalho, traída por um namorado e sem perspectivas de mudança a curto prazo. Sem contar que ainda preciso resolver a questão da indenização e aplacar um pouco a raiva da minha mãe para comigo. Todavia, é bom ter Carolina próximo. Quem sabe a presença dela me faz esquecer todas essas dores por um momento.

Parece que é o suficiente por agora. Jogo o papel para longe e aguardo Carolina, com tantas histórias para contar, a noite certamente seria longa!

CAPÍTULO 3



Paro em frente à porta do quarto dos meus pais com relutância. Minha mãe me pediu para ajudá-la a recolher as coisas do meu pai para doar depois de me desejar um feliz aniversário frio e distante. Não há muito o que comemorar e também não sei se gosto da ideia de me desfazer das coisas dele, mas tenho convicção de que quem precisa abrir o armário todos os dias é ela, então aceito sua escolha. A casa está silenciosa, a não ser pelo canto dos pássaros do lado de fora e o barulho da cozinha, onde minha mãe lava a louça do café.

Entro devagar e vou direto ao armário. Minha mãe deixou uma bolsa em cima da cama para que eu coloque ali tudo o que não quero guardar. Algumas roupas já estão dentro, então abro o armário e resolvo continuar. O cheiro amadeirado do seu perfume está fraco, porém ainda presente. Não sei dizer se é apenas uma memória ou se é real, mas resolvo começar antes que me debulhe em lágrimas ali mesmo.

Pego algumas roupas e vou tirando dos cabides, dobrando e colocando na bolsa. Não fazia ideia que papai tinha tanta roupa assim, já que ele costumava só usar as mesmas. Ele sempre dizia que minha mãe era exagerada demais, que comprava muito para uma pessoa simples como ele. Algumas bermudas penduradas me fazem lembrar do Joaquim, namorado da Carolina. Ex, na verdade. É o tipo de roupa que ele costuma vestir e poderia interessá-lo, porém Carolina não vai oferecer e eu não pretendo me envolver nisso.

Termino de tirar as roupas e vejo as caixas de sapato na outra parte do armário. Me sento no chão e cruzo as pernas, quero terminar antes que minha mãe volte. Vou tirando os sapatos das caixas e os coloco em sacos. As duas últimas despertam meu interesse, já que não há nenhum sapato dentro.

São lembranças. Assim como eu guardo as minhas, meu pai tinha as dele e parece que não queria dividir com ninguém. Vejo algumas cartas da minha mãe da época em que namoravam, fotos em preto e branco da turma deles na escola, onde se conheceram. Há um papel de serenata de

amor, alguns CDs e até fitas-cassete. Coloco de volta no armário a primeira caixa. Acho que mamãe gostará de ver isso. Pego a segunda, que está mais leve.

Fotos minhas com ele de quando eu era bebê, cartinhas que fiz, poesias e até origamis. Sou obrigada a sorrir quando noto a letra infantil em um dos livros que ele lia para mim quando criança, escrevi vários “eu te amo” nele e papai quase teve um troço quando viu o livro rabiscado. Disse que eu podia escrever eu te amo em todos os papéis do mundo, menos na folha dos livros. Ele não brigou, mas nunca mais escrevi.

Vejo um envelope vermelho no fundo da caixa e abro. Puxo um papel cartão branco e as letras chamam minha atenção. É um convite de casamento, mas não faço a menor ideia de quem são essas pessoas, “Natália Fernandes e Vicente Montanari”. Arqueio as sobrancelhas quando noto que o casamento aconteceu em São Paulo. Eu conheço o salão famoso no centro da capital, o casamento de uma amiga da Aline foi lá. Que coisa estranha!

Me levanto e resolvo perguntar a minha mãe se ela conhece essas pessoas antes de jogar fora, mas a letra em negrito no final do convite me faz parar. A data: 30 de janeiro de 2018. O dia do meu aniversário. Dois dias após o acidente que o matou.

O que aquele convite estava fazendo ali? Quem são essas pessoas?

Sou interrompida pelo barulho da porta e coloco o convite na parte de trás da minha calça.

— Catarina, conseguiu terminar? — minha mãe pergunta, entrando devagar. Sua expressão é de tristeza, mas ela não me encara, olha apenas para a mala em cima da cama.

— Sim, praticamente. As roupas estão na bolsa e os sapatos no saco. Só deixei essas duas caixas, acho que você vai gostar de ver. São fotos e lembranças.

— Sério? Onde estava isso? — Mamãe se aproxima, pegando as caixas na parte de baixo do armário e as colocando na cama. Fico de pé ao seu lado, observando sua reação.

— Estava junto com os sapatos. Eu também não sabia que ele guardava essas coisas.

— Que engraçado! Seu pai dizia que não gostava de viver do passado e me escondia uma caixa de lembranças. Vai entender... — fala, pensativa. Por um segundo tenho a sensação que ela está falando para si mesma e não comigo.

— É verdade. Ele sempre dizia isso.

— Olha só, nossa turma do colégio! — Minha mãe está tão surpresa quanto eu e sua emoção me deixa sensível. Consigo quase ver por trás daquela máscara de amargura que ela começou a usar desde a morte do meu pai. É quase como tê-la de volta. — Nós dois já namorávamos aqui, foi nosso último ano. — Aponta.

Não respondo, mas sorrio. Termino de colocar os sapatos no saco.

— Acho que nunca mais vi essas pessoas, todo mundo foi embora, alguns simplesmente perdi o contato mesmo! — continua falando sobre a foto.

— Todos que eram próximos foram embora daqui? — pergunto, talvez o convite fosse de algum amigo de infância dele, algum colega da escola.

— Não sei, Catarina. Tem muito tempo.

O convite parece esquentar debaixo da roupa. De onde meu pai conhecia aquelas pessoas? Por que ele guardaria algo assim junto com lembranças tão importantes? As perguntas invadem minha mente enquanto minha mãe continua falando sobre sua antiga turma do colégio. Não quero interrompê-la, já que esse é o primeiro diálogo longo que temos desde que cheguei, então apenas escuto.

Sempre vi meu pai como uma pessoa transparente, por isso minha cabeça fica cheia de dúvidas ao encontrar esse convite. Por um segundo, sinto-me aliviada por saber que existe a possibilidade de que ele tenha ido a São Paulo para um casamento e toda a culpa que venho

carregando por causa do meu aniversário tem uma pequena chance de se dissipar. Mas por que deixaria o convite em casa? E se fossem conhecidos distantes, ele não guardaria junto com nossas lembranças, certo?

A minha reação é de puxar o convite e perguntar para minha mãe, porém no último instante, decido não mostrá-lo. Tenho medo do resultado e não quero colocar caraminholas na cabeça dela sobre meu pai agora, depois que ele se foi. Posso descobrir isso sozinha. E é o que vou fazer, mesmo que isso custe minhas próprias lembranças sobre ele.



Deixo minha mãe em seu quarto e vou para o meu com a intenção de procurar que casamento era aquele e por que o convite estava nas coisas do meu pai. Isso não para de martelar na minha cabeça, junto com a ideia de que ele pode ter escondido algo da gente. Ele nunca foi esse tipo de pessoa, foi ele quem me ensinou a falar a verdade sempre, a não aceitar mentiras, e todos esses ensinamentos morais que um pai tenta passar para o filho. Não é possível que depois de morto vá me decepcionar assim.

Sinto minhas mãos geladas, estou com medo de descobrir o que não quero ou não deveria. Tiro o convite de dentro da calça e o encaro outra vez. Eu sei que ao buscar os nomes na internet corro um grande risco de encontrar essas pessoas. A data parece saltar do papel, como se fosse perfurar meus olhos caso encoste ali. O dia me fez ficar alerta. Eu sei que posso estar me iludindo ao me apegar a qualquer coisa que tire de mim esse peso de ter praticamente causado sua morte, que posso descobrir algo que não vou gostar, todavia não consigo deixar de pensar que ir até o fim pode me trazer algum conforto.

Encaro o notebook na escrivaninha buscando coragem para continuar, todavia, escuto a voz de Carolina vindo de algum lugar dentro de casa. Guardo o convite dentro da minha bolsa de mão, não quero que ninguém o veja ainda.

— Cadê a aniversariante do dia? — Abre a porta do meu quarto segurando um isqueiro.

— O que você está fazendo com um isqueiro na mão? — indago, achando engraçado o fato dele não parar aceso.

— Não tinha vela na cozinha, foi o que achei! Parabéns! — Carolina acende de novo e o coloca na frente do meu rosto para que eu assopre. Faço uma careta, mas acabo cedendo.

— Obrigada! — Sou envolvida por seu abraço. — Que horas você saiu daqui? Foi na sua mãe?

— Saí bem cedo, não quis te acordar. — Carolina se joga na cama. — Fui preparar umas coisas para o seu aniversário!

— Não começa, prima! Você sabe que não quero comemorar.

— Eu sei, mas não é uma grande comemoração. É só um almocinho. Vá se arrumar! — Ela puxa um vestido preto que estava por cima da minha mala ao lado da cama e joga em mim.

— Que almoço? Onde? — pergunto, preocupada.

— Fiz uma reserva para poucas pessoas no Lago Sul. Estou doida para comer um churrasco, então isso é mais por mim do que por você, acredite!

— Quem vai? — continuo o interrogatório.

— Pouca gente. Dá para contar nos dedos das mãos. Confia em mim. — Carolina mexe nos seus cachos recém-lavados.

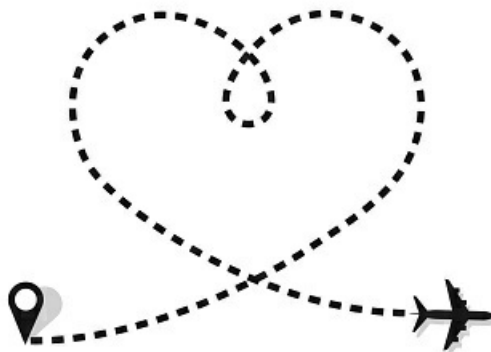
— Uma mão ou duas mãos?

— Larga de ser chata, Catarina. Anda logo!

Minha prima levanta e me empurra para o banheiro, forçando-me a aceitar sua proposta. Vacilo nos meus movimentos. Carolina sempre fora exagerada em tudo, então não confio muito em nada que ela diz no diminutivo, como o “almocinho” que citou. Ela sabe que não estou no clima e sinceramente não sei se devo ir. Sempre que me força a ir a um lugar que não quero, acaba em desastre. Porém, sei que nem todo o meu mau humor é capaz de fazer Carolina desistir de algo que ela quer muito, ainda mais quando isso envolve comida.

Talvez não seja de todo mal me arrumar e sair. Sei que preciso me distrair um pouco, então troco de roupa. Vou encarar isso!

CAPÍTULO 4



Quando chego à churrascaria ao lado de mamãe e Carolina, percebo que dessa vez minha prima quase falou a verdade. Há onze pessoas contando comigo, a maior parte da família, então fico um pouco aliviada. Todo mundo ali sabe o que aconteceu, então a minha esperança é que ninguém force a barra.

— Querida, que bom que aceitou vir! Achei que a Carolina não fosse te convencer — tia Lúcia, mãe da minha prima e irmã do meu pai, comenta assim que me sento à sua frente.

— Tia, do que essa sua filha não me convence, não é? — brinco.

— Meu superpoder é a persuasão, acredite! — Carolina comenta enquanto ocupa a cadeira ao meu lado.

Além da minha mãe, duas tias e alguns primos, duas amigas também vieram. Depois de tudo que aconteceu, acabei me afastando das pessoas, e sem contar Carolina e Aline, que eu vejo sempre, mantive contato com poucos. Rayssa e Silvinha estudaram com a gente, então quando eu venho a Petrópolis, arrumamos tempo para fazer algo e colocar o papo em dia.

Enquanto almoçamos, tento me esforçar para estar o mais sociável possível para não ficar aquele clima de enterro, o que não é tão difícil. Os assuntos surgem fáceis e sem esforço, exatamente como no natal ou em datas comemorativas, onde a gente se junta com diversos familiares que vemos apenas uma vez no ano e ainda assim é divertido. Desde que papai morreu, não participei de mais nada. Porém, agora me pego rindo por diversas vezes das piadas dos meus primos ou de alguma história bizarra que minhas amigas contam. Estou me sentindo bem, apesar de tudo.

Pedimos a sobremesa e, assim que o garçom a traz, começamos a nos servir. O silêncio permeia por alguns minutos e sou interrompida por uma tia que quase não falou o almoço inteiro.

— Catarina, você soube da menina do acidente? Que está em coma... — Vejo Carolina arregalar os olhos de soslaio, pigarrear e encarar nossa tia, que resolveu ser inconveniente no

final de um almoço que poderia até ter sido agradável.

— Sim, ouvi falar.

— Não sei o que é pior, morrer ou ficar nessa situação — continua.

— Bom, vou pagar minha conta. — Mamãe levanta e é acompanhada por tia Lúcia, que parece tão inconformada quanto Carolina com esse comentário.

— Melhor todo mundo ir acertar, não é mesmo? — Carolina pede, encerrando o assunto. — Tudo bem? — pergunta, segurando uma de minhas mãos.

Confirmo com a cabeça.

Todo mundo se levanta e me abraça, se despedindo.

— Vou pagar o seu almoço, presente de aniversário! — Carolina pisca um dos olhos e sai por último, me deixando sozinha.

É a pior coisa que ela poderia fazer, não me distrair com qualquer outro assunto e me deixar só aqui. Por que essa tia foi tocar nesse assunto? E dizer que tem alguém em coma? Sempre vai haver algum comentário, alguma lembrança. Parece que vou me sentir culpada eternamente. Ele se foi, acabou. O motivo pode até ser uma interrogação, mas o fato é o ponto final.

Será que vale a pena mexer em tudo isso? E o tal do casamento? Respiro fundo e passo a mão na nuca, tirando os cabelos que soltaram do rabo de cavalo. O dia nem chegou ao fim e já estou exausta. Em outro momento, teria gostado de estar aqui, rodeada de todas essas pessoas, respirando o ar fresco da serra. Porém, hoje só consigo me questionar e não sei por quanto tempo vou permanecer assim. Ao menos por hoje, pretendo não me entregar mais a toda essa confusão. Preciso colocar a cabeça no lugar e pensar com calma.

— Vamos? Minha mãe levou a sua para casa, falei para elas que vamos sair.

— Mais? — Eu encaro Carolina, preocupada. — Não sei se aguento outra reunião.

— Uma reunião de duas pessoas, vamos dar uma volta, nós duas! — Carolina estende o braço para mim, como costumávamos sair para passear quando éramos apenas duas adolescentes, sem nenhuma responsabilidade.

Seguro seu braço e me levanto, a acompanhando.

Assim que abrimos a porta, somos surpreendidas por Joaquim, que está chegando com Frederico, um conhecido meu e amigo de Carolina também.

— Oi! — nos cumprimentamos juntos. Carolina não fala nada, só dá um sorriso amarelo.

— Feliz aniversário, Cat! Não esqueci! — Joaquim me abraça rapidamente.

— Obrigada! — Percebo que Carolina soltou meu braço e já saiu do restaurante. — Tenho que ir. Bom almoço!

Saio e encontro Carolina emburrada e de braços cruzados.

— Ele é tão estúpido! Deve estar comemorando a solteirice! — reclama.

Sorrio para ela e puxo seu braço, o encaixando no meu dessa vez.

— Vamos passear e esquecer a infelicidade de um relacionamento frustrado e de ter uma tia sem noção!

Gargalhamos e seguimos até o carro. Talvez a gente consiga superar tudo isso, juntas. Não custa nada tentar!



Quando Carolina estaciona em frente ao Parque Municipal, descubro o que ela quer. Era lá que a gente costumava ter nossas longas conversas de domingo à tarde quando fazíamos piqueniques e falávamos sobre nossos sonhos e as maluquices da nossa vida. Um hábito desde

criança. Papai nos levava, já que tia Lúcia ficava com minha mãe em casa arrumando as coisas após o almoço em família.

Desço do carro ainda desconfiada. Ela abre o porta-malas e pega a toalha rosa que eu já conhecia bem.

— Planejei tudo! — comenta quando percebe que estou a encarando, perplexa.

— Estou vendo.

A acompanho até o parque e nos dirigimos para o local de sempre. Percebo que desde que mudei para São Paulo, as idas até aqui se tornaram menos frequentes, noto que o lugar parece um pouco abandonado. O verde está meio apagado, acho que pelo calor do verão, então seguimos até nossa clareira preferida. Alguns bancos de madeira nem funcionam mais, todavia Carolina estende a toalha e coloca a bolsa térmica que estava carregando. Me sento ao seu lado.

— Você não achou mesmo que não teria bolo, não é? — Tira uma caixinha de dentro da bolsa.

— Pensei que ia passar batido, mas tudo bem. — Levanto minhas mãos, aceitando a ideia.

— Já vou te poupar de cantar parabéns, então... — Carolina abre a caixa e estende o bolo para mim. — Feliz aniversário!

Pego o bolo e sorrio para ela, sei que está se esforçando para me deixar feliz nesse dia tão difícil.

— Obrigada. Será que acertou o recheio? — indago, pegando a faca que ela trouxe para cortar.

— Eu sempre acerto, meu amor! — Carolina dá uma gargalhada e pega os pratinhos. — Nozes com doce de leite.

— Você arrasa!

Corto o bolo e entrego o primeiro pedaço para ela, que coloca a mão no peito como se estivesse lisonjeada. Estou sorrindo e gosto de saber que nem preciso me esforçar para isso quando estou com minha prima, parece que ela será meu porto seguro de agora em diante.

Mordo um pedaço e fecho os olhos. Está realmente gostoso.

— Ainda bem que você guardou isso para o final.

— É verdade, ou então não poderíamos comer tudo sozinhas! — Carolina morde mais um pedaço. — Você volta para São Paulo amanhã?

— Sim, tenho a tal reunião. Minha cabeça está tão cheia que por um instante quase me esqueci disso! — comento.

— Cheia de quê? Sua mãe falou alguma coisa? Ela não vai mesmo com você?

— Não, ainda mais depois de hoje de manhã! — Paro por um instante. Não sei se devo continuar, mas em quem mais posso confiar além dela? Quem mais pode me ajudar com isso? — Meu pai deixou algumas coisas guardadas, eu encontrei.

— Sério? Ele era a pessoa mais desapegada do mundo...

— Também fiquei surpresa. Algumas fotos, cartinhas, coisas bem normais — explico. — Mas achei isso aqui. — Pego o envelope vermelho dentro da minha bolsa e entrego para Carolina, que o abre imediatamente.

— “Natália e Vicente?” Quem são essas pessoas?

— É o que estou querendo saber. Olha a data.

A expressão de Carolina passa de relaxada para preocupada em segundos.

— Ano passado... Que estranho! — reflete.

— Estou com isso na cabeça desde que o encontrei. Meu pai não falou nada sobre esse casamento, nem minha mãe. Será que ele estava mesmo indo para meu aniversário? E quem são

essas pessoas?

— Não faço ideia. Perguntou para sua mãe?

— Não, ela não quer que eu fale sobre o assunto, nem da reunião, nem do acidente. Prefiro não envolvê-la nisso.

— Eu também acho que você não deveria se envolver...

— Por quê? — indago. Carolina sempre foi a primeira a embarcar nas minhas ideias.

— Porque isso só vai te fazer ficar criando teorias sobre seu pai. E se descobrir algo que não quer? Já pensou nisso?

Reflito por alguns instantes. Realmente não sei o que é pior. A necessidade de tirar essa culpa de cima de mim é tão grande que só consigo pensar em me confortar e acabo me esquecendo de que ele era um ser humano como qualquer outro. E se ele tivesse outra família? Uma antiga amante? Se estivesse indo para São Paulo para fazer algo escondido? Será que devo mexer nisso e arriscar magoar minha mãe e me magoar também?

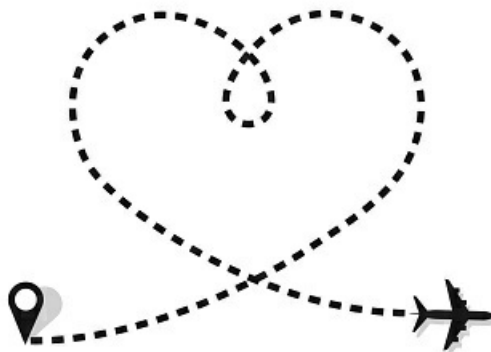
Tento pensar na possibilidade de conviver com a ideia de que meu pai pode mesmo ter feito algo que não concordo, mas só de pensar nisso, meu coração pesa no peito. Não sei se quero ter que lidar com isso agora. Pode não ser nada, porém também posso não gostar do que vou descobrir. Se minha mãe soubesse de algo, teria me falado naquela época sobre o casamento de algum conhecido, e sei que meu pai também teria me chamado para ir com ele e é isso que está me fazendo questionar tanto este maldito envelope.

— O tio era como um pai para mim, Catarina — Carolina interrompe meus pensamentos. — Desde que o meu morreu, ele era a única figura paternal que eu tinha e sempre me tratou como filha. Se eu fosse você, deixaria isso para lá. Não estou defendendo, nem nada disso. Você sabe que vou estar sempre do seu lado, mas pensa um pouco. — Ela se vira para mim, cruzando as pernas como eu, como se estivéssemos prestes a fazer ioga ali mesmo. — Eu prefiro manter a lembrança que tenho dele.

Ela pega mais um pedaço de bolo e fica em silêncio.

Eu deixo a minha parte para lá. As palavras de Carolina infectam minha mente de forma que perco a fome. Se tudo na vida tem um lado bom, a sugestão de minha prima parece ser a mais sensata. Talvez ele não quisesse mesmo dividir conosco. E por um instante, me convenço que devo respeitar.

CAPÍTULO 5



Sempre que pouso em Guarulhos, tento sair o mais rápido possível do aeroporto. As lembranças me afogam em um mar de tristeza e ansiedade que mal consigo controlar, então pego minhas poucas coisas e peço um táxi até o fórum. Meu advogado está lá me aguardando e passo o caminho inteiro pedindo ao universo que tudo isso seja rápido e o mais indolor possível.

Noto alguns poucos jornalistas na porta do local quando chego. A curiosidade quanto ao resultado das negociações dos familiares das vítimas ainda existe, mas não tem a mesma proporção de quando tudo aconteceu. No ano passado, assim que souberam que eu trabalhava para a empresa aérea e que meu pai havia morrido no acidente, uma enxurrada de ligações e pedidos de entrevista me acertou em cheio. Dos telejornais sérios até programas de fofoca da tarde. Neguei todas. Não tinha o que falar.

Meu scarpin preto faz barulho ao encontrar o chão de porcelanato do enorme corredor do fórum. Estou à procura da sala de audiência em meio ao burburinho das conversas quando alguém toca em meu ombro.

— Catarina, te achei. — Doutor Luís diz quando me viro. — Estava te ligando!

— Oi, desculpa. O celular está na bolsa. Já começou? — pergunto e verifico as horas no relógio de pulso.

— Estão chamando os representantes por ordem alfabética. Ainda não chegou sua vez, vamos nos sentar lá perto e acertar algumas coisas.

Confirmo com a cabeça e sigo Luís até o final do corredor. Noto os bancos ao lado direito e nos sentamos. Repassamos a proposta que ele considera a mínima aceitável, mas estou tão ansiosa que mal consigo ficar parada. Bato as pernas inquietamente enquanto meu advogado faz algumas considerações. Estou apertada e procuro o banheiro com os olhos, porém sem sucesso.

— Onde fica o toalete?

— Passamos por ele, é só voltar no corredor.

Peço licença e saio. O nervosismo está todo na minha bexiga. Só de pensar que vou ter que entrar naquela sala, falar sobre o acidente que matou meu pai e ainda discutir dinheiro com meu ex, parece uma barbárie interminável.

Finalizo e me encaro no espelho após lavar as mãos. Tento abrir a porta do banheiro, mas não consigo. A chave não roda e quando a forço, parece estar emperrada. Giro novamente, mas a porta não abre. Só me faltava essa! Com a sorte que tenho, passarei a reunião inteira aqui dentro e ninguém sentirá minha falta. Fico em dúvida se devo gritar por ajuda ou apenas esperar. Quanto tempo meu advogado levará para vir atrás de mim?

Resolvo dar algumas batidas na porta para ver se alguém está esperando do lado de fora.

— Oi? Tem alguém aí? — Escuto uma voz masculina e sinto um alívio imediato por alguém ser capaz de me ouvir.

— Oi! Sim! Estou presa, consegue pedir ajuda?

— Vou ver se tem alguém por perto...

O silêncio permeia por alguns segundos, mas logo escuto os passos do desconhecido de volta.

— Vou puxar a porta para cá e você tenta girar, ok? Pedi para o meu amigo chamar o segurança.

— Ok! Vamos tentar.

Ele puxa a porta e na primeira vez que tento, nem sinal. Insisto colocando o peso do meu corpo pressionando junto com ele e a chave gira, me libertando. Saio tropeçando, meio afobada, quase deixo a bolsa cair, mas me viro para agradecer a ele, que parece ter a minha idade. Os cabelos castanhos chamam minha atenção porque combinam com seus olhos. Ele sorri, parecendo se divertir com minha expressão de constrangimento.

— Obrigada por me a...

— Catarina! — Sou interrompida por Luís, que faz sinal com uma das mãos dentro do seu terno apertado por sua barriga saliente. — É a nossa vez!

— Obrigada! — Aceno com a cabeça em direção ao desconhecido e me viro.

— Não há de quê. — Escuto sua voz, mas já estou indo na direção de Luís.

— Está pronta? — meu advogado pergunta já na porta da sala de audiência.

Tenho a sensação de que meu coração está pulsando na garganta e a essa altura do campeonato não sei dizer se é pela tentativa de acordo que vou enfrentar neste momento ou pelas coisas estarem dando tão errado, como ter ficado trancada em um banheiro. Quero dizer para ele que acho que ninguém está verdadeiramente preparado para algo assim, mas apenas concordo com a cabeça e entro em silêncio na sala. Ao passar pela porta, anuvio os meus pensamentos e me preparo. Sei que isso não vai diminuir minha dor, mas já que estou aqui, vou até o fim.



Vejo Leonardo assim que piso na sala. Está com a pele do rosto toda lisa, e isso me faz recordar do quanto ele odiava se barbear. Se posta do outro lado da mesa, de pé junto com um representante da AirSky Lines. Ele sorri para mim, como se aquilo fosse capaz de me acalantar de alguma forma. Cumprimento todas as outras pessoas na sala com um aceno de cabeça e me sento ao lado do meu advogado, do lado esquerdo do juiz. Não há nenhuma mulher na sala além de mim, o que me deixa insegura, porque sei que será ainda mais difícil. Eu sou a única pessoa que trabalha na mesma companhia aérea que perdeu um familiar naquele voo.

A conversa não se estende por muito tempo, acredito que pela quantidade de pessoas

aguardando do lado de fora, então assim que o juiz termina de falar a causa, pede para o Leonardo apresentar a proposta de acordo da empresa.

Não compreendo a maior parte das coisas que eles falam, mas Luís está balançando a cabeça positivamente enquanto eles declaram o tipo de dano que estão indenizando com relação ao meu pai. Leonardo parece inatingível naquela posição, não sei dizer se sinto isso porque o conheço mais do que qualquer outra pessoa dentro deste lugar ou se ele tem essa atitude sempre que defende uma causa. Todavia, não consigo deixar de me decepcionar com a ideia de que mais uma vez ele parece estar contra mim. Fez isso no nosso relacionamento e agora está aqui, defendendo quem matou meu pai. Ele diz:

— Portanto, o valor que meu cliente oferece pelos danos morais e físicos a Alfredo Torres Martins é de sessenta mil reais que já foram quitados três meses após o acidente, cem mil reais a serem depositados, uma pensão mensal no valor de três mil reais por sessenta meses correntes e a continuação da gratuidade cedida nos voos — termina e entrega os papéis para Luís e para mim. Me encara, satisfeito. Quero revirar os olhos, mas me controlo. Como se essa gratuidade não fosse meu direito como funcionária!

— Só pode ser brincadeira — resmungo para Luís, mas tenho certeza que todo mundo ouviu.

— Esse é o valor que está sendo acordado para todos os requerentes — explica Leonardo.

— Os senhores não estão considerados o primordial neste caso específico — Luís interrompe.

— O que seria? — Leonardo indaga e minha raiva dele só cresce por causa da sua posição impecável.

— Minha cliente trabalha para esta empresa há anos. O acidente aconteceu com o familiar dela, em um voo da mesma companhia para qual ela trabalha. Todos os outros requerentes não tinham vínculo algum. Ela não entra na indenização?

Leonardo encara os papéis por um instante e o representante da empresa cochicha algo em seu ouvido. Como ele é capaz de desconsiderar todo o trabalho que presto para a AirSky Lines há anos? Meu estômago revira só de olhar para a cara do meu ex e saber que nem agora ele tem o mínimo de empatia. Sinto uma vontade enorme de vomitar e aperto uma de minhas unhas na palma da mão para tirar o foco do enjoo.

Leonardo rebate:

— Foi oferecido para sua cliente férias naquela época, mas ela utilizou apenas uma licença de quinze dias. Existe o custeio do tratamento psicológico e todo o suporte foi proporcionado.

— Sim, porém o entendimento é de que, em se tratando de pretensão indenizatória de danos morais aos familiares de vítima de acidente que veio a óbito, o termo inicial é a data do evento danoso, como diz a Súmula 54/STJ, e isso não ocorreu. Foi apenas recebido o valor de sessenta mil pela Airbus. Não incluíram em nenhum momento neste acordo o fato da minha cliente ser sua funcionária. Não foi observado os princípios da razoabilidade e da proporcionalidade no dever de indenizar.

Leonardo me encara, parecendo irritado. Engraçado, já que fui eu que perdi o pai e depois de terminar comigo daquela forma ainda se sente no direito de se irritar por travar o processo.

— Há contraproposta? Possibilidade de acordo? — O juiz interrompe meus pensamentos.

Luís puxa o papel de dentro do envelope e entrega nas mãos de Leonardo, que vira para seu cliente e conversam.

— O montante sugerido supera os parâmetros considerados razoáveis. Precisaremos adiar o acordo — Leonardo encerra.

Não escuto mais nada depois disso. Tenho a impressão de que engoli um gato e ele está

arranhando minha garganta, implorando para sair. Estou desconfortável desde a hora em que cheguei aqui e agora, observando em silêncio todo o comportamento dele, só consigo pensar que nada do que a gente viveu valeu a pena. Odeio ter esse sentimento, porque sempre fui a pessoa que tentava ver o lado positivo das coisas, mesmo após algo dar errado. Somente duas situações na vida me trouxeram essa sensação de completa decepção e infelicidade: a morte do meu pai e ter perdido tanto tempo namorando esse infeliz que não tem o mínimo de decência e empatia. Por um segundo, penso em falar na cara desse desgraçado tudo o que está entalado e não voltar nunca mais aqui, mas valeria a pena? Perder a chance de um possível acordo para deixar minha mãe mais segura apenas por estar nitidamente afogada em meus sentimentos? Preciso reaver isso.

— Eles vão remarcar — Luís sussurra ao se levantar e o acompanho, ainda atordoada.

Não olho para trás quando saio da sala. Estou apertando tanto o maxilar que sou capaz de quebrar meus dentes se continuar ali dentro. Minha respiração está ofegante como se tivesse corrido uma maratona, porém me sinto aliviada por ter acabado. Pelo menos essa parte. Pelo menos, por agora.



— Catarina, Catarina! — Escuto a voz da última pessoa que gostaria de ouvir assim que me afasto de Luís e sigo em direção à saída. Resolvo ignorar, porém Leonardo continua gritando meu nome e chamando a atenção de todo mundo a minha volta, inclusive do desconhecido que me salvou do banheiro mais cedo, que está sentado em um banco no corredor assistindo a tudo de camarote. Meu rosto começa a queimar de constrangimento, mas paro, antes que ele dê mais vexame.

— O que foi? — Me viro e o encaro. — O que você quer?

— Falar com você — Leonardo responde ao se aproximar. — A gente pode conversar?

— Não sei se temos algo para falar não. Você não tem outras audiências? — indago. O que ele quer comigo depois de tudo isso?

— Tenho, mas o juiz pediu um intervalo. Vamos até ali... — Leonardo puxa meu braço apontando para o corredor à direita e desvio no mesmo instante, me soltando, todavia deixo a bolsa cair por descuido. Minha raiva só aumenta.

— Eu não quero discutir com você! — Elevo o tom de voz. Me contenho quando o “salvador do banheiro” se aproxima e pega a bolsa para me devolver.

— Que droga, Catarina. Para com essa mania, quero falar com você que... — Leonardo continua, ignorando tudo ao redor.

— Obrigada, de novo! — respondo para o desconhecido e ele sorri em resposta.

— Algum problema aqui? — pergunta.

— Está tudo bem! — afirmo e ele se afasta novamente, desconfiado. — Leonardo, eu não tenho nada para conversar com você. Nem sobre hoje, nem sobre qualquer outro dia. O que você quer?

— É o meu trabalho, Catarina. Você sabe.

— Quer saber de uma coisa, Leonardo? Não sei, não. E, sinceramente, não tenho interesse em nada que venha de você. Só estou aqui porque preciso — abaixo o tom, e agora estou quase sussurrando, tentando desviar as atenções. — Estou aqui porque meu pai morreu, mas naquela época isso não foi importante para você, por que seria agora, não é mesmo?

— Você sempre complica tudo. Eu até tento te ajudar, mas você é impossível!

— Não me incluindo na indenização? Que grande ajuda! — Reviro os olhos. — Olha,

continua aí fazendo seu trabalho e eu vou vivendo minha vida, ok? Mas me deixa em paz, já basta esse vexame.

As pessoas ainda estão nos observando e esse é mais um motivo para odiar Leonardo. Ele permanece parado na minha frente feito uma estátua, com essa cara de falso arrependimento e solidariedade. Qual é o problema dele? Depois de todo esse tempo, de não ter se importado comigo quando eu mais precisava e agora, o que eu escutei dele naquela sala? Ele quer que eu me sente para conversar e ouvir toda essa explicação furada? Só pode estar de brincadeira!

O desconhecido me encara parecendo preocupado e eu até gostaria de parar para falar com ele novamente, agradecer direito e perguntar o motivo que também o faz esperar por tanto tempo nesse corredor, mas sei que Leonardo não vai me deixar em paz e, mais do nunca, eu só preciso ir embora.

— Vê se me esquece! — solto para meu ex.

Viro as costas para Leonardo e o largo ali, plantado no meio do corredor. Foco na saída e deixo o fórum sem olhar para trás.

Chego exausta ao meu apartamento após passar no mercado e comprar o suficiente para sobreviver esta noite. O caminho me distraiu por alguns minutos, mas sempre que me lembro da audiência com Leonardo, sinto a raiva voltar. Tiro os sapatos e noto que meus pés estão vermelhos e doloridos, então acabo esticando as pernas e descansando um pouco. Fecho os olhos e toda aquela discussão no corredor do fórum volta à minha cabeça.

Definitivamente, não consigo entender como alguém pode agir assim. Mesmo depois desse tempo, eu ainda tinha uma pequena esperança de que Leonardo tentaria se redimir após tudo o que fez com o acordo, de que havia uma pequena possibilidade de recuperar pelo menos nossa amizade, mas isso acabou hoje. Não posso sequer aceitar conviver com alguém assim, melhor que ele fique longe mesmo.

Quando encaro meu relógio, noto que cheguei há quarenta minutos e ainda não consegui fazer nada. Já passa da hora do almoço e acredito que toda a ansiedade do dia me deixou sem fome, só agora começo a sentir um vazio na barriga. Coloco o vinho que trouxe do mercado na geladeira e vou para o banheiro. Preciso tentar me livrar desse peso e acabo apelando para a água do chuveiro. Quem sabe não me sinto mais leve depois de um banho?

Quando saio da ducha, tenho a impressão de que minha ideia realmente funcionou. Ainda estou com aquele sentimento de raiva do Leonardo, mas isso não parece tão importante. Tanto que, enquanto troco de roupa, observo a caixa de lembranças que fiz quando vim morar aqui em São Paulo. Esse era um hábito da minha mãe, que acabei pegando desde criança, percebo agora o quão curioso é meu pai ter criado uma para ele também. Tomo uma decisão: preciso me livrar de tudo o que me remete a Leonardo. Todas as coisas que guardei do nosso tempo juntos, acho que isso me ajudará a fechar esse ciclo.

Sento na cama e puxo a caixa, abrindo-a. Pego as fotos, presentes, cartões, e só o que consigo pensar é que este cara não se parece em nada com o que encontrei hoje. A empresa tem vários advogados, por que ele aceitou pegar justamente o meu caso? Parece que sente prazer em me ver sofrer tanto, como um fantasma a me perseguir. A pior marca que me deixou é saber que me largou logo após um acidente tão trágico sem muitas explicações. Se não sentia mais nada por mim, ao menos tivesse consideração.

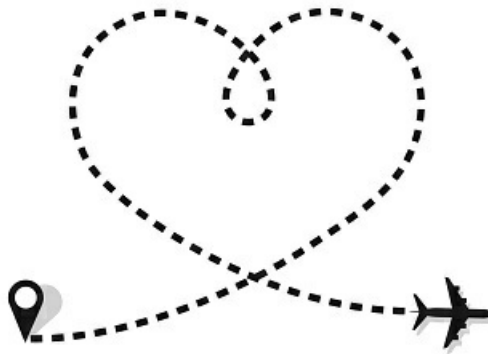
Penso no que posso fazer com todas essas lembranças. Isso fez parte da minha vida, mas não sei se guardar esses momentos congelados nas fotografias e em todas essas palavras que, pelo visto, não foram sinceras, vai me fazer bem a longo prazo. Fico em dúvida se jogo fora, se queimo ou deixo em uma caixa de sapatos no fundo do armário como meu pai. Leonardo vai se casar em

breve, passou por cima do meu sofrimento para viver a felicidade dele e eu ainda estou aqui, com nossas fotos, bilhetes, nosso passado. Tenho a impressão de que enquanto tiver algo dele perto de mim, vou estar sempre retrocedendo. Quero que, da próxima vez que o encontrar na audiência, ele seja apenas mais uma pessoa naquela sala, não meu ex ou o cara que me traiu.

Junto todas as coisas que representam Leonardo em uma sacola, fecho e jogo na gaveta de lixo do prédio, sem dó.

Vou até a cozinha, coloco o macarrão penne, que é meu preferido, para cozinhar e me sirvo uma taça de vinho Malbec. Estou com meu pijama mais confortável e sei que Aline o desaprovava, mas hoje vou apenas pensar em mim. Respiro aliviada e já estou até sorrindo quando me sento na varanda e observo o alvorecer enquanto as luzes de São Paulo começam a brilhar do lado de fora. E isso é tudo o que preciso.

CAPÍTULO 6



Chego à cafeteria da Avenida Paulista e peço meu Cappuccino de Mocha Branco habitual. Adoro sentir o cheiro de café torrado, feito na hora. Quando criança, somos levados a acreditar que aos 30 anos o céu será o limite para nós, que teremos uma cobertura e o carro do ano. Mas quando mudei para São Paulo só queria mesmo um apartamento próximo ao metrô e a uma cafeteria. A primeira realização da minha vida na cidade grande foi morar próxima a uma delas.

— Catarina! — a funcionária me chama para buscar a bebida e em seguida me sento na parte externa enquanto aguardo Aline.

Observo o movimento das pessoas na rua, toda a correria frenética da capital paulista que jamais será comum para mim. Certa vez comentei com Aline que minha maior dificuldade ao me mudar para cá foi o fato de que todo mundo só corre e eu nunca consigo acompanhar ninguém. Para aprender a andar no metrô, foi um martírio! Cheguei à conclusão de que em todo e qualquer lugar nesta cidade, as pessoas estão com pressa.

Enquanto Aline não chega, pego o celular e abro em um site que acompanho sempre. Minha vida anda tão caótica que mal consigo parar e notar as coisas que estão à minha volta, mas sempre tive o hábito de acessar pela manhã as notícias. Gosto de saber o que está acontecendo no mundo.

Deslizo o dedo pelas matérias. A maioria não me atrai. Alguma baboseira falada por algum político, a alta do dólar, violência e mais violência. Continuo rolando até me deparar com a chamada de uma notícia: “Um ano após o acidente, sobrevivente do voo da AirSky Lines continua em coma”. Sempre que encontro algo com o nome da companhia em sites na internet, sinto meu coração descompassar. Muitas das matérias não acrescentam nada, mas no fundo eu sempre fico com aquela pulga atrás da orelha, pensando que em breve vou ter mais uma surpresa com todo esse longo processo que parece nunca terminar.

Enquanto abro a notícia, é impossível não me lembrar que depois da primeira indenização, quando a Airbus descobriu que o acidente havia ocorrido por falha humana, houve uma grande

confusão quanto ao dinheiro que fora pago aos familiares das vítimas. No meio de uma briga e de um jogo de interesse perverso, a AirSky acabou tendo que devolver para a Airbus parte do acordo. Foi um caos. Descobri o início dessa história através de um desses sites de notícias, já que tudo isso felizmente não nos envolveu.

Encontro um vídeo no meio da matéria. Olho em volta e nem sinal de Aline. Então pego os fones de ouvido na bolsa e os coloco, com a intenção de ouvir a reportagem enquanto aguardo a minha amiga. O repórter está na frente de um hospital que se parece com o mais próximo do meu apartamento, entretanto não consigo ver o suficiente para confirmar. Ele fala sobre o caso rapidamente, sobre a paciente, mas não cita o nome dela. Sinceramente, não sei se essa moça deu sorte ou azar em sobreviver a algo assim. Um ano do acidente e nem sinal da sua recuperação, sabe Deus quanto tempo mais vai passar ligada a essas máquinas.

Não há nenhuma novidade na matéria até então, mas antes de finalizar o repórter diz que irá conversar com o representante legal da mulher.

— Vamos conversar agora com o marido da paciente, Vicente. Obrigado por aceitar conversar conosco — o repórter fala com o rapaz que entra no foco da câmera e aproximo meu rosto do celular para me certificar de que estou mesmo vendo isso! — Qual é a situação atual da sua esposa? A AirSky Lines tem dado suporte a vocês? — o repórter continua.

— Ela está estável, não temos muitas novidades, infelizmente. Por enquanto, precisamos aguardar e o tratamento está sendo financiado pela companhia, sim.

Quando escuto sua voz, todas as dúvidas desaparecem. Eu posso não ser a pessoa mais atenta do universo, porém minha memória auditiva é maravilhosa. O marido da mulher que estava no mesmo voo do meu pai, que agora está em coma naquele hospital, é o cara bonitão que me salvou do banheiro do fórum e pegou minha bolsa no meio daquela confusão com Leonardo. Era esse o motivo da sua presença naquele lugar, ele provavelmente estava aguardando a audiência do caso deles, na mesma situação que eu, mas vivendo uma angústia pior ainda por causa da gravidade do estado de sua esposa.

Vicente. Que coincidência! Enquanto o repórter continua perguntando alguma coisa sobre a empresa e ele nitidamente tenta falar o menos possível, vejo seu nome na legenda da entrevista. “Vicente Montanari: marido da vítima”.

Um novo calafrio percorre minha espinha! Na mesma hora o convite aparece em minha cabeça. Um sobrenome como este, eu não confundiria. Por que meu pai tinha o convite de casamento de um cara que nunca vimos na vida dentro de sua caixa de lembranças? Quem é esse Vicente? Por que a mulher dele, provavelmente a tal da Natália, estava no mesmo voo que meu pai? Eles teriam se casado no civil e preparado a cerimônia para dias depois?

Estou tão desassossegada que grito de susto quando um toque tira o fone do meu ouvido direito.

— Qual é o seu problema? Está fazendo alguma coisa errada para se assustar desse jeito? — Aline fala, se assustando também com a minha reação.

A encaro, com os olhos desesperados, pela surpresa do que acabo de descobrir. Alguma coisa me diz que não vou ser mais capaz de deixar a história do convite para lá.



— Quase me matou de susto, garota! — Tiro o outro fone do ouvido e dou um abraço rápido em Aline, que se senta na minha frente em seguida. — Não vai pedir seu café?

— Já pedi. Mas me conta, o que aconteceu? Anda apavorada à toa agora? — indaga. Minha

amiga coloca sua bolsa em cima da mesinha, cruza as pernas de forma delicada e arruma sua blusa com decote em v.

— Nossa, sério, parece que passou um caminhão em cima de mim.

— Por quê?

— Assiste aqui, por favor. Preciso saber que não estou ficando maluca de vez. — Entrego o celular para ela, que está com as sobrancelhas arqueadas, parecendo confusa.

Enquanto Aline assiste a entrevista, percebo o quanto aquilo me deixou descompensada. Minhas mãos estão geladas e de tão inquieta não consigo parar de mexer as pernas. Tento respirar fundo e devagar, volto a prestar atenção no movimento das pessoas na rua, mas tudo é em vão. Alguém chama o nome de Aline dentro da cafeteria e faço sinal para ela, informando que vou buscar o café. Pego seu Frappuccino de caramelo e um brownie, e retorno pra a mesa.

— Não entendi. Sobre a garota não é nada que a gente já não saiba, o que tem mais? — pergunta antes de tomar um gole de sua bebida gelada.

Então conto para Aline tudo o que está acontecendo. Falo do convite, o medo de descobrir o que não quero, o fato de me sentir culpada pela morte do meu pai e, principalmente, sobre o maior questionamento de todos: por que meu pai tinha o convite daquelas pessoas e por que ele estava no mesmo voo que aquela moça? Desabafo de uma forma que não havia feito nem com minha prima. Diferente de Carolina, Aline raramente expressava sua opinião sobre o que eu devia ou não fazer. Nossas conversas sempre terminam com perguntas voltadas para mim.

Quando acabo de falar, me sinto mais leve. Aline continua me encarando sem dizer nada.

— Eu tinha decidido não procurar mais, deixar para lá. Mas como posso fazer isso depois de saber que ela estava no mesmo acidente que ele? — despejo.

— Realmente, amiga, é uma estranha coincidência.

— Aí que está, Aline. Não tem como isso ser apenas coincidência. Alguma coisa aconteceu entre eles. Meu pai não guardaria algo ali escondido de todos se não houvesse um motivo.

— O que de pior pode acontecer se você procurar saber sobre isso? — pergunta.

— Sei lá, descobrir que ele era amante dela? Que estavam em um encontro no Rio às vésperas da festa de casamento dela e voltaram no mesmo voo? Vai saber! — Passo as mãos no rosto e apoio os cotovelos na mesa antes de voltar a encarar Aline, que continua impassível.

— Você acha que seu pai faria algo assim?

Dou de ombros.

— Ultimamente não ando sabendo de mais nada. Meu pai era o cara desapegado, que achava uma baboseira minha mãe acumular tantas coisas do passado, agora ele é o homem que guarda lembranças em uma caixa de sapato. Ele era o cara mais verdadeiro e sincero que conhecia, quem me avisava sem nem pensar duas vezes sobre a falsidade de alguma amiga, sobre algum cara babaca que eu estava apaixonada. Agora ele é a pessoa que esconde coisas e tem segredos.

— Saber da verdade vai te trazer algum conforto? — indaga.

— Não faço ideia. Agora, ainda mais. Só sei que não consigo parar de pensar nisso.

— Por que não procura na internet? Essas pessoas devem estar em alguma rede social — sugere.

Reflico por um instante. Eu pensei em deixar essa confusão para lá, seguir em frente e esquecer o convite, mas no fundo eu sei que agora, depois disso tudo, não vou conseguir ignorar o fato de que a vida daquelas pessoas está relacionada, de alguma maneira, com a do meu pai.

Não sei se estou preparada para o que posso descobrir ou se é o melhor momento. De manhã eu tinha certeza de que não era, agora não consigo pensar em mais nada. Se eu não procurar essas pessoas, minhas perguntas ficarão ao léu e terei que conviver com isso. Por outro lado, descobrir

algo por pior que seja, pode me tirar o peso de toda essa culpa.

A verdade é que sempre há um risco, basta escolher qual se está disposto a enfrentar.

Sendo assim, acho que já descobri o meu.



Já é noite quando volto para o meu apartamento. Depois de toda a conversa e de fazer algumas compras com Aline, a frase dela continua ecoando na minha cabeça: “O que de pior pode acontecer se você procurar saber sobre isso?”. Só preciso tomar um banho e sentar na frente do notebook. Não vou mais adiar, quero entender quem são essas pessoas e que vínculo tinham com meu pai. É quase inaceitável ter a sensação de que não o conheço completamente, por muitos anos achei que sabíamos tudo um do outro. E agora toda essa história veio à tona.

Deixo para arrumar minhas coisas depois, então apenas tomo uma ducha e me sento na cama, de cabelo molhado mesmo, com o notebook no colo. Abro o Google, digito “Natália Fernandes”. Não é difícil encontrá-la, já que seu nome ficou marcado pelo acidente de avião. Não parece ter mais de trinta anos, o que faz meu estômago revirar com a ideia de que meu pai poderia ter um caso com alguém da minha idade.

Desvio o pensamento e continuo a busca. Encontro sua conta no Instagram. Seu perfil é aberto, possui apenas vinte e duas fotos, e não tenho dificuldade em encontrar Vicente em uma delas. Eles estão juntos em um cartório, provavelmente a cerimônia do casamento no civil foi mesmo antes do acidente. O sorriso animado dos dois preenche a foto sem legenda. Vicente aparece em algumas outras, só que não tem nenhuma marcação de sua conta. Todas as fotos são em São Paulo, exceto uma, em que ela posa sozinha no Cristo Redentor no ano passado. Eu não reconheço ninguém além de Natália e Vicente nelas.

Continuo procurando, mas descubro apenas que ela trabalhava em uma multinacional por causa de uma foto sua com crachá. Fora isso, nada mais. Não há qualquer coisa que eu possa relacionar com meu pai.

Decepcionada com as poucas informações, digito o nome de Vicente na busca e a única coisa que aparece é o termo oficial do casamento e seu cadastro na ANAC como piloto. Curioso! Ele trabalha na mesma área que eu. O único contato que há no site é o e-mail dele. Coloco o endereço na barra de informações e não vincula com nenhuma conta em rede social. Como, em pleno século XXI, esse cara não tem nenhum perfil na internet?

Fecho a tela do notebook com mais força do que deveria e bufo, inconformada. E agora? Continuo estagnada. Passo as mãos nos cabelos molhados, sacudindo-os. Por um instante, volto à conversa que tive com Carolina em Petrópolis: às vezes é melhor deixar mesmo isso de lado, viver minha vida e seguir em frente, mas agora essa opção parece tão errada quanto fuçar a vida dos outros nas redes sociais.

Abro novamente a tela e encaro o e-mail de Vicente. Seria muito inconveniente mandar uma mensagem para ele? Ele não está passando por um momento muito bom e sei que minhas questões com um bendito convite não devem sequer ter importância para ele agora. Estou tão confusa que resolvo pegar um copo d’água antes de continuar. E para falar a verdade, nem sei se ele vai ler o e-mail, se vai querer responder ou se vai cair na caixa de spam.

Ao sentar em frente ao notebook, digito sem pensar muito para não desistir:

Oi, Vicente. Tudo bem? Talvez você não se lembre de mim e tudo isso pode parecer estranho demais, porém foi a forma que encontrei de falar com você. Sinto muito pelo que está passando com sua esposa, eu perdi alguém no mesmo acidente e não desejo isso a ninguém.

Estou lhe escrevendo porque encontrei uma coisa que lhe pertence e gostaria de devolver. Seu e de sua esposa, na verdade. Quando puder, basta me responder por aqui ou me enviar uma mensagem no número que deixo abaixo. Me desculpe se fui invasiva.

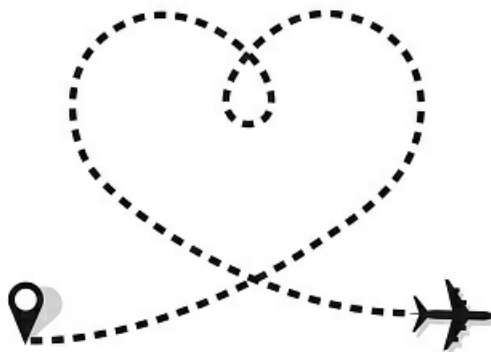
Abraço,

Catarina Martins

Ps: obrigada por ter me acudido no banheiro do fórum.

Deixo meu telefone no final e digito o e-mail de Vicente, ainda insegura se estou ou não fazendo o que é certo. Releio uma única vez e envio, estralando os dedos em seguida e desligando tudo. Enfim, seco meus cabelos e por incrível que pareça, tenho a esperança de que vou dormir melhor por ter, pelo menos, tentado.

CAPÍTULO 7



Pela manhã, mesmo sonolenta, percebo que o apartamento está uma bagunça e sei que não posso mais adiar uma arrumação. Tudo bem que eu tenho a fama de ser um pouco bagunceira, mas não dá para exagerar. Depois de tomar um café para acordar, prendo os cabelos em um coque malfeito e começo pelo quarto, que tem roupa espalhada em todos os lugares. Ligo o Spotify na televisão e coloco a playlist Soft Pop Hits para tocar, em um volume não muito alto porque meu humor não anda dos melhores.

Separo as roupas sujas das limpas, tiro a poeira dos livros e encero os móveis. Como o apartamento é pequeno, faço tudo bem rápido e sem dificuldade. Quando dou por mim, já estou limpando a sala. Escuto meu celular tocar e coloco a televisão no mudo. Não reconheço o número.

— Alô?

— Oi, Catarina? — Escuto a voz masculina do outro lado e sinto meu coração vibrar. Eu conheço essa voz. — Aqui é Vicente, você me mandou um e-mail.

Ele leu. Deus do céu, ele leu! Me sento no sofá, tentando ter um pensamento rápido sobre o que responder, mas meus batimentos estão acelerados e quase deixo o celular cair.

— Oi, sim. Isso. Enviei — respondo, nervosa. — Tudo bem?

— Tudo. Eu não posso demorar muito ao telefone, estou no hospital — Vicente fala, apressado.

— Certo, tem algum lugar que eu possa te encontrar para conversarmos? — Estou tremendo e nem sei dizer o porquê. Não quero parecer inconveniente, mas me surpreendo por ele ainda não ter perguntado sobre o teor da conversa.

— Sim, pode ser às dezoito horas?

— Claro, você está pelo centro?

— Sim, na Paulista. No hospital. Tem um bar bem reservado por aqui, posso te mandar o endereço se quiser. É longe para você?

Ele continua sem tocar no assunto. Não pergunta o real motivo do meu contato, e isso me assusta. Se a situação fosse inversa, se eu tivesse recebido um e-mail assim, teria ficado curiosa para saber do que se tratava antes de qualquer coisa. Ele não parece se importar tanto, talvez ache que deixou algo cair e eu tenha pego. Não sei. Encontrar com ele me parece ser urgente, mas tenho receio de que me considerará idiota depois de saber o que tenho a dizer e mostrar. A última coisa que quero é criar uma situação desnecessária na vida dele.

Tenho vontade de recuar, mas sei que procurei por isso. Digo antes que eu possa me arrepender:

— Estou em Santa Cecília. Me manda o endereço que estarei lá.

— Ok. Obrigado!

Ele desliga. Percebo que por causa da sua pressa, não entrou em muitos detalhes.

Saber que ele leu meu e-mail me deixa estranhamente feliz. Quero encontrá-lo novamente. Quero acreditar que é porque Vicente pode ter a resposta de tudo. Talvez ele seja o responsável por me livrar de toda essa culpa, minha redenção. De repente meu WhatsApp bipa com o endereço do bar.

Ok, aqui vou eu.



Reparo na foto do WhatsApp de Vicente assim que ele me envia o endereço do bar. Ele está de óculos escuros, sem barba, com uma camisa lisa preta de mangas e seus cabelos um pouco mais curtos do que no dia que o vi. Ele sorri e algo me faz pensar que essa foto deve ter sido tirada antes desse maldito acidente. Balanço a cabeça, voltando minha atenção para o que estou fazendo. Fico parada em frente ao guarda-roupa por quase meia hora sem encontrar algo apropriado.

Quero parar de pensar em como ele é bonito, porque isso me atrapalha a raciocinar. Ele é casado, está com a mulher em coma e não posso vê-lo mais como o cara que me salvou do banheiro do fórum. Agora ele é apenas o nome do convite de casamento nas coisas do meu pai e isso precisa bastar.

Tento reorganizar meus pensamentos. Pego uma calça jeans e uma blusa preta com alguns detalhes dourados no pequeno decote e decido usar isso mesmo. Visto a roupa apressada, porque ainda preciso me maquiar. Depois de todo o processo, passo um pouco de perfume e calço meu scarpin preto preferido. Coloco o convite na bolsa e desço até a portaria para pedir um carro até o bar, não quero dirigir porque pretendo beber pelo menos uma taça de vinho antes dele chegar, já que a ansiedade me atropelou.

Chego no The Joy em Higienópolis dez minutos antes do horário marcado. O local ainda está um pouco vazio e não encontro Vicente, então me sento a uma mesa nos fundos e, no lugar do vinho, peço uma cerveja artesanal. Antes da bebida pousar à mesa, recebo uma mensagem dele dizendo que chegou. O vejo na porta do bar, também de calça jeans e uma blusa verde musgo. Faço sinal com as mãos e percebo sua expressão de confusão ir embora quando me encontra. Me levanto para cumprimentá-lo e consigo notar as olheiras assim que se aproxima. Ele continua bonito, mas parece tão cansado que sinto uma pena imediata e quase me arrependo de tê-lo chamado para falar de algo que deve ser tão banal próximo ao que está passando.

— Chegou agora também? — ele pergunta assim que me cumprimenta com uma das mãos.

— Sim, acabei de pedir uma cerveja. Quer uma?

— Quero. Vou pedir algo para comer, marquei aqui porque adoro a comida e estou exausto e faminto. Nem lembro quando foi a última vez que comi hoje. — Ele faz o pedido sem olhar o

cardápio.

Nossas bebidas chegam juntas e brindamos rapidamente, dentro de um clima muito desconfortável e estranho. O que eu queria também? Não nos conhecemos. Eu que o chamei para uma conversa e agora estou aqui parada na frente dele sem saber por onde começar. Bebo um gole gelado, apreciando o sabor. Vicente me encara.

— Desculpa ter falado contigo dessa forma, eu não sabia por onde começar. Foi o único contato que encontrei — falo, constrangida.

— Sem problemas, eu te salvei de um banheiro e te ajudei com a bolsa no corredor, somos quase amigos já — ele brinca, seu sorriso tem um ar de tristeza que não para de me incomodar. Não sei se isso é impressão minha por saber de sua história ou se ele está mesmo se sentindo assim.

— Verdade! — devolvo. — Antes de tudo, como estão as coisas no hospital? — Tento ser educada ou falo isso para aliviar o ambiente para chegar onde quero, não sei.

— Ah, na mesma. Eu não tenho mais o que fazer. Vivo de reunião em reunião, praticamente moro no hospital. Estou sozinho nessa — ele desabafa.

— E a família dela? Não ajuda?

— Ela não tem ninguém aqui. Só eu — ele responde. — Enfim, estava precisando sair um pouco de lá. Por isso aceitei tão prontamente o convite de uma desconhecida. Parece loucura, eu sei. Mas fico feliz por você não ser uma repórter curiosa.

— Quem te disse que não sou uma repórter? — brinco.

— Vai por mim, reconheço de longe. Tem um ano que fujo de todos eles. Virei expert! — Bebemos mais um gole da cerveja.

— Eu imagino. No início ficavam me procurando também, para saber do meu pai. Mas já deixei de ser novidade há algum tempo.

— Você perdeu seu pai no mesmo acidente? Sinto muito. Por isso estava no fórum?

— Exatamente. — Dou um sorriso tão amarelo quanto o dele. — Estava tentando resolver as coisas de forma amigável, mas não deu muito certo. Acho que você percebeu! — Reviro os olhos, me lembrando de Leonardo e de todo o vexame naquele corredor.

— Sim, percebi. — Ele muda de posição na cadeira, tentando ficar mais confortável. — Mas me diz, o que eu perdi naquele fórum que você achou? Minha cabeça anda tão bagunçada que não duvido de mais nada.

Estou tão gelada quanto a cerveja à minha frente, mas sei que preciso fazer isso logo.

— Na verdade, não foi no fórum.

Vicente arqueia as sobrancelhas. Abro minha bolsa e puxo o convite, colocando na sua frente. Ele continua olhando para mim, sem entender. Pega o envelope e abre, surpreso ao ver seu convite de casamento. Enruga a testa.

— Por que você está com isso?

— Essa é a pergunta que eu queria te fazer! — digo. — Achei esse convite nas coisas do meu pai e descobri que ele estava no mesmo voo que a Natália. — Aponto para o papel na mão dele. — Fiquei curiosa para saber de onde eles se conheciam, já que eu nunca ouvi falar de vocês até agora.

Vicente continua revezando o olhar entre o convite em sua mão e meu rosto.

— Não estou entendendo...

— Encontrei só agora porque estava escondido em uma caixa no armário dele, por isso achei esquisito. Você conhecia meu pai?

— Acho que não. Quem era seu pai? Ele morava aqui?

— Alfredo Martins. Não. Em Petrópolis. Não temos família aqui em São Paulo — explico.

— Realmente não sei o que te dizer, Catarina. Não posso te ajudar. Natália está em coma e eu definitivamente não conheço seu pai.

Vicente parece tão desorientado quanto eu. Sei que deve estar se perguntando diversas coisas agora, porque me senti do mesmo jeito quando encontrei o convite.

— Tudo bem. Mas você sabe quem é a Natália. Não pode me ajudar a descobrir de onde eles se conheciam? Porque a única resposta agora é essa, não é? Ela deve conhecer ele.

Vicente termina sua cerveja e puxa a carteira, colocando o dinheiro em cima da mesa.

— Não posso te ajudar, já estou passando por muita coisa agora. Estou cansado demais. Pode pagar para mim, por favor? — Ele se levanta.

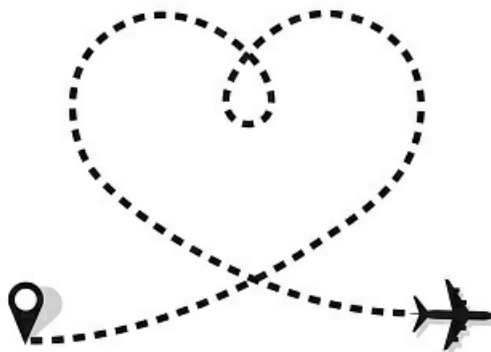
— Vicente, você nem comeu. Eu não queria...

— Não posso te ajudar, Catarina — ele repete e sai do bar, me deixando sozinha.

A dúvida novamente me invade. Não sei se falei demais, se exagerei ou se fui muito incisiva na conversa. Vicente parece ser uma pessoa boa, todavia toda essa confusão deve estar mexendo muito com ele também. Peço outra cerveja e mergulho em meus próprios pensamentos enquanto espero a comida, afinal, alguém teria que comer. Não posso deixar de me sentir decepcionada e um pouco irritada por essa atitude. Sei que ele está passando por muita coisa, que ele não me conhece, mas poderia apenas ter sido mais educado, eu não iria insistir. Passo a mão na testa e percebo que estou suada. A única forma de chegar até Natália acaba de sair por aquela porta e sei que agora terei que continuar sem ajuda.

Preciso fazer algo. Consigo entender o lado dele, sei que está mesmo sobrecarregado e que a vida não tem sido fácil, porém isso não quer dizer que vou deixar tudo para lá. Se ele não quer me ajudar, vou fazer isso sozinha. Não sei se é a cerveja falando mais alto, mas vou dar um jeito de encontrar essa resposta, e acho que já sei como.

CAPÍTULO 8



Levanto com uma baita azia. Vou até a cozinha, pego uma água gelada e tomo com um antiácido. Encarar o embrulho da comida da noite anterior na minha mesa só me faz lembrar o encontro malsucedido com Vicente. Depois de uma noite de sono, sinto que a raiva se dissipou e uma estranha compaixão tomou seu lugar.

Após meu café, que não ajuda em nada minha azia, tomo um banho e me arrumo. Não sei muito bem o que vou encontrar no hospital, mas preciso ir e tentar. Pego minha bolsa com o convite e sigo até lá.

Quando estaciono em frente a uma lanchonete próxima ao prédio do hospital, me pergunto o que realmente quero ali. Apoio a cabeça no volante. Não sei se estou fazendo a coisa certa, mas preciso de uma resposta. Não vou conseguir conviver com a ideia de ter quase tentado.

Saio do carro e sigo em direção à portaria. A movimentação está intensa, paro na recepção e observo as pessoas entrando e saindo. Como vou conseguir ver Natália? A ideia é encontrar algum amigo dela, conhecido, qualquer pessoa que possa me ajudar, só não pensei em como fazer isso aqui.

Continuo observando tudo ao meu redor e me pego pensando em Carolina. Se ela souber que estou fazendo isso, vai dizer que fiquei maluca! E quem não acharia? Fiquei obcecada por um convite, mandei e-mail para um desconhecido e agora tento entrar furtivamente em um hospital. Só posso estar louca mesmo.

Quase decidindo abortar a missão, encontro os olhos de Vicente. Eu sabia que ele chegaria a qualquer momento e não estava errada. Preciso, pelo menos, me desculpar pela noite anterior, me sentiria da mesma forma se um desconhecido de repente resolvesse invadir minha privacidade. Noto em sua expressão que não parece nada feliz em me ver.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta.

— Oi, é... eu... eu vim te procurar. Sei que o horário de visitas é pela manhã.

Vicente me puxa pela mão até a lateral do hospital.

— Não falei que não posso te ajudar? — devolve impaciente.

— Sim, mas queria te pedir desculpas pelo transtorno. Eu não queria te ofender ou te pressionar ainda mais. Sei que tem muita coisa em cima de você.

— Olha, tudo bem. Ok. Só deixa isso para lá. Já tenho muito com o que me preocupar. Preciso ir. — Vicente encerra e volta a caminhar até a entrada. O sigo.

— Vicente, por favor, só mais uma coisa. — Nem penso direito ao fazer isso. Ele me encara, parecendo irritado. — Eu sei pelo que está passando. Não tem que enfrentar tudo sozinho. Se precisar de algo, você tem meu número.

Sigo até o carro. Não sei se fiz a coisa certa, todavia entendo o que é ter que encarar tudo de frente, sozinha. Não pretendo atormentá-lo mais com minhas indagações, eu vou encontrar outro jeito de resolver o meu problema, e o que me leva até isso é pensar que talvez o dele não tenha muita solução.



Chego em casa doida para tomar banho e ver um filme na televisão depois do longo dia de compras com Aline. Coloco meu celular para carregar e demoro na ducha, certa de que isso me fará relaxar. Me enxugo rapidamente porque o tempo está começando a esfriar. O céu está nublado e tenho a impressão de que começará a chover em breve, o que não é incomum em São Paulo, mesmo no verão. Vejo a tela do meu celular acender e me lembro que ele está no silencioso. Quando o nome de Vicente aparece fico paralisada. Nosso último encontro foi há dois dias e decidi não me aproximar mais, já que ele parece tão atormentado com minhas tentativas.

— Quatro ligações não atendidas — leio em voz alta.

A estranheza do contato me invade. Foi Vicente que disse que não poderia me ajudar e com o seu comportamento ríspido, entendi que não queria mais contato comigo. Fico em dúvida se devo ou não retornar à ligação, mas algo dentro de mim não consegue parar de pensar que ele pode ter mudado de ideia, pode ter encontrado algo para me ajudar, não sei. Se fosse engano, não teria me ligado tantas vezes seguidas.

Respiro fundo antes de retornar:

— Alô! — A voz de Vicente faz algo vibrar em meu estômago.

— Oi, tudo bem? Você me ligou? — pergunto, mesmo sendo óbvio.

— Você aceita um jantar como uma forma de me desculpar pelo meu comportamento essa semana?

— Oi? — Estou confusa.

— Comprei umas coisas para jantar em casa, quer me acompanhar? Estou me sentindo mal pela forma que te tratei e acho que podemos conversar melhor aqui.

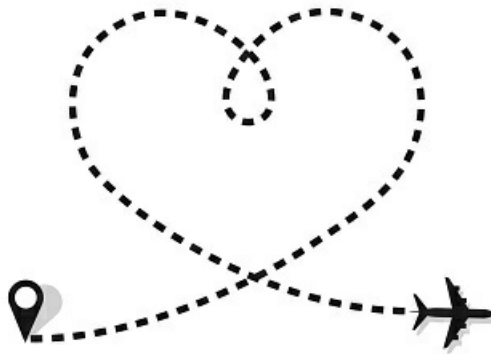
Estou exausta e só quero ficar sozinha. Consegui me distrair um pouco com minha amiga, e mesmo com toda a insistência para que eu também vá ao evento anual da AirSky Lines com ela, mantive minha opinião. Não existe a mínima chance de confraternizar com essa empresa. Para falar a verdade, acho que ela queria uma desculpa para me tirar de casa um pouco.

Mesmo que ir ao shopping não seja meu passatempo preferido, tenho que concordar que foi uma tarde divertida. Passei tanto tempo envolvida nas histórias de Aline que meus problemas ficaram a certa distância da minha consciência, e com tudo o que está acontecendo, é bom me sentir assim mesmo que tenha hora para acabar. Basta pisar em casa e tudo volta, como se meu apartamento fosse apenas um lugar para armazenar as memórias fora do meu corpo.

Desconfio da proposta de Vicente, mas me sinto muito tentada a ir. Quem diria que ele me surpreenderia com um convite agora? Tento ignorar o medo que sinto. Fico dividida entre a insegurança que a possibilidade de descobrir toda a verdade me traz e a vontade de ver Vicente de novo. Talvez o universo estivesse me mandando um sinal, uma nova chance para saber o que aconteceu e acalmar meu coração de toda essa história.

— Me manda o endereço, te encontro aí. — Decido, por fim.

CAPÍTULO 9



Toco o interfone com as mãos trêmulas. Apesar de saber muito mais sobre Vicente do que ele sobre mim, mando o endereço para Aline ter ciência de onde estou. A sensação de estar em um lugar desconhecido não me é agradável, ainda assim me forço a acreditar que vai dar certo.

Vicente atende de imediato e libera a entrada para que eu suba. Me encaro no espelho do elevador e conserto o batom nude que está um pouco borrado. Ajeito a gola da blusa vermelha. Antes de entrar no prédio, a chuva ainda não caía, porém os relâmpagos eram intensos, anunciando a chegada de uma possível tempestade de verão.

Chego no nono andar e procuro pelo apartamento 903. Não demoro a encontrar, pois a porta se abre e vejo Vicente. Ele está descalço, de bermuda jeans e uma blusa cinza de manga comprida. Faz sinal para que eu me aproxime. Tem algo de leve em sua expressão, diferente das outras vezes que nos encontramos, porém ignoro porque não ando sendo bem-sucedida nas nossas conversas. Espero que o início parta dele até eu encontrar um terreno seguro.

— Boa noite, desculpa te chamar em cima da hora. — Ele me estende a mão assim que paro em frente à sua porta. — Pode entrar, fique à vontade.

Sigo Vicente e observo o corredor. Há alguns quadros na parede branca, um tapete para colocar os calçados, onde tiro o meu e também fico descalça. Vicente me mostra a cozinha toda de inox. Ela cheira a frango. Me leva até a sala, onde há um enorme sofá de couro preto, uma televisão no suporte da parede e uma mesa de madeira escura com quatro lugares. A decoração é toda cinza com preto. O apartamento é relativamente grande, tanto quanto as janelas da sala, e me assusto só de pensar em olhar lá para baixo.

— Bela vista! — Aponto para a janela ao lado de uma estante de livros.

— Bonita e assustadora — Vicente responde. — Estou terminando o jantar, quer beber algo? Não tenho cerveja, mas tenho Gin, se você gostar...

— Aceito!

Quando Vicente vira as costas e volta para a cozinha, me sento no sofá. Tudo isso me lembra muito os encontros de pessoas que se conhecem por redes sociais, estranho e desafiador. Espanto o pensamento quando ele retorna para a sala, dessa vez segurando dois drinks com limão.

— Cinco minutos e a comida estará pronta. — Me entrega o copo e brindamos sem nenhum motivo para comemorar, pelo menos aparentemente.

— E qual é o cardápio?

— A única coisa que sei fazer: estrogonofe de frango. Espero que não tenha nenhuma restrição. — Vicente sorri, mas não me encara. O silêncio permeia por alguns segundos, incômodo. Cruzo as pernas.

— Posso perguntar o que te levou a me ligar agora ou melhor esperar a comida ficar pronta dessa vez? — brinco, me lembrando do pedido que ele deixou no bar.

Ouçõ o apito do microondas e Vicente coloca o dedo em riste.

— Melhor esperar a comida!

Aguardo sua volta experimentando o gin, que está delicioso, só preciso me lembrar de ir devagar para não estragar tudo. Lá fora a chuva se prepara para despencar feroz e os raios rasgam o céu, me deixando arrepiada.

Vicente coloca a mesa e me chama para comer. Arrumamos nossos pratos e me sento de frente para ele. Coloco um pouco na boca e aprecio a comida.

— Aprovado. Está tudo ótimo! — comento.

— Bom, então agora já posso começar a falar. — Assinto com a cabeça para que ele continue. — Eu queria te pedir desculpas pela forma como me comportei naquele dia. Não costumo ser grosseiro assim com as pessoas, mas eu ando tão sobrecarregado que fico puto por qualquer coisa. Só fui perceber que tinha feito merda quando você ainda me ofereceu ajuda antes de ir embora. Não paro de pensar nisso — explica.

— Não se preocupe, eu entendo o que você está passando. Também não tinha nada que te procurar no hospital, não somos amigos.

— É, mas diferente de muita gente, apesar dos seus motivos para me procurar, ainda quis me ajudar — completa.

— Eu me identifico muito com você, com tudo o que está passando, não sei se é pelo fato de ser piloto...

— Como você sabe? — me interrompe. — Ah, internet! — Vicente se lembra. — Mas por quê?

— Sou comissária de bordo na AirSky Lines.

Vicente me encara com a boca entreaberta, provavelmente surpreso.

Terminamos o jantar falando de trabalho, do motivo de eu ter escolhido aquela profissão. Passo uma boa parte do tempo em um monólogo sobre os últimos acontecimentos da minha vida e só percebo isso quando noto que já acabamos de comer. Vicente pede licença e vai até a cozinha fazer novos drinks enquanto me sento no sofá da sala e o aguardo. A bebida me ajuda a ficar mais calma. Vicente parece querer se aproximar de alguém que não esteja apenas interessado em sua vida, em sua mulher no hospital, que possa falar também de outras coisas. Já estou praticamente relaxada quando ele volta e senta ao meu lado, longe o suficiente para não ficar constrangedor.

— Eu estudei muito para ser piloto, sonho com isso desde criança. Minha mãe fez o que podia antes de morrer para que eu conseguisse realizar. Ela me criou sozinha e sempre teve tudo com muito sacrifício. Se ela pudesse me ver agora, estaria decepcionada. — Suas palavras me atingem com pesar.

— Por quê?

— Porque Natália foi minha desculpa para largar tudo.

A luz pisca, acompanhando a espera da tempestade do lado de fora.

— Posso te mostrar um lugar? — pergunta, mudando de repente de assunto.

— Agora? — Arregalo os olhos.

— Será rápido, prometo.

Concordo com a cabeça, mesmo não estando muito certa disso, e o sigo até a garagem.

Entro no carro de Vicente sem entender absolutamente nada. Primeiro ele me chama de repente para o seu apartamento, desabafa como se fôssemos amigos de longa data e agora estamos acelerando pela Marginal Tietê sabe Deus para onde. O tempo está feio lá fora, vai chover a qualquer momento, as janelas fechadas e o ar condicionado gelado do automóvel fazem meu corpo arrepiar. Aliso meus braços e ele percebe, aumentando a temperatura.

— Isso já pode ser considerado um sequestro? — quebro o silêncio. Ele me olha de soslaio, com uma expressão divertida no rosto.

— Acho que só depois de vinte e quatro horas.

— Ok, vou relaxar, então — brinco.

— Confie em mim, você vai se sentir em casa.

Só percebo para onde estamos indo quando vejo a placa do Aeroporto de Congonhas. Relaxo um pouco, todavia não consigo deixar de me questionar: por que cargas d'água esse homem está me levando a essa hora da noite para um lugar que ambos frequentam há anos? Vicente estaciona em uma rua paralela a pista de voo e sai do carro, parecendo empolgado. Abre a porta do carona, o que me faz ter uma clara visão de seu rosto próximo demais de mim.

— Agora posso perguntar o que estamos fazendo aqui?

Ele atravessa a rua me puxando pelo braço e chegamos a grade que separa o aeroporto das casas.

— Eu venho aqui sempre que quero colocar a cabeça no lugar.

— Mesmo antes de uma tempestade? — Encaro o céu piscando sob nossas cabeças.

— Deixa tudo ainda mais bonito, não acha? — Vicente se senta na grama e me chama com uma das mãos.

Faço uma careta, resistindo um pouco, mas acabo cedendo. Me posiciono ao seu lado.

— O que tem de especial?

— Você vai ver...

A chuva fininha molha a pista do aeroporto iluminada. Aguardo em silêncio algo que não sei o que é, porém, por algum motivo inexplicável, me sinto à vontade ao lado desse completo estranho. Um avião taxia para decolagem e vejo Vicente ficar ereto, sem tirar os olhos dele. O acompanho e me surpreendo ao perceber quão incrível é a cena à minha frente. As luzes e a água se misturam conforme ganha altura. O vento se intensifica junto com a velocidade da aeronave, abraço-me e, com isso, meu braço esbarra no de Vicente. Meus pelos se eriçam com o toque e me esforço para afastar meus olhos dele e focar no espetáculo que me proporcionou. A sensação é acalentadora. É realmente como estar em casa.

— Eu não aguentaria a pressão do trabalho com o que está acontecendo com Natália. Me sinto culpado por colocar esse peso nela, que nem imagina o que passou, porém nada me faz ficar bem. Venho aqui para tentar recuperar um pouco quem eu era antes disso. — Ele me fita rapidamente e torna a observar o avião.

— Não tem que se culpar por isso — falo, como se eu fosse capaz de confortar alguém sobre esse assunto.

— Vejo Natália naquela cama, definhando, e não consigo sentir nada além disso. Pesar.

— Você não sabia que o acidente ia acontecer. Não tinha como prever — repeti o que tentava acreditar, sem sucesso.

— Não me sinto assim pelo acidente. Só no início. Agora me sinto mal por ter abandonado minha vida. Natália é uma lembrança de que não fui capaz de lidar com isso.

A chuva aperta e, tanto eu quanto Vicente, ignoramos seu contato feroz com nossos corpos.

— Você fez o que achou certo. — No impulso, seguro sua mão gelada e ele aceita o carinho. O avião já é uma luz distante no céu tempestuoso.

— Eu não consegui parar de trabalhar quando meu pai morreu. Não podia encarar minha família, meus amigos, então voei um dia após o outro, jogando terra em tudo o que eu precisava resolver.

— Até agora... — completa.

— Exato. Ninguém consegue fugir por muito tempo.

Reflito por um instante. É curioso como duas pessoas podem passar pela mesma situação e reagirem de formas opostas. Eu fugi de um jeito, Vicente de outro. E viemos parar aqui. Juntos. Um avião pousa e desliza rapidamente pela pista. Estou encharcada, entretanto nada me incomoda, pois só consigo sentir a mão de Vicente na minha.

Um trovão nos faz tremer com o susto. Ele se levanta e me puxa com delicadeza em seguida. Nos aproximamos da grade, ainda presos um ao outro. Seu dedo acarinha minha pele, causando um efeito desconhecido por todo o meu corpo, confuso, mas bom.

— Acho que a chuva não vai parar tão cedo... — comento.

— Percebi também. — Sorri, e fica de frente para mim, fitando meu rosto.

— Obrigada por me trazer aqui, nunca pensei que voar poderia ficar ainda mais bonito aqui embaixo.

— Você parece tão maluca quanto eu. — Ele se aproxima, diminuindo passo a passo a distância entre nós dois. — Obrigada por ter vindo, é bom poder falar com alguém que me entende de verdade.

Algo estranho acontece quando Vicente segura meu rosto com uma das mãos, passando o dedo sob minha bochecha. O atrito e a proximidade me deixam tonta. O contato visual e físico nos prende por alguns segundos. Encaro sua boca molhada pela chuva e mesmo que não devesse, ela me atrai, o que me perturba.

— É... sua maquiagem. Borrou — Vicente fala, constrangido, me mostrando o dedo sujo de rímel.

Droga!

Me afasto e passo a mão em meu rosto, enxugando-o.

— Eu não estava esperando um banho desses hoje — disparo, sentindo o rosto queimar de vergonha e culpa pelo que senti segundos antes.

— Vamos voltar, ainda falta a sobremesa.

Entramos no carro, os dois um tanto desconcertados.

Deus do céu, o que estou fazendo? Não sei por que me sinto tão mexida por este homem que devia ser proibido para mim. Tanto tempo sem ninguém, será que isso não passa de carência? Pegamos a avenida, com a tempestade intensa voltar para o apartamento de Vicente vira uma tarefa arriscada, tanto pela chuva, quanto pelo meu corpo em combustão.

Mesmo após me secar e comer a sobremesa, parte de mim não quer ir embora, porém sei que preciso ou não vou conseguir chegar em casa hoje.

— Melhor eu ir, parece que a chuva não vai parar — comento, preocupada.

— Não está com cara mesmo, vai alagar rapidamente. Já nos aventuramos demais por hoje. É

perigoso sair com esse tempo. Se você quiser, pode ficar aqui.

O encaro com os olhos semicerrados.

— Não, imagina. Eu não vim preparada para isso e não quero incomodar.

— Eu te assusto tanto assim?

— Não pela aparência — brinco, e meu rosto cora com o que acabei de falar. — Quer dizer, não me interprete mal...

Ele me corta, mudando de assunto:

— É o mínimo que posso fazer depois da forma que te tratei. Pode dormir lá no quarto, eu durmo aqui.

Continuo boquiaberta. Será que ele compreende que não nos conhecemos? Que não temos nenhum vínculo? Quero acreditar que a única coisa que me trouxe até aqui foi o convite, entretanto, não falamos sobre isso até agora e não sei mais dizer o que me deixa tão interessada na vida de Vicente.

Ele é casado, afirmo para mim mesma. Não posso me sentir atraída por um cara com a esposa em coma e cheio de problemas, como se não bastassem os meus. A dúvida parece me corroer. Às vezes, o que é certo está tão nítido, mas simplesmente não consigo dar nenhum passo em sua direção.

A luz pisca outra vez e um raio risca o céu, fazendo um estrondo horrível.

— Tudo bem. Obrigada! — Aceito sua sugestão. Meu medo de ficar presa em um engarrafamento essa hora é maior do que meu superego.

— Ok! Vou arrumar o quarto, já volto — diz. Porém, antes de sair da sala, Vicente se vira para onde estou. — Catarina, vou procurar saber sobre o convite. Tentar te ajudar.

Confirmo com a cabeça e o vejo desaparecer no outro corredor. Sinto que estou cada vez mais perto do que quero, porém, ao observar Vicente voltar com um travesseiro nas mãos, meu único medo é de me perder no caminho.



Acordo pela manhã e demoro a me situar. Encaro as cortinas, os móveis e passo as mãos pelo lençol até me dar conta de que estou mesmo no quarto de Vicente, na cama dele. Escuto sua voz do lado de fora. Preciso ir embora.

Me levanto e tento desamassar minha roupa em frente ao espelho. Quando abro a porta do quarto e sigo até o banheiro, percebo que a voz está vindo da área de serviço. Vicente parece ansioso quando o observo de soslaio, está gesticulando e andando de um lado para o outro. Penso em aguardar na sala para agradecer por tudo, todavia tenho a impressão de que ele está tão focado na conversa ao telefone que sequer notará minha presença se eu sair de fininho.

— Tudo bem, ok. Vou dar um jeito aqui — fala.

Fecho a porta e uso o banheiro enquanto tento decidir se espero por Vicente ou não. Apesar de não ter acontecido nada fora do normal na noite anterior, sinto que ele está mais próximo de mim. Praticamente há uma semana eu nem sabia da existência dele. Não havia convite e muito menos Natália, mas agora, estou aqui na casa que talvez seja deles dois.

Mesmo confusa, preciso admitir que me sinto bem melhor do que ontem, quando cheguei. Sei que só o tempo vai dizer se estou fazendo a coisa certa, não adianta ficar pensando nisso agora. Resolvo não interrompê-lo, então atravesso a sala, porém Vicente parece agitado. Ele está de pé sem camisa e com a calça cinza de moletom dobrada nos joelhos. Parece procurar por algo. Ele se vira e reparo a tatuagem de um dragão no braço. Seus olhos encontram os meus:

— Acordou? — pergunta, apesar de parecer óbvio. Seu rosto está anuviado em uma mistura de surpresa e constrangimento.

— Não queria te interromper, então já estou indo. Está tudo bem?

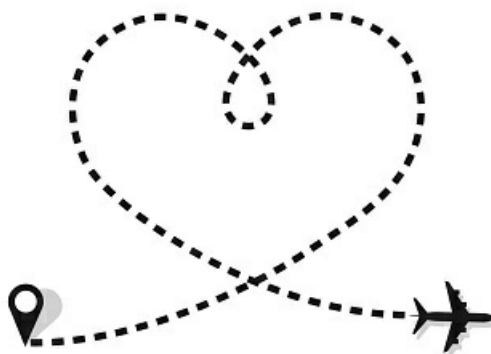
Ele me dá um breve sorriso. O que quer que tenha escutado no telefone o motivou. O fato de não ser tão próxima dele me faz pisar em ovos, sem saber direito se devo ou não perguntar o motivo daquele humor estranho. Não quero ser invasiva novamente, porém não consigo encontrar outra saída, e acabo cedendo à minha curiosidade.

— Aconteceu alguma coisa? — questiono baixinho, com cautela.

Vicente respira fundo como se o mundo tivesse saído de suas costas.

— Natália acordou.

CAPÍTULO 10



Sem saber muito o que estou fazendo, decido acompanhar Vicente até o hospital, já que parece muito nervoso e afirma se sentir incapaz de dirigir. O percurso é silencioso, mas não de uma forma esquisita. Lulu Santos canta “Toda forma de amor” no rádio e Vicente tamborila os dedos agitados na porta do carro. Parece ansioso, animado com a notícia. Penso em perguntar se precisa de algo, mas acho que já estou fazendo tudo o que posso.

Estaciono nos fundos e seguimos pela portaria B, chegando à recepção em dois minutos. Vicente autoriza minha entrada pedindo meus documentos e entrega para a recepcionista, o que me surpreende. Por que ele quer que eu vá até lá? Ele quer que eu conheça Natália? Escuto a secretária informar que o médico irá encontrá-lo no quarto e caminho atrás de Vicente por alguns corredores.

— Ela está naquele quarto. — Aponta para sua esquerda. — Pode esperar aqui? — pede, constrangido e ao mesmo tempo inquieto. Acho que só agora ele percebeu que eu não faço parte desse cenário, porém é educado demais para voltar atrás.

— Claro.

Me sento em uma das cadeiras acolchoadas no corredor e aguardo. A primeira coisa que penso enquanto observo o entrar e sair dos quartos é que não faz o menor sentido eu estar aqui neste lugar. A agitação dentro de mim é tão grande que fico me perguntando se me envolver na vida dessas pessoas vale mesmo à pena só para descobrir algo sobre meu pai que ele claramente não quis compartilhar. Estou dividida entre o sentimento de vitória — para quem estava sem nenhuma opção quando acordou ontem, hoje estou muito perto de ter a resposta que quero — e o sentimento de confusão, já que não sei mais afirmar que tudo isso é somente pelo convite.

Vicente não sai da minha cabeça. Desde Leonardo, não havia me sentido tão atraída por alguém assim e sei o quanto isso parece errado, ainda mais agora. Me levanto e ando pelo corredor. Minha cabeça lateja e pode ser pela ressaca do gin ou pela dor na consciência.

Tento pensar em uma solução. Hoje não é um bom dia para falar com Natália. Muita coisa aconteceu desde o acidente e deve ser difícil se situar. Ela precisa de tempo. Eles precisam.

Me aproximo do seu quarto e a porta está entreaberta. A vejo deitada, com os olhos marejados, encarando o rosto ardente do seu marido. Seus braços estão magros, o rosto mais fino do que nas fotos das redes sociais e seus cabelos loiros estão bagunçados no travesseiro. Vicente está de pé ao seu lado na cama, seus dedos entrelaçados com os de Natália, e ele parece estar chorando junto com ela.

Me afasto e volto atordoada até o carro. O que eu estou fazendo com a minha vida? Não tenho o direito de me envolver nisso. Ligo o som com o volume mais alto que posso, tento espantar aquela imagem e todos os pensamentos angustiantes que me invadiram. Sigo até meu apartamento e tenho a mísera impressão de que o caminho para casa nunca foi tão demorado.



A única coisa que consegui com toda essa loucura dos últimos dias foi acumular louça na pia. Enquanto lavo, não consigo deixar de pensar em Vicente e fico revivendo todos os momentos da noite passada, tentando descobrir em vão o motivo de ter ido à sua casa, dormido lá. Tudo pareceu tão íntimo. No fundo eu sei que isso deixou de ser apenas pelo convite há algum tempo, só preciso aceitar.

E até tento, mas minha consciência pesa ao me lembrar de Natália, de seu olhar de sofrimento e emoção preso em Vicente. Eu jamais me envolveria com um homem casado, sequer me permitiria ficar interessada em um, todavia acho que o fato de Natália estar em coma me fez vê-lo como se ela não existisse nessa história. Mas ela existe. E está viva e acordada.

Pego o celular e aperto no nome de Vicente. Só quero notícias, afinal, estava com ele no hospital e vim embora sem dar nenhuma satisfação. Achei que ele me ligaria, mas o relógio está marcando 21:45h e não acho que fará mais isso. A ligação cai na caixa postal e resolvo deixar para lá. Ele certamente tem muito o que pensar e fazer por hoje, melhor não interferir mais. Coloco o celular em cima do sofá e quando vou me sentar, a campainha toca. Acho estranho o porteiro não ter me avisado que alguém está subindo, mas me surpreendo ao observar pelo olho mágico.

Abro a porta.

— Sua maluca! Como assim? — pergunto ao me deparar com Carolina com a mesma mala que usava na casa dos meus pais.

— Oi, prima! É um prazer “recebê-la em meu apartamento” — debocha.

A puxo para um abraço apertado e fecho a porta assim que ela coloca a bolsa para dentro.

— Por que não me ligou? E se eu não estivesse em casa?

— Ah, com essa vida badalada que você tem, meu amor, eu tinha certeza que ficaria te esperando na calçada! — Carolina fala, sem muito humor, e se joga em meu sofá. — Preciso de um descanso!

— De quê? Seu trabalho é a mesma coisa que tirar férias o tempo todo! — implico.

— Ai, prima... Tive uma briga feia com Joaquim, eu acho que ainda não consigo lidar com tudo isso, então resolvi sair um pouco de lá.

— O que ele aprontou dessa vez?

— Eu aprontei dessa vez. Bebi demais, fui parar lá na casa dele de novo e fiz um show, você sabe como eu sou.

— Ai, Carolina! Não adianta se colocar nessa posição.

— Eu sei, mas são nove anos juntos. Como ele esqueceu tudo nessa velocidade e do nada?
Me aproximo da minha prima e a abraço novamente. Ela comenta:

— Relacionamento é uma droga! Cheguei aos trinta e estou sofrendo por causa de um. Achei que isso era coisa de adolescente.

— Realmente, é uma droga! — afirmo, mas dessa vez estou pensando na minha própria situação.

Meu celular toca e sinto um frio percorrer minha espinha quando vejo o nome de Vicente. Carolina encara a tela e volta seus olhos para mim, confusa.

— Quem é Vicente? — pergunta com um sorriso amarelo.

Não quero incomodar Carolina com meus problemas logo hoje. Sei que ela está magoada com seu término, veio para cá com a intenção de distrair e não posso enchê-la com meu drama que, inclusive, tenho certeza que ela irá desaprovar. Apesar de seu humor forçado, sei que tem algo errado. Porém, minha cabeça fica martelando porque nunca menti para ela. Nossa relação sempre foi muito próxima e somos confidentes. Não contar é algum tipo de traição?

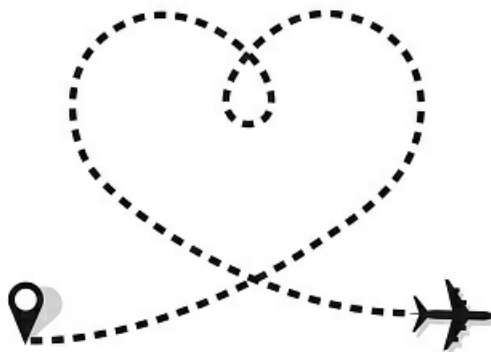
— Ah, ele está vendo um negócio com o advogado para mim. — Desligo a chamada, me levanto e vou até a cozinha pegar algo para beber na geladeira, tentando desviar a atenção.

— Não vai atender? — Carolina questiona.

— Isso é hora para falar desse tipo de problema? Amanhã eu retorno. Quer beber algo? — pergunto, mudando de assunto.

Sinto-me aliviada por Carolina não ter se lembrado do convite. Pego sua água e volto para a sala, retornando ao assunto que a trouxe aqui. Teremos tempo para falar de mim, sobre toda a loucura que minha vida se tornou e, apesar de curiosa para saber sobre Vicente, o foco hoje é Carolina. Ela está precisando de atenção e decido que, pelo menos por agora, meu assunto com Vicente está encerrado.

CAPÍTULO 11



— Catarina, só falta você! — Carolina grita da sala.

Estou no banheiro acabando de me arrumar para sair com minha prima e Aline, que ainda não chegou. Minhas férias vão terminar e não fiz nada com elas além de ficar me lamentando. Após oito dias sem notícias de Vicente, tenho a sensação de que este assunto está encerrado. Não retornei sua ligação e ele não me ligou mais. Entendi isso como uma forma de seguir adiante.

Sinto que engordei um pouco, pois meu vestido preto parece justo demais, mas Carolina disse que está perfeito. Não sei o que ela espera para essa noite, entretanto, sua animação com o fato de eu ter aceitado ir para um bar lotado em uma sexta-feira à noite é quase palpável. Passo um batom vermelho e custo a me reconhecer no espelho. Escuto o interfone tocar, deve ser Aline, porque Carolina atende e não me chama. Em menos de dois minutos, ouço sua voz na sala.

Passo um perfume, calço as sandálias e sigo até lá. Assim que me aproximo, dou uma voltinha para que vejam minha roupa.

— Uau! Que arraso! — Aline fala. — Até que enfim, sem pijamas! — Levanta suas mãos, como se agradecesse aos céus por essa evolução.

— Até parece que nunca me viram arrumada. — Pego a bolsa em cima do sofá.

— Faz bastante tempo! — Aline e Carolina falam juntas, me fazendo sorrir.

Somos interrompidas pelo interfone.

— Estamos esperando mais alguém? — pergunto, estranhando.

— Não! — Aline responde, enfática. Carolina dá de ombros, sem entender.

Atendo:

— Oi!

— Dona Catarina, tem um cara chamado Vicente dizendo que é seu amigo e que precisa falar com a senhora. Deixo subir?

Minhas pernas bambeiam e me apoio na bancada para não cair. O que Vicente faz aqui?

Como encontrou meu endereço? Como vou explicar isso para as duas? As perguntas me invadem sem permissão e sou interrompida pela voz do porteiro:

— Dona Catarina?

— Ah, pode deixar subir. Obrigada! — Viro-me para Aline e Carolina, que estão verificando a roupa uma da outra e tirando fotos.

— Quem era? — Aline pergunta, mas sem prestar muita atenção.

— Vicente — respondo, quase sussurrando, mas observo a expressão de Aline passar de relaxamento para curiosidade. Carolina parece não entender e vejo que não posso mais adiar isso, vou ter que contar para ela o que está acontecendo. — É, podem ir na frente. Eu vou resolver isso e já encontro vocês. O endereço está no meu celular.

— O que está acontecendo, Catarina? — Carolina indaga. Seu tom de voz mudou, então sei que ela percebeu que tem algo errado.

— Eu vou explicar tudo quando chegar lá no bar, ok? Podem ir.

Ouçoo duas batidas na porta e só então percebo que ainda estou agarrada a bancada da cozinha americana. Sigo até lá com Carolina e Aline em meu encalço e abro. Vicente está com o braço apoiado na parede, os olhos marejados e ele está fedendo a álcool. Carolina e Aline falam um “oi” fraco, mas passam direto por ele e vão até o elevador. Minha prima pergunta se está tudo bem, confirmo e faço sinal para Vicente entrar. Fecho a porta e o acompanho até o sofá.

— Quer água? — Apesar da enorme vontade de afogá-lo em perguntas, decido ir com calma. Ele definitivamente não parece bem.

— Não, obrigado. Desculpa, você estava saindo? Você está... — Vicente me encara e o interrompo.

— Tudo bem. Eu encontro com elas depois. O que houve?

— Eu não tinha a quem recorrer.

— Aconteceu algo? — Ignoro o fato de não ter respondido se aceitava a água e pego o copo mesmo assim.

— A Natália. Ela... está difícil! — Vicente bebe um pouco. — Ela não aceita o que está acontecendo, está afastando as poucas pessoas que querem o bem dela, enfim. As coisas só pioram!

— Acho que é normal ela ficar confusa, ficou um ano em coma. Leva tempo para se adaptar, compreender tudo...

— Não é só isso. Ela não está bem de saúde. Um rim parou e o outro está indo pelo mesmo caminho, não temos nenhum doador compatível, ela não aceita nada. Saí do hospital e fui beber, desculpa chegar aqui assim, mas estou no meu limite. — Vicente passa uma das mãos nos cabelos.

Seus olhos encontram os meus e sinto pena. Não sei como posso ajudá-lo, não sei o que falar. Compreendo neste momento que seus problemas são muito maiores do que um simples convite de casamento. Me sento ao seu lado e deixo que Vicente fale tudo o que está sentindo. Até quero perguntar como ele conseguiu meu endereço, mas deixo para lá. Eu também me senti desorientada com a morte do meu pai, ainda me sinto um pouco, e sei que a dor de ver alguém que você ama ir embora é inquestionável.

Quando Vicente termina, o abraço. Quero acreditar que ele veio até aqui procurar apoio, mas quando afunda seu rosto no meu pescoço, a proximidade me deixa arrepiada. Ele fala algo que não consigo entender, porém não consigo responder nada porque ele pressiona sua boca contra a minha. Seus olhos estão apertados enquanto os meus estão estatelados. Não faço ideia de como devo agir e até tento evitar, mas sua língua me invade, feroz, compartilhando o gosto de vodka.

Quando fecho meus olhos, Vicente se afasta.

— Desculpa, Catarina. Não posso fazer isso. Me desculpa.

Ele se levanta e sai, porta afora, me deixando no sofá com seu cheiro, seu gosto e minha consciência pesada por estar definitivamente apaixonada por ele.



Chego ao bar no bairro Jardins meio atordoada e não demoro a encontrar Carolina e Aline em uma mesa próxima a uma enorme janela de vidro. Que irônico, o bar é especializado em servir gin. Isso me lembra o dia em que estive na casa de Vicente. Que inferno! Agora tudo me lembra ele. Tento disfarçar meu constrangimento quando me sento e peço uma bebida.

— Por que esse bar? — pergunto assim que o garçom se afasta.

— Porque você não gosta de tumulto e gosta de gin — Aline explica.

Mais do que deveria, penso.

— O que foi que aconteceu naquele apartamento? Já pode começar a explicar? — Carolina questiona. Sei que, pela sua expressão, ela não está nem um pouco satisfeita.

— Deus, como vocês são curiosas! — implico.

— Não é questão de curiosidade, meu amor. Um cara maravilhoso daquele na sua porta e você não quer que eu pergunte? — minha prima completa sem tirar os olhos dos meus.

Não havia como adiar mais, então quando meu drink chega, tento explicar com o máximo de detalhes que consigo tudo o que aconteceu desde que voltei de Petrópolis. Quando termino, falando sobre o beijo inconsequente e todo o peso em minha consciência, Aline e Carolina estão rindo.

— O que foi? Não escutaram meu drama ou já é efeito da bebida?

— Às vezes fico me perguntando como alguém pode complicar tanto a própria vida — Carolina comenta.

— Do que você está falando?

— Eu te falei para deixar isso para lá. Mas não, você foi fuçar a vida do cara, da mulher dele, agora está aí. Na merda.

— Ok, até concordo que as coisas estão indo longe demais, mas eu incentivei, admito! — Aline levanta as mãos. — Eu também estaria curiosa se fosse meu pai.

— A mulher do cara está em coma, gente! Era para ter parado aí mesmo.

— Estava. Acordou, né? — falo. — Só que dessa vez eu tinha decidido deixar para lá, e ele foi atrás de mim.

— Eu acho que ele só estava bêbado, carente, se sentindo sozinho. Faz tempo que não transa, espero — Aline comenta, me fazendo rir.

— Eu penso que esse é mais um motivo para você cair fora. Melhor ele resolver a vida com a mulher. Você não tem nada a ver com essa história — Carolina continua.

— Tem razão. Não tenho mesmo.

Continuo bebendo enquanto penso no que Carolina acabou de falar. Eu realmente não tenho nenhum vínculo com a história de Vicente. Independente do que meu pai tinha com Natália, eu não a conheço. O momento não é propício para me envolver nisso e preciso me afastar antes que tudo piore.

Vou até o banheiro com minha prima, já que ela precisa de ajuda para abrir e fechar o vestido. O silêncio entre nós duas me incomoda, não sei dizer se ela ficou chateada com minha aproximação de Vicente ou por não ter a contado antes, todavia, quando fecho o zíper em suas costas ela me encara através do espelho.

— Joaquim tem um caso — solta.

— O quê?

— Um caso! Sabe o que é?

— Como assim? Ele arrumou outra pessoa? — pergunto, sem entender.

— Não, ele tem um caso há anos. Enquanto estava comigo.

— Por que não me contou antes? Você está todos estes dias na minha casa...

— Ué, você também não falou nada sobre Vicente.

É verdade.

— Como você descobriu isso? — Puxo suas mãos e as seguro.

— Ele me contou no dia que fiz escândalo lá. Falou que está com uma pessoa há dois anos.

— Que desgraçado! Então, por que falava com você sobre casamento? Vocês juntaram dinheiro, tudo...

— Também não entendo. — Minha prima solta minhas mãos e retoca o batom. — Acho que por isso essa sua história com esse cara do convite me incomoda tanto. Sei que é outra coisa, que esse casamento dele nem foi realmente consumado, mas ele é comprometido. Ela não morreu.

Carolina não está errada. Por mais desvinculado que Vicente esteja de Natália emocionalmente, ela ainda é a mulher dele. Em algum momento da vida ele escolheu ficar com ela e cumpriu seu papel até agora. Não sei como, de repente, um convite me fez mergulhar em um desconhecido. Não consigo deixar de sentir raiva de Joaquim por ter feito isso com Carolina e deveria sentir a mesma coisa por Vicente, mas cometi o erro de me apaixonar por ele.

— O que você vai fazer agora? — Encaro minha prima, preocupada.

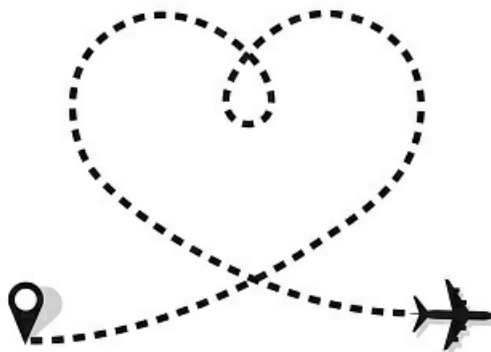
— Hoje? Só quero aproveitar a noite e esquecer desse desgraçado mesmo que seja a base de álcool!

Sorriso para ela.

— Então vamos esquecer...

Saímos do banheiro e antes de voltar à mesa, acho que sei o que precisa ser feito. Sem querer, Carolina me abriu os olhos com essa conversa. E vou resolver isso com Vicente logo.

CAPÍTULO 12



Saio de casa antes de Carolina acordar. Não quero ter que explicar o que vou fazer, quero apenas ir até o hospital e voltar para casa mais leve. Ainda estou com o crachá que Vicente me deu, então não deve ser difícil entrar novamente.

Chego e falo meu nome e o de quem vim visitar para a secretária sorridente e de coque na minha frente.

— Entrada liberada. — Dou a volta para passar pela catraca, mas ela me interrompe. — A senhora já sabe que a paciente Natália está precisando de doação de sangue?

— Sim, é, na verdade, qual é o tipo sanguíneo dela? — pergunto meio que no instinto.

— O negativo.

Penso por alguns segundos. Realmente posso ajudar nisso. O negativo pode doar para todos os tipos sanguíneos, mas só recebe dele mesmo. Agradeço a secretária, que me entrega um folheto sobre doação de sangue e sigo até o andar do quarto de Natália. Desejo encontrar Vicente, falar com ele e resolver tudo isso.

Quando viro o corredor, me deparo com Leonardo em uma discussão com Vicente na porta do quarto. Fico parada e tento me esconder do lado do bebedouro para ouvir a conversa, mas não consigo escutar nada. Eles estão cochichando, mas pela expressão de Vicente, ele certamente não está ali para ajudar. Resolvo me aproximar.

— Leonardo, o que você está fazendo aqui? — interrompo e vejo os dois me notarem ao mesmo tempo, confusos.

— Eu? O que você está fazendo aqui? — ele devolve.

— Catarina é minha amiga — Vicente responde antes que eu tente encontrar uma solução.

— Ah, certo! — Leonardo usa uma expressão de deboche, mas logo volta o olhar para Vicente. — Eu só preciso de vinte minutos com ela, no máximo. Quero fechar o acordo, já que a mídia não sai do nosso pé e isso vai ficar muito pior quando ela sair daqui. Estou tentando evitar

mais transtornos.

— Natália não vai receber ninguém. Ela acabou de acordar, as coisas estão difíceis para ela e não vou deixar vocês infernizarem ainda mais esse momento com todo esse discurso ridículo de acordo. E pelo que estou vendo, você não trouxe nada além do que me apresentou naquele dia no fórum. Não vejo motivos para conversarmos novamente.

— Mas agora quem decide é ela. — Leonardo completa.

Vicente está vermelho e tenho certeza que se ele não estivesse em um hospital, as coisas seriam diferentes. Decido agir:

— Você quer propor acordo a uma mulher que acabou de sair do coma? — estranho.

— É o meu trabalho.

— Escuta aqui — Vicente puxa Leonardo pelo braço —, vá embora. Não vou falar mais nada. Só vá embora.

Leonardo se desvencilha de Vicente e sai bufando. Vicente parece tão inconformado quanto eu por assistir a essa cena. Tenho vergonha por ele saber que conheço esse idiota e mais vergonha ainda de ter namorado com ele.

— Esse é o tipo de cara que você namora? — Vicente pergunta, me deixando corada. — Brincadeira, me desculpa por isso, por essa cena.

— Sem problemas. Sei o quanto ele é capaz de tirar alguém do sério. — Balanço a cabeça. — E namorava. Não corro risco de recaídas. Mas como...

— Com a internet a gente descobre tudo muito rápido!

Sorrio para ele, que devolve o gesto. Sei que ele está sem graça, mas algo me diz que isso é muito mais pela noite anterior do que por agora. Ao vê-lo ali, tão perto, quase me esqueço do que vim realmente fazer nesse lugar. Penso por alguns segundos se devo falar sobre o tipo sanguíneo, todavia parte de mim não está certa de que me envolver mais nisso vá ajudar. Ao mesmo tempo em que Natália me lembra o convite e um possível segredo do meu pai, Vicente está aqui me lembrando que sou um ser humano desprezível por ter beijado o marido de uma mulher à beira da morte.

— Vicente, quem está aí?

Escuto a voz rouca de Natália vindo do quarto e a imagem do meu pai dentro daquele avião com ela é reproduzida pela minha criatividade. Estou tão perto agora de descobrir a verdade que quando me dou conta, estou encarando Natália, magra e frágil nesta cama hospitalar.



— Olá! — minha voz sai fraca e minguada.

Não sei dizer se alguém além de mim neste quarto ouviu, pois Vicente está parado ao meu lado, mudo, enquanto Natália me encara com as sobrancelhas recurvadas.

— Oi! — ela responde de forma seca. Seus olhos buscam algo em Vicente, que continua calado.

— Desculpa entrar assim, eu estava aqui na frente e... — eu me calo por um instante. Estou parecendo confusa até para mim. — Sou Catarina Martins, meu pai também estava no voo. — Me aproximo um pouco mais da cama. Vicente passa por mim e se coloca ao lado de Natália, como se quisesse criar uma barreira física entre nós duas.

— Sinto muito, eu conheço seu pai. Quer dizer, conheci. — Seus olhos de pesar não espantam a ira que acaba de se formar dentro de mim. Não sou desconhecida para ela e meu maior medo parece se personificar na minha frente.

— Eu não sei se Vicente te falou, mas...

— Eu não falei nada. Natália está descansando, ela passou por muita coisa.

— Eu sei o que passei, Vicente. Já entendi. Não preciso que você fique me defendendo o tempo todo, eu ainda sei falar — ela responde, ríspida.

Ele bufa, mas não sai do seu lado.

— Só não acho que agora é um bom momento para isso. Você acabou de acordar de um coma! — ele acrescenta.

— Não é você quem decide. Sabe o que é um coma? Para você, deve ser um milagre. Para mim, é como se ainda fosse ontem.

O clima entre eles fica tenso e não sei mais se devo continuar, então falo:

— Não quero atrapalhar, posso voltar outra hora, só quero...

— Jamais vou esquecer o encontro que tive com seu pai, Catarina. E você tem todo o direito de ficar curiosa quanto a isso.

— Natália... — Vicente novamente interrompe.

— Mas de onde vocês se conheciam? O que ele estava fazendo naquele voo? — pergunto, estou tão angustiada quanto o dia em que encontrei o convite e tão incomodada que não sei onde coloco as mãos, se continuo parada ali ou se saio sem falar mais nada.

— Chega, Natália. Não é hora para isso. Depois vocês conversam sobre qualquer assunto, mas temos outras coisas mais importantes para resolver — Vicente completa, virando de costas para mim.

— Com licença — um senhor de jaleco me interrompe, entrando no quarto. — Posso falar com vocês?

— Claro. Já tem o resultado? — Vicente pergunta e fico confusa se devo esperar ali dentro ou me afastar. Natália continua me encarando e sinto meu rosto queimar. Ela só desvia o olhar quando Vicente segura sua mão e com isso, percebo que preciso me retirar. Quando já estou longe o suficiente para não parecer uma intrusa, escuto:

— Infelizmente, sua doação não será possível, Vicente. Vocês dois não são compatíveis.

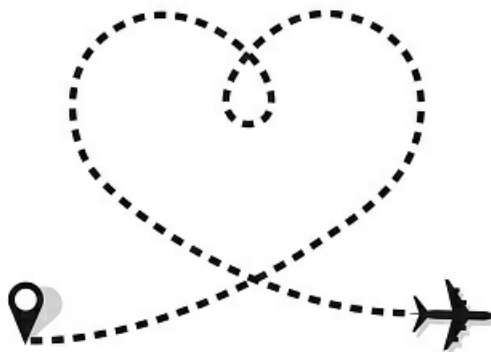
Consigo escutar assim que viro de costas e saio do quarto. Encosto a cabeça na parede do corredor e fecho os olhos por alguns segundos. Tento pensar em um motivo plausível para eu ter me intrometido assim naquele quarto, mas não encontro. Natália me reconheceu pelo nome, quer dizer que ela realmente tem algum vínculo com meu pai, o que deixa tudo ainda mais complicado porque agora estou com raiva.

Quero perguntar sobre o convite, de onde eles se conheciam, qual era o grau da intimidade deles e o que estavam fazendo juntos naquele voo. Todas as perguntas que tenho guardado para mim há dias, quero só me esvaziar delas, obter respostas e saber se isso será o suficiente para eu seguir em frente. Toda a empatia, pena ou compaixão que senti por ela naquela situação ficou dentro daquele quarto. Neste momento, tudo o que consigo pensar é que ela é a culpada pela morte do meu pai. Seja lá o que eles estavam fazendo juntos naquele voo, eu fui enganada, minha mãe e até Vicente. O que ele estava fazendo com ela? E ela? Onde conheceu ele?

Sigo andando pelo corredor e não consigo ouvir nada a minha volta além dos meus pensamentos. Saio do hospital ofegante, sinto vontade de chorar, porém prendo o choro até chegar ao carro. Apoio a cabeça no volante e só consigo pensar que meu pai poderia estar vivo agora. Aquela viagem não foi para meu aniversário e não preciso ouvir isso da boca de Natália para saber a verdade. Ela me reconheceu. Ela me conhece. Estou há um ano inteiro sofrendo por uma culpa que não é minha. Natália matou meu pai, e tenho a sensação de que a dor que isso me causa é pior do que qualquer outra que já senti só pela decepção de saber que não o conhecia de

verdade.

CAPÍTULO 13



Estou sem dormir direito há três noites. Fico desconfortável para enfrentar uma reunião com o Leonardo hoje. Carolina decidiu me acompanhar para me dar força, entretanto só irei porque não tenho outra opção. Me arrumo desanimada. É difícil esconder as olheiras atrás do corretivo. Não quero chegar lá com essa cara de derrotada, mas desde meu encontro com Natália é dessa forma que me sinto.

— Estou pronta — Carolina anuncia na minha porta, a fim de me apressar porque sabe que até minha pontualidade pode ser afetada pelo meu mau humor.

— Eu também. — Termino e passo um batom nude.

Pego os papéis e envio uma mensagem para meu advogado avisando que estou saindo de casa. Sigo com Carolina de carro até o prédio onde será a reunião. Ela não força nenhum assunto, o que me ajuda muito, já que estou perdida nos meus pensamentos a maior parte do tempo. Encontro Luís em uma sala de espera no prédio administrativo da AirSky Lines no centro da cidade. Resolvemos tentar um acordo novo, mas só de pisar no prédio a lembrança de que minhas férias estão acabando chega. Meus dias foram tão pesados que tenho a impressão de que nem fiquei de férias. Continuo exausta.

Eu realizei meu sonho de ser comissária, mas parece que desde que meu pai morreu não sinto o menor prazer em trabalhar. No início achei que era devido à perda que tive, mas depois de algumas conversas com a psicóloga entendi que não tem nada a ver com a morte do meu pai, tem a ver comigo. Eu não estou bem voando para eles. Não tem como me sentir depois de tudo.

Quando Luís sai para ir ao banheiro após me apresentar novamente tudo o que ele fixou no acordo, Carolina tenta puxar um assunto. Conheço minha prima o suficiente para saber que ela não é capaz de ficar quieta por tanto tempo.

— Vicente te procurou? — pergunta.

Assunto errado. Essa é a última coisa sobre a qual quero falar.

— Não. E, prima, por favor, não quero falar sobre isso. Não agora.

— Ok — ela solta, mas sei que não a convenci, resolvo eu mesma puxar outro assunto para manter em um ambiente seguro.

— O Joaquim te ligou ontem? Escutei você falando com alguém no telefone, mas já estava deitada — pergunto.

— Sim, ele queria a senha para desbloquear um canal na televisão, acredita? Porque era eu que resolvia tudo, então ele não sabia.

— Que cara de pau! — me surpreendo. — Ele poderia ter ligado para a empresa, sei lá.

— Foi o que eu disse. Eu acho que preciso voltar para lá, sabe. Não posso ficar fugindo disso. Tenho que pegar o resto das minhas coisas, ver a questão do dinheiro que juntamos, enfim. Muita coisa.

— Chega uma hora que não dá para adiar mais, né?

— Infelizmente, prima. Infelizmente.

Dou um sorriso acalentador para Carolina. Me sinto péssima por não estar conseguindo ser um apoio melhor, ajudá-la mais. Minha cabeça parece que vai explodir e mal consigo raciocinar sobre mim, quem dirá para o outro.

— Catarina Martins — a voz de Leonardo antecipa seu rosto. Nem entrei e já quero vomitar.

Luís retorna no mesmo instante. Me despeço de Carolina, que me deseja sorte, e sigo com meu advogado até a sala. Não cumprimento Leonardo e apenas me sento na cadeira que me oferecem.

São as mesmas pessoas da última reunião. Escuto toda a parte burocrática ser lida sem muita atenção. Luís lê nossa contraproposta e quando termina, Leonardo abre um sorrisinho de convencimento que já me irrita.

— Bom, meu cliente entende sua proposta, mas nós vamos continuar na posição do último acordo que oferecemos. Sua cliente não estava no acidente e mesmo sendo funcionária da empresa, não há o que fazer com relação a indenização — Leonardo se pronuncia.

— Então qual é a intenção dessa reunião? — Luís indaga.

— Assinar esse acordo para não termos que marcar outra audiência.

Agora minha atenção está toda nele. Leonardo. Esse desgraçado me fez vir aqui para nada? Minha respiração está ofegante e a resposta presa na minha garganta, mas Luís, ao notar que pareço estar perdendo a paciência, faz sinal para que eu espere.

— Nós vamos nos retirar e nos encontraremos na frente do juiz novamente. — Ele se levanta e eu o acompanho.

— Nós temos uma última... bom... acho que podemos chamar de proposta — Leonardo continua.

Me viro para ele, quase saindo da sala.

— O que é? — pergunto, ríspida.

— Se você não aceitar o acordo que propusemos, poderá ficar difícil te manter na empresa — ele solta.

Meu rosto começa a queimar no mesmo instante que escuto Leonardo ameaçar meu emprego. Ele pode fazer isso? Pode simplesmente me pressionar para assinar algo que não estou de acordo? Que filho da puta! Como ele é capaz de ser tão frio e calculista? De agir dessa forma só para ter um resultado positivo para o seu chefe?

Percebo que toda e qualquer esperança de Leonardo ser decente foi embora. Ele ultrapassou os limites. E a empresa? Deus, eu fiquei feliz quando fui contratada! Foi o momento mais incrível da minha vida, eu amava trabalhar para eles. Nunca imaginei que passaria por algo assim, tão

cruel e baixo. Eles não estão vendo a minha dor ou a dor de qualquer pessoa que perdeu alguém naquele voo, estão vendo o bolso deles, apenas.

Não sou capaz de fingir mais. Não vou deixar ninguém passar por cima de mim. Apoio minhas mãos na mesa e olho dentro dos olhos de Leonardo antes de falar:

— Não precisa se preocupar com isso. Não faço mais parte da AirSky Lines. Vou me demitir.



— Como assim você vai se demitir? — Carolina grita tão logo entramos em meu apartamento. Estou tão furiosa com Leonardo que só agora consigo falar sobre isso com ela.

— Não tenho a menor condição de ficar na empresa depois do que ouvi lá dentro. Sério, você precisava ver a cara de cínico daquele filho da mãe. — Me jogo no sofá e Carolina me acompanha.

— O que ele fez?

— Me ameaçou, acredita? Disse que se eu não aceitar o acordo, vai ficar bem difícil me manter na empresa. Desse jeito, na frente do meu advogado. Não aguentei.

— Que descarado! Eu teria voado nele.

— Chega disso, minha mãe vai enlouquecer, mas não consigo mais.

— Você que tem que saber, Catarina. O trabalho é seu — comenta.

E ela tem razão. Ficar naquele ambiente não vai me ajudar em nada depois de toda essa falta de empatia, e só eu posso decidir pela minha vida. Fecho meus olhos e balanço a cabeça, massageio minhas têmporas tentando organizar meus pensamentos. *Não vou pensar no futuro agora, não vou pensar no futuro agora, não vou pensar no futuro agora...* Quero apenas aproveitar a sensação de me ver livre daquele infeliz do Leonardo.

— NÃO ACREDITO! — Carolina vocifera, me assustando. — EU NÃO ACREDITO NISSO!

— O que aconteceu? Está tudo bem?

Carolina levanta do sofá e começa a andar em círculos sem tirar o celular das mãos.

— Aquele filho da puta passou dos limites!

— Dá para falar o que está havendo? — pergunto novamente.

Ela se aproxima de mim e coloca a tela do celular no meu rosto. Demoro a focar e perceber do que se trata. Uma conta no banco.

— O que isso significa?

— Significa que o Joaquim me roubou. ME ROUBOU, CATARINA!

Fico quieta por alguns segundos e tento raciocinar. Carolina e Joaquim juntavam dinheiro há anos, então a conta era dos dois.

— Ele limpou a minha conta. A nossa conta. Não dividiu. Aquele *merdinha* não pode fazer isso. Qual é o problema dele?

— Calma, Carolina, deve ter alguma explicação.

— A explicação é que ele é um filho da puta, isso sim! — Ela despenca de volta ao sofá ao meu lado e seguro seus ombros com minhas mãos.

— Fica calma, vamos dar um jeito nisso. Você precisa falar com um advogado e ver seus direitos. Vocês ficaram muito tempo juntos.

— Minha vontade é de ligar para ele e xingá-lo de todos os nomes possíveis. — Ela aperta as mãos, como se quisesse socar alguém a qualquer momento.

— Não faça isso, seja mais esperta que ele. Confia em mim, sou especialista em cafajestes!

— Carolina sorri e a abraço. — Ai, minha prima... não temos sorte mesmo, não é verdade?

— Não, Cat, eles que são idiotas. Você tem razão, vou ser mais esperta. Ele vai ver. Não sou uma menininha inocente, ele está mexendo com a pessoa errada. Vou me organizar e depois do final de semana, vou para casa resolver isso.

Me lembro da lista de desejos que fizemos aos sete anos.

— Quer realizar mais um desejo da nossa lista? — pergunto, fazendo Carolina curvar as sobrancelhas sem entender do que estou falando.

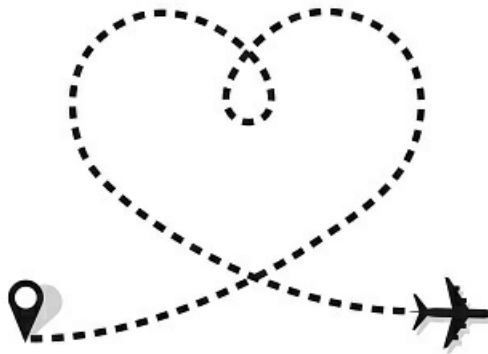
— Como assim? Que lista?

— A lista que fizemos quando éramos crianças. Acho que estamos precisando ter aquela sensação de novo. Na verdade, acho que merecemos isso. E aí? — pergunto, de frente para ela.

Demoro a acreditar na sugestão que dei no ímpeto. E, pelo visto, Carolina também. As coisas parecem confusas para nós agora e essa me parece a única forma de aliviar isso, quem sabe promover uma loucura. Preciso esquecer um pouco toda essa história da Natália e meu pai, esquecer a expressão irritada de Vicente ao me ver entrar no quarto, aquele beijo desnecessário, minha demissão e o quanto minha vida virou de cabeça para baixo em apenas um mês. Me levanto e puxo uma das mãos da minha prima, que ainda me encara, confusa.

— Nós vamos saltar de paraquedas.

CAPÍTULO 14



Agendo o salto pela internet para o dia seguinte e vou dormir ansiosa, cheia de expectativa e nervosismo. Eu sempre amei voar, não tenho o menor medo de altura desde criança, mas sei que saltar de paraquedas será uma experiência diferente de tudo o que já vivi. Carolina e eu saímos bem cedo, ainda de madrugada, para chegar a tempo em Boituva, interior de São Paulo. Prometemos para nós mesmas que não vamos tocar em nenhum assunto desconfortável, deixaremos isso para a volta, portanto, seguimos a viagem cantando inúmeras músicas na sequência da rádio ou na playlist inventada por Carolina.

Deixamos nossas roupas em uma pousada onde consegui vaga. Eu sempre fui a pessoa que planeja as coisas com antecedência para não correr nenhum risco, todavia dessa vez não penso muito. Quero só me divertir, esquecer, viver. E minha prima, que sempre foi meu avesso nesse aspecto, está mais do que empolgada com a minha ideia.

Assim que chegamos ao local, procuro a escola do voucher que comprei pela internet. Eu já havia pesquisado sobre isso antes de tudo acontecer, porque Aline saltou e falou maravilhas sobre a sensação, então até fiquei animada na época, mas como a escala de trabalho estava pesada, acabei deixando para lá. Somos levadas até uma sala onde nos pesam e assinamos um termo de riscos da atividade.

Conforme seguimos até a outra sala, meu coração começa a acelerar. Um rapaz negro nos entrega dois macacões confortáveis para proteger do frio, prendemos nossos cabelos em um coque com firmeza. O céu está lindo, está calor e quase sem nuvens, o que me faz pensar que a experiência será ainda melhor. Carolina aperta os dentes em um sorriso ansioso e eu devolvo, segurando o nervosismo.

Os instrutores logo chamam nossos nomes e nos passam algumas informações sobre o que vai acontecer dali para frente. A princípio fico insegura, porém logo percebo que não tem muito mistério, não é nada mirabolante, nada que eu vá me esquecer na hora e cair esborrachada no

chão. Nos levam até uma nova sala enquanto o avião está sendo preparado.

— Está nervosa? — pergunto a Carolina, que não para de balançar as pernas.

— Claro! Agora que parece de verdade é assustador. Não quero nem pensar quando chegar lá em cima — responde.

— Vai ser lindo! — afirmo. Não tenho certeza se ficarei com muito medo, mas gosto da sensação de adrenalina percorrendo minhas veias. Me sinto até mais quente.

— Espero que seja mesmo — Carolina fala e eu dou uma gargalhada de sua expressão assustada. Nunca imaginei que ela ficaria mais tensa que eu num momento desses.

Um dos instrutores avisa que o avião está pronto e seguimos até ele. É um avião pequeno, um Cessna Caravan, que comporta até umas 15 pessoas, reconheço assim que o vejo. Depois que todos estão sentados, o avião decola e o frio na barriga vem junto. Eu amo essa sensação. Essa mistura do que não é totalmente novo para mim, todavia também é bastante desconhecido. O avião sobe por uns doze minutos e aproveito cada segundo desse tempo. Carolina parece menos nervosa agora, o que me deixa mais tranquila. Não quero que a experiência seja ruim para ela.

Quando abre a porta que nos separa do céu, acontece tudo muito rápido e nem dá tempo de pensar. Carolina vai primeiro, enganchada ao instrutor, e só vejo seu rostinho virando para trás. Vamos logo depois dela. Me agacho presa ao instrutor e o vento forte no meu rosto faz meu coração acelerar. Quando percebo, já estamos voando.

Queda livre. São cinquenta segundos sem saber onde vou parar e como vou parar. Sinto uma mistura de desespero com adrenalina e não consigo deixar de pensar que gostaria muito de conseguir fechar os olhos e aproveitar, mas é tudo tão rápido e a vista maravilhosa não me deixa sequer piscar. Agora, enquanto sinto o ar passar pelo meu corpo como se eu fosse um papel tenho a sensação gostosa de liberdade, de que sou capaz de tudo.

Sinto a boca secar com o vento, o que me dá um pouco de aflição, mas nem isso é capaz de diminuir meu entusiasmo. Quando me dou conta, o paraquedas já foi ativado e estou voando. Vejo vários pontos pretos embaixo, porém não sei identificar onde Carolina está. Agora consigo fechar os olhos com calma, e apesar do instrutor sugerir que eu guie um pouco a curva do paraquedas, deixo que ele faça o trabalho. Não preciso me arriscar tanto. Sinto vontade de chorar de emoção com toda aquela imagem, com toda a mistura de sentimentos, entretanto acho que minhas lágrimas secaram, pelo menos enquanto estou no ar. Estou rindo, emocionada, e gosto de ver tudo do alto. Esse sempre foi o melhor momento para mim.

Não me esqueço por completo de tudo o que estou passando, mas me sinto mais leve, e isso ajuda. Não tenho ideia do que vou fazer depois disso, porém não quero pensar sobre. Apenas me limito a aproveitar esse céu, o vento gostoso em meu rosto e mais um sonho riscado da lista de desejos.

Quando chego ao chão, Carolina está me esperando, dando pulinhos de felicidade e vindo me abraçar imediatamente. Ela está chorando de tanta empolgação, e só quando a abraço me permito fazer o mesmo. Agora as lágrimas apareceram.

— Que dia mais incrível, prima! — ela fala enquanto ainda estamos abraçadas. — Obrigada por isso.

— Mais um desejo realizado.

— Agora: rumo à Capadócia! — Carolina levanta os braços e dá uma gargalhada alta, tornando impossível não acompanhá-la.

Enquanto voltamos, tenho a impressão de que, apesar de toda a confusão em que minha vida está infiltrada, eu ainda sou capaz de fazer boas escolhas. E essa é a prova que eu precisava.



A adrenalina do salto ainda está presente quando saio do banho e encontro Carolina devorando um pedaço de pizza em cima da cama sem me esperar. A sensação de liberdade não foi embora e estou me sentindo tão leve que poderia ficar mais uns três dias nesse contato intenso com a natureza e esquecer tudo o que está me aguardando na capital.

— Se eu fosse você, comeria logo — solta Carolina, com a boca cheia.

— Claro, ou você acaba com tudo e terei que pedir outra, né? — brinco, enrolando os cabelos na toalha e me sentando ao seu lado para comer enquanto está passando um episódio de *Friends* na televisão. — Parece que saltar de paraquedas te deixou com fome.

— Muita! — E gargalhamos. — Ai, prima, até que foi bom sair um pouco daquela loucura. Estava precisando mesmo.

— Como se o que fizemos hoje também não fosse uma.

— Mas foi maravilhoso.

Como o pedaço de pizza de calabresa sem pressa. Estico minhas pernas e encosto na cama enquanto assisto televisão e teço alguns comentários com Carolina sobre nossa adolescência com essa série.

— Seu celular está vibrando — Carolina me alerta.

Pego o celular em cima da bolsa e vejo o nome de Vicente na tela. Duas ligações e algumas mensagens. Será que aconteceu algo?

— Vicente — falo em voz alta. Carolina vira o rosto para mim, mas continua comendo a pizza.

— Vai retornar?

A pergunta de Carolina ecoa na minha cabeça. Eu havia decidido não me envolver mais nessa história, ou pelo menos o tanto quanto posso. Saí da cidade, saltei de paraquedas e esse tormento continua aqui, dentro de mim, dividido entre a vontade de falar com ele novamente e saber que isso vai me levar a mexer nessa confusão.

— Vou responder à mensagem. — Largo a pizza, limpo minhas mãos em um guardanapo e abro a mensagem, mesmo tensa e com medo do que posso encontrar.

*Oi, Catarina. Desculpa te ligar duas vezes seguidas, estou precisando falar com você.
Quando puder... bem, na verdade, é só um recado que preciso dar.*

A segunda mensagem me chama a atenção. Recado? Só poderia ser de Natália, afinal, Vicente e eu não tínhamos nada em comum além dessa história do convite.

Oi, Vicente. Pode falar.

Ele responde imediatamente, como se estivesse aguardando:

Natália quer conversar com você. Ela me encheu de perguntas, querendo saber de onde te conheço, o que você estava fazendo aqui aquele dia, enfim... Falei sobre o convite, o que você me perguntou, e ela disse que precisa falar diretamente com você, pessoalmente. Ela não está muito bem, está tomando muitos remédios por causa do problema renal, mas se você puder vir ao hospital no horário de visitas...

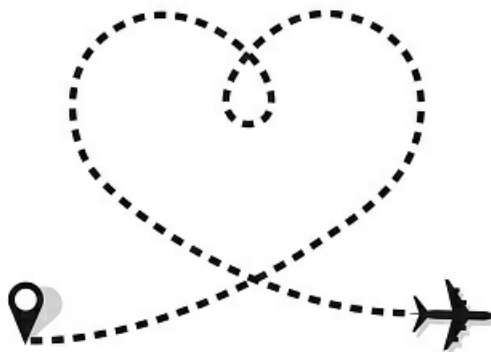
Meu coração dispara. Mostro o celular para Carolina e, enquanto ela lê, milhares de coisas passam pela minha cabeça. Natália quer falar comigo. Será que estou perto o suficiente de descobrir o que aquele convite estava fazendo nas coisas do meu pai, de onde ela o conhece? Seria um alívio ter ciência do que está me atormentando há semanas.

— Você vai? — Carolina interrompe meus pensamentos.

Não a respondo. Só volto o celular para mim e teclo:

Amanhã de manhã estarei no hospital.

CAPÍTULO 15



Estaciono meu carro na garagem do meu prédio. Já é noite e levamos um bom tempo no engarrafamento de volta para São Paulo. Mal chego e Boituva já parece um sonho distante. Antes de tirar minha mochila do carro, disparo para Carolina:

— E pensar que vou ver Natália amanhã. Preferia ter vindo direto para o encontro.

— Não acha melhor descansar hoje? Chegar inteira amanhã, linda e maravilhosa? — opina Carolina assim que sai do carro.

— É, você está certa. Ficarei cara a cara com ela e o homem que eu beijei que, por sinal, é marido dela. Melhor me preparar mesmo.

— Se é que tem como...

Penso por um instante no que acabo de falar com Carolina. Eu preciso resolver isso com Vicente. Não quero deixar nada estranho entre a gente enquanto meu foco for resolver essa situação com Natália.

— Acho que tem como, sim. — Ligo o carro novamente.

— Aonde você vai? — Carolina pergunta, parada do lado da porta.

— Vou resolver isso com Vicente. Já volto.

Saio da garagem sem entender muito bem o que Carolina diz fora do carro, mas antes do portão fechar, percebo que ela já subiu. Dirijo até o prédio em que Vicente mora. Chego em menos de quinze minutos. Não sei muito bem se o que estou fazendo é o certo, mas sei que preciso estar com a consciência limpa quando voltar ao hospital.

O porteiro avisa e Vicente libera a entrada. Enquanto subo, prendo os cabelos em um rabo de cavalo no espelho do elevador e tento respirar fundo. A presença de Vicente me desconecta um pouco, me deixa ansiosa, mas tento ao máximo não esboçar isso. Quando saio do elevador, ele está na porta, me aguardando. Seus cabelos parecem molhados, acho que ele acabou de sair do banho. Usa uma bermuda clara e uma camisa de manga curta vermelha com uma frase em inglês,

que o deixam ainda mais jovem e bonito. Ele me cumprimenta com um beijo na bochecha e faz sinal para que eu entre. Caminho até a sala, acompanhada por ele.

— Está tudo bem? Que surpresa! — ele fala assim que nos sentamos no sofá.

— Está sim, é que, na verdade, eu preciso conversar com você antes de encontrar Natália novamente — solto. Não pretendo ficar enrolando.

— Tudo bem, quer beber algo?

— Não, obrigada.

— Ok! Cheguei quase agora, não deu tempo de fazer nada para comer, pedi algo por aplicativo — ele continua falando enquanto passa uma das mãos em seus cabelos, tentando secá-los.

— Não vim te visitar, Vicente, vai ser rápido. Preciso saber o que está havendo entre nós dois. Você tem um relacionamento com Natália, são casados no papel, estão juntos até hoje e eu não vou ficar no meio disso. Você me beijou aquele dia, não pense que pode fazer isso e ir embora, como se eu fosse uma pessoa aleatória que conheceu na rua. Eu te procurei porque precisava saber sobre meu pai, só isso — desabafo.

Seus olhos estão estatelados e ele fica tão vermelho quanto sua camisa.

— Catarina, eu não estou te tratando como qualquer uma. De verdade.

— Não é o que parece. Eu tenho muita coisa na cabeça, pedi demissão da empresa, brigando na justiça com meu ex-namorado sem noção, tentando ajudar minha prima com os problemas dela, agora me aparece você e me beija, deixando tudo ainda mais confuso — continuo. — O que quer com isso?

Vicente fica em silêncio por alguns segundos. Não sei se está elaborando uma resposta ou apenas digerindo tudo o que disse, portanto, aguardo.

— Minha vida também está uma merda, Catarina. E tudo piorou desde o dia em que te conheci. Há um ano, antes de Natália embarcar para o Rio e depois voltar no avião que caiu, eu estava trabalhando. Agora passo meus dias em um hospital, minha mulher levou um ano para acordar de um coma e simplesmente não quer falar direito comigo. Ela não me deixa encostar nela direito. Vive repetindo para mim que eu não devia ter parado minhas coisas, que devia tê-la deixado lá, sozinha. — Vicente muda as pernas de posição, virando de frente para mim. — E aí te conheço por acaso e sinto como se estivesse sendo sempre puxado até você e não sei que droga é essa, porque, puta que pariu, tudo está um caos.

— Vicente...

— Olha só, eu gostei de você desde a primeira vez que te vi, mas eu não podia aceitar isso. Sei que não devia ter te beijado aquele dia, devido a toda essa situação, mas não consegui. — Ele puxa minhas mãos. — De forma alguma quero que pense que estou fazendo isso de propósito. Eu não vou conseguir lidar comigo mesmo se abandoná-la naquele hospital, mas também já não sei se há algum sentimento entre nós, porque ela está tão amargurada que não se parece em nada com a pessoa que me casei.

— Ela sofreu um acidente aéreo. Quem sobrevive a isso sem sequelas?

— Eu sei. Por isso continuo lá. Eu prometi que ficaria e estou cumprindo. — Vicente leva minhas mãos até seu rosto e sinto a sua pele queimando. Sou incapaz de sentir raiva dele, toda a certeza que tinha quando cheguei se esvai com esse toque.

— Não estou te julgando, Vicente. Não quero causar mais um problema na sua vida, ofereci ajuda porque realmente vi que você estava sozinho e sei o quanto isso é pesado. Assim que eu conversar com Natália, tudo vai se resolver para mim, e posso deixar essa história para trás — afirmo, sem muita confiança. Cheguei aqui querendo respostas e agora estou tentando consolá-lo.

— Pode mesmo? — Vicente afasta seu rosto das minhas mãos para me encarar.

Um frio percorre minha espinha de imediato. Não sei se ele é totalmente sincero comigo, mas tenho a impressão de que está em um buraco pior do que o que me encontro agora. Mesmo que ele queira, algumas coisas não dependem de sua opinião. Natália está acordada e ela pode decidir por si mesma, mas imagino o quanto ele deve se sentir exausto com toda essa história. Ele prometeu que ficaria com ela na saúde e na doença, e tem feito isso.

Minhas dúvidas ficam para trás quando finalmente deixo meu olhar encontrar com o dele, fixo e intenso, sem saída. As palavras somem da minha boca e sinto o cheiro do seu perfume me invadir quando ele se aproxima ainda mais de mim. Vicente coloca uma de suas mãos em minha nuca e me puxa até ele, ficando perto o suficiente para sentir seu hálito.

— Eu não consigo mais deixar para trás — diz, enfim.

Sem perceber, estou entregue. Toda a minha lucidez vai embora quando a boca de Vicente preenche a minha. Sua outra mão me puxa pela cintura, seguro e confiante, me colocando em seu colo e me fazendo esquecer por completo tudo o que está do lado de fora enquanto nos beijamos.



O corpo de Vicente me esquenta assim que tiro a sua camisa. Ainda estou com as pernas em volta de sua cintura, sentada em seu colo, mas permaneço de olhos fechados enquanto ele beija meu pescoço, morde meu queixo e sobe até minha boca. O beijo é intenso, mas carinhoso, delicado, e me lembra a sensação de estar voando após abrir o paraquedas. É gostoso e cheio de adrenalina. Desço uma das mãos pela barriga de Vicente, mas sou interrompida quando ele puxa minha blusa, deixando-me apenas de sutiã.

Deus, quanto tempo eu não transo com alguém? Ainda bem que minha depilação está em dia! Consigo pensar nisso mesmo no meio de toda essa confusão de mãos e beijos desesperados. Ainda sem afastar nossas bocas, Vicente se levanta comigo e vamos até seu quarto. Ele empurra alguns papéis da cama e continuamos ali, agora somente com calcinha, sutiã e uma cueca boxer preta.

Assim que me deito sobre ele, nos encaramos por alguns segundos. Por mais errado que isso seja, neste momento não há nada além do desejo inegável e absurdo que sentimos um pelo outro.

Vicente ajeita uma mecha do meu cabelo atrás de minha orelha.

— Eu estou apaixonado por você, Catarina — fala, sem tirar os olhos dos meus.

Não consigo dizer nada e ele não parece esperar nenhuma resposta, porque me puxa para mais perto e continuamos de onde paramos. Tenho a impressão de que se eu disser isso em voz alta, como ele fez, a ficha vai cair para mim e vou me desesperar. Não deveria estar apaixonada por ele, nem ele por mim, mas estamos aqui, grudados nessa cama, um com o outro.

Minha boca desce pelo seu pescoço e vou até sua barriga, que enrijece quando a encosto. Vejo a expressão de Vicente mudar de prazer para preocupação, o que estranho no mesmo instante. Conforme vou chegando perto de onde quero, ele segura meus braços, me fazendo parar.

— Espera — ele pede. Subo novamente e me deito ao seu lado, com seus braços em volta de mim, acarinhando meus cabelos.

Olho para baixo, para sua cintura, e noto que toda a excitação desapareceu. Me frustro um pouco, mas ele parece pior do que eu.

— Desculpa, Catarina. Não consigo. Minha cabeça não para de... — ele se explica, mas o interrompo.

— Vicente, tudo bem. De verdade. Eu entendo. — Não entendo muito, mas nunca sei como

reagir a isso, é sempre constrangedor. Ele respira fundo, escuto seus batimentos cardíacos acelerados.

— Que droga. É tanta coisa na minha cabeça, tanto problema, faz mais de um ano que não faço isso e agora...

— Vicente, fique calmo. Não se preocupe.

— Me preocupo, sim. Estou puto, Catarina. Você é linda, eu estou apaixonado por você e não consigo sequer transar porque ainda estou casado. Que vida maravilhosa a minha! — bufa.

Me sinto esquisita com relação a isso, mas não quero que ele perceba. O clima já está estranho o suficiente. Por um instante, fico pensando o que pode ter levado Vicente a isso, mas sei a resposta. Acho que o peso das palavras chegou para ele também. Admitir que estamos apaixonados um pelo outro só torna tudo ainda mais difícil. Ele continua sendo o marido da garota que sobreviveu a um acidente aéreo e acordou do coma após um ano. Ele não vai voltar a ser o cara que me salvou do banheiro do fórum, nunca mais.

— Acho que as coisas só vão melhorar quando isso tudo for resolvido — comento, tentando amenizar o clima.

— Está falando sobre a conversa com a Natália?

— Sim, amanhã vou lá e depois que eu não tiver mais nenhum vínculo com ela, a gente pensa no que fazer, no que você quer fazer.

— Eu sei o que quero fazer, mas não acho que conversar com ela vai tornar isso mais fácil — ele devolve.

Levanto a cabeça para encará-lo e apoio meu queixo em seu peito.

— Eu vim de Boituva hoje só para isso, Vicente.

— Você estava em Boituva? — ele indaga com as sobrancelhas arqueadas.

— Sim, fui saltar de paraquedas com minha prima. Era um dos desejos da minha lista de sonhos.

Sorrimos.

— Quero ver isso depois.

O silêncio permeia por algum tempo, mas Vicente está inquieto. Devido a sua expressão, acho que ele quer falar algo.

— Por que você não deixa essa história do convite para lá? — pergunta.

— Como assim?

— Não sei, esquecer por um tempo. Aí eu converso com a Natália sobre meu relacionamento com ela e a gente segue nossa vida.

Estranho sua proposta.

— Você sabe o que a Natália quer falar comigo? — pergunto. Acho estranho ele sugerir que eu não converse mais com ela.

— Não. Mas acho melhor evitar contato nesse momento. Se a gente quiser continuar... — ele aconselha. — De qualquer forma, é só uma ideia.

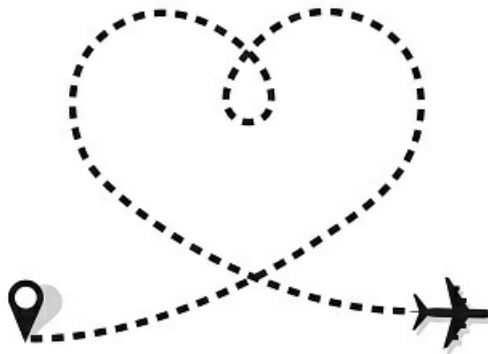
Vicente ainda está fazendo carinho em meu cabelo e o assunto morre. Tento pensar no que fez ele sugerir isso para mim, se é seu medo do meu encontro com Natália, de nossa proximidade, ou se ele sabe de alguma coisa e está escondendo. Entendo que para ele é ainda mais difícil tomar essa decisão, mas eu só estou aqui hoje porque resolvi vir atrás desse convite. Não tenho como negar isso. Não posso simplesmente ficar com ele e virar as costas para o que me trouxe até aqui.

— Dorme aqui comigo? — ele pede, sussurrando em meu ouvido.

— Claro! Vou só avisar minha prima. — Dou um beijo rápido em sua boca e me levanto para pegar o celular que ficou na sala.

Olho para trás antes de sair do quarto e vejo Vicente me observando com um sorriso no rosto. Por um segundo, passa pela minha cabeça que ainda vou me ferrar nessa história. Porém enquanto o chão não chega, vou aproveitar a queda livre.

CAPÍTULO 16



Vicente ainda dorme profundamente quando acordo. Seu rosto está virado para mim, as pernas encaixadas nas minhas, o que me dá uma sensação gostosa de pertencimento. Essa é a parte que mais gosto em relacionamentos, apesar de saber que este ainda não é um propriamente dito. Gosto de me sentir parte de algo.

Seu sono parece pesado. Tento me desvencilhar devagar para não o acordar, e ele nem se mexe quando me levanto da cama. Depois de nossa conversa estranha sobre Natália e a proposta esquisita dele, comemos na sala quando seu pedido chegou e voltamos para o quarto para assistir um filme e dormir. Ficamos assim a noite toda, grudados um no outro, aproveitando o beijo, o toque, a pele, sem pressa. Não dormi por muitas horas, mas também não me sinto cansada.

Pego minhas roupas e me troco no banheiro, lavando o rosto e me arrumando tanto quanto dá. Não quero passar em casa porque sei que vou ficar presa com Carolina e suas perguntas, então decido ir direto ao hospital. Saio furtivamente e vou até meu carro. Sigo até o destino sem pressa, tentando organizar meus pensamentos que não querem deixar Vicente e essa noite para trás. Me sinto tão bem com ele e isso parece injusto demais no meio de toda essa situação. Ao estacionar em frente ao hospital, respiro fundo algumas vezes antes de sair do carro.

Falo com a secretária e meu nome já está na lista de visitantes de Natália, o que seria cômico se não fosse tão trágico. O convite de casamento está na minha bolsa e quando chego a porta de seu quarto, encontro um enfermeiro saindo.

— Ela está acordada? — pergunto.

— Está sim, um pouco estressada, mas acordada — ele comenta.

Entro devagar e dou uma batidinha na porta. Natália me encara, surpresa. Seu rosto está virado de lado e, pela sua expressão, não sei se Vicente confirmou minha presença com ela, então só me aproximo quando ela diz:

— Pode entrar — pede. — Quer sentar?

— Não, obrigada. — Diferente da culpa que me acometeu da última vez, não posso deixar de me sentir ferida ao vê-la agora. Ela colocou meu pai dentro daquele voo, sabe-se lá por que. — Não vou demorar.

— Tudo bem.

— Vicente me enviou uma mensagem dizendo que você queria falar comigo.

— Isso. Ele já devia estar aqui, mas ultimamente anda sendo meio imprestável — Natália diz, irritada. Sinto ainda mais raiva ao ouvi-la falar desse jeito de Vicente, que abriu mão de tudo por ela. — As coisas não estão fáceis aqui.

— Imagino.

— Aquele dia não consegui falar com você direito, mas Vicente me contou que o procurou antes e queria falar comigo também.

— Sim, por isso. — Pego o convite de casamento dentro da bolsa e entrego a Natália. Suas mãos finas tocam o papel e me sento na cadeira que está mais afastada dela. — Encontrei nas coisas do meu pai da última vez que fui em casa e fiquei curiosa, porque ele não era o tipo de pessoa que guarda.

Natália abre o convite, olha para ele, mas não esboça nenhuma emoção.

— Sim, eu mandei para ele.

— Você e meu pai tinham um caso. E teve coragem de chamá-lo para seu casamento? — disparo.

Natália trava por alguns segundos, o que me dá ainda mais certeza.

— Eu não sei se você tem o direito de falar isso — comenta. Vira seu rosto e me encara diretamente agora, então posso enxergá-la melhor. Noto uma grande marca no lado do seu rosto que estava escondido no travesseiro, como uma cicatriz de queimadura.

— Depois de conhecer Vicente acho que posso sim.

— Por que está falando isso? O que Vicente te falou? — Natália sobe o tom de voz, mas tento me manter calma. Não vou gritar.

— Pelo visto ele não tem ideia do que você fez porque ficou do seu lado esse tempo todo.

— Você não sabe do que está falando...

— O que ele ia achar de ver seu amante no casamento de vocês?

— De onde você tirou isso? — diz parecendo crer que tudo que falei é um absurdo. — Mas, enfim, Catarina, eu não tinha um caso com seu pai. Ele era um cara incrível. Acho que ele merece que você continue pensando isso dele.

Cruzo os braços, porque noto o quanto estou impulsiva e cheia de vontade de gritar com Natália.

— Eu procurei seu pai uns dias antes. Ele conhecia minha mãe, que também morreu, então descobri seu contato e marquei uma conversa com ele porque queria tirar algumas dúvidas. Fui para o Rio um pouco antes do meu casamento, acho que uma semana, se não me engano. Nos encontramos na capital e conversamos por horas. Ele estudou com minha mãe, no colégio. Ela era do Rio também. — Natália faz uma careta de dor ao tentar se ajeitar na cama. — Ele me falou sobre você e sua família, contou era comissária, seu sonho desde criança, enfim, conversamos muito.

Ainda não consigo entender aonde Natália quer chegar com tudo isso, mas saber que meu pai foi o mesmo cara com quem convivi por vinte e nove anos me acalenta por alguns instantes.

— Eu procurei seu pai, Catarina, porque não conheci o meu. Minha mãe engravidou na adolescência e meu avô se mudou para São Paulo com ela. Ela falou a vida inteira que não sabia quem era meu pai, que teve alguns namorados na adolescência e que era para deixar isso para lá.

Então, em certo momento, realmente deixei para lá. Eu poderia viver sem isso. Antes de morrer, ela me deu o nome do seu pai.

Algo gelado percorre minha espinha.

— Conte para ele sobre minha mãe e ele me contou que eles se envolveram na adolescência. Que ficaram juntos antes dele conhecer sua mãe, mas que a última notícia que teve dela foi de que havia mudado de cidade e perderam o contato. Seu pai não sabia que ela estava grávida, não sabia de nada.

Me levanto, impressionada. Não é possível. Natália não pode ser...

— Fomos até o hospital e fizemos um teste de DNA. Seu pai disse que queria ter certeza antes de falar com você e com sua mãe, e eu nunca quis causar um drama com essa história toda, afinal, nem Vicente sabia disso. Fiz tudo sozinha.

— Não, não é possível — sussurro para mim mesma enquanto ando pelo quarto, inquieta.

— O teste deu positivo. Descobri que seu pai é meu pai e sinto muito, muito mesmo por não ter tido a oportunidade de viver isso antes. Ele foi incrível comigo, decidiu vir a São Paulo para meu casamento e contaria aqui para você, pois ele sempre falava que sua mãe era muito brava e precisaria de apoio nesse momento. — Natália tem o olhar vazio, como se falar disso trouxesse algum tipo de nostalgia. — Isso parece ter acontecido ontem para mim.

— Você está dizendo que...

— Que sou sua irmã, Catarina. Meia irmã, na verdade — afirma. — Não sei se iria te procurar depois disso tudo, mas quando te vi aqui, sabia que isso precisaria ser feito.

— Meu pai entrou naquele maldito avião pelo seu casamento? — pergunto, irritada.

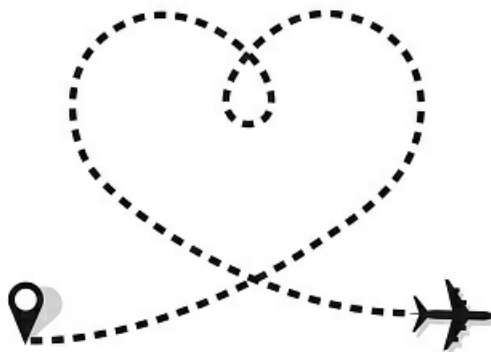
— Catarina, eu não sabia que...

— Eu preciso ir embora! — Pego o convite de casamento da mão de Natália, jogo dentro da bolsa e saio do quarto sem olhar para trás. Eu a escuto me chamar algumas vezes, só que não estou nem aí para o que ela quer.

Minha cabeça parece um furacão. Está tudo fora do lugar e quando percebo já estou do lado de fora do hospital, aos prantos, do lado do meu carro. Como isso foi acontecer? Nem no meu pior pesadelo eu poderia imaginar a verdade. O que eu fiz?

Entro no carro e sinto meu corpo se contorcer com a crise de choro que me invade. A única coisa que não sai da minha mente é que estou apaixonada pelo marido da minha irmã. *Deus, eu estou apaixonada pelo meu cunhado? Que merda!* Tento controlar as lágrimas, segurar um pouco o choro e respirar fundo. Preciso me acalmar para dirigir de volta para casa. Definitivamente, a queda livre acabou. Encontrei o chão.

CAPÍTULO 17



Conto para Carolina sobre a noite com Vicente e meu encontro com Natália. Ela fica tão perplexa quanto eu com a notícia da nova filha do meu pai. Não sei se tem uma forma mais fácil de compreender todas essas novidades.

— O que você vai fazer? — pergunta, sentando ao meu lado depois de dar milhares de voltas na sala do meu apartamento.

— Não sei direito. — Passo uma das mãos no rosto, angustiada. — Mas preciso falar com minha mãe.

— Por que não vai para Petrópolis comigo? Pensar melhor, dar um tempo disso tudo— sugere. — E aí, conversa com ela pessoalmente.

Carolina tem razão. Meu pai não está mais aqui, e a única pessoa mais interessada nisso do que eu, é a minha mãe. Preciso entender como estou me sentindo e acho que só ela poderá me ajudar de verdade. Ela não ficará satisfeita, porém tenho que tentar. Afinal, é o passado do marido dela.

— Quer ir agora? — pergunto. — Não vou conseguir dormir mesmo. A gente vai revezando no volante.

— Tem certeza?

Afirmo com a cabeça e uso a mesma mochila que levei para Boituva, trocando apenas algumas peças de roupa. Saio de São Paulo com Carolina no meio da tarde. Não pego muito trânsito no caminho, o que alivia um pouco o cansaço, e quando começo a sentir sono, troco o banco do motorista pelo carona e descanso por um tempo.

Chegamos a Petrópolis às 22h30 da noite e me despeço de Carolina na porta da sua casa. Ela precisa ver a mãe dela e eu de um momento sozinha com a minha. Conforme vou chegando em casa, toda a coragem diminui. Não posso prever a reação da minha mãe, porém não darei para trás. Estaciono o carro, saio com a mochila e vejo a luz acesa da sala quando me aproximo. Ela

aparece na porta de pijama, com uma expressão confusa ao me ver, já que não avisei.

— Catarina? O que aconteceu? — pergunta, me dando um beijo rápido na bochecha. Sinto o cheiro de álcool e posso chutar que ela está bebendo vinho.

— Surpresa! — brinco, mas ninguém sorri. — Estava precisando dar um tempo de São Paulo.

Entro e coloco minhas coisas na poltrona. Vejo a garrafa de vinho pela metade na mesa no centro da sala e busco uma taça na cristaleira ao lado do corredor que dá para a cozinha.

— Posso? — indago, apontando para o vinho. Minha mãe apenas afirma com a cabeça e volta para seu lugar no sofá, bebericando o líquido de sua taça.

Coloco na minha e me sento no mesmo sofá que ela, porém longe o suficiente para não nos tocarmos.

— Você não veio aqui à toa. É algo com a indenização? — questiona.

— Também tem isso. Mas o que vim falar é sobre papai, especificamente.

Ela me observa mudar de posição. Sei que transpareço nervosismo. Bebo um gole generoso do vinho e então começo. Tiro o curativo do machucado sem dó, rápido e direto, e conto para ela sobre o convite e toda a saga que percorri até chegar a Natália. Não dou detalhes sobre Vicente, falo apenas sobre a história de hoje. Minha mãe me escuta sem dizer nada, leva a bebida à boca em alguns momentos e não tira os olhos da televisão muda enquanto falo.

— Então seu pai tem outra filha — repete, acho que mais para si mesma do que para mim.

— Foi o que ela falou. Disse que tem o teste de DNA.

O silêncio continua.

— Parece piada. Sempre desconfiei que algo tinha acontecido com a ex do seu pai, antes de mim. — Minha mãe dá um sorriso amarelo e se levanta, terminando o vinho e colocando a taça na mesa.

— Por que você não parece surpresa? — pergunto.

— Eu recebi o convite pelos correios, ele disse que não sabia de quem era. Sabia que ele estava mentindo para mim.

— E você não questionou?

— Se isso é verdade mesmo, por que seu pai, o homem mais sincero do mundo, não nos contou? — debocha. O álcool já faz efeito nas suas palavras.

— Pelo que entendi, ele não sabia. Soube uma semana antes de morrer.

— Quando foi para o Rio, achei estranho. Quando disse que ia para São Paulo, me lembrei da data do casamento do convite, porém era seu aniversário, achei que tudo isso era coisa da minha cabeça.

— Esse tempo todo achei que ele tinha ido me encontrar.

— Eu também. E ele ainda ia contar para você primeiro. Eu, que dormia ao lado dele, dividi minha vida inteira, não merecia saber disso.

— Mãe...

Quando ela me encara por alguns segundos com seus olhos marejados, sinto um misto de pena e raiva da minha mãe por não o ter impedido de ir, por não tê-lo questionado. Ao mesmo tempo, eu sofri por perder meu pai, mas não imagino como deve ser difícil para ela perder seu companheiro de vida e ainda saber que ele tinha segredos.

No fundo, sei que aqui em casa as coisas sempre foram desta forma: direta. Minha mãe não poderia esperar outra coisa de mim, por conseguinte, esse é também o motivo desse segredo ter me surpreendido tanto.

— Vou dormir, Catarina. Depois conversamos melhor. — Ela segue até o corredor, mas antes

de sair da sala, se vira novamente para mim. — Fiquei feliz por ter vindo!

Sorrio para ela e a vejo sair do cômodo. Talvez um vinho e uma noite de sono seja mesmo a única solução.



Acordo com meu celular tocando. Minha cabeça parece latejar e demoro a descobrir de que lado está vindo o som. Tateando o criado-mudo, encontro o aparelho e encaro o nome de Vicente na tela. Coloco no silencioso e o deixo no chão. Não quero pensar em Vicente agora. Minha cabeça já está doendo o suficiente e esse acúmulo de problemas só vai me fazer surtar. Esse tanto de novidades em pouco tempo só me deixou assustada.

Não encontro minha mãe em nenhum lugar da casa quando levanto da cama. Hoje é sábado e acredito que ela tenha saído para ir à feira, mas não descarto a ideia de apenas ter fugido para não me encarar. Falar comigo vai desencadear o assunto que a desagradou tanto na noite anterior. Porém, ambas sabemos que será inevitável.

Bebo uma xícara de café e tomo um banho morno. Visto uma roupa confortável, um macaquinho de cor terrosa que acho que me cai bem. Vou até a varanda que meu pai tanto amava, o jardim que construiu com as próprias mãos, me sento em um balanço e observo os pássaros voarem de árvore em árvore. Esse ar fresco e o som do vento nas folhas me faz voltar para um tempo onde esse tipo de problema não existia para nós.

Escuto o barulho da buzina insistente de um carro na frente de casa e dou a volta até a porta para ver se é minha mãe. Carolina vem ao meu encontro com os olhos fundos e nem precisa dizer nada para eu saber que estava chorando. Ela me abraça apertado e soluça por um tempo no meu ombro. Meu Deus, por que tudo acontece junto? Me limito a confortá-la por alguns minutos e depois a levo até o sofá. Pego um copo d'água na cozinha e entrego para ela, que enxuga as lágrimas com suas mãos.

— O que aconteceu, prima? — pergunto quando percebo que ela está mais calma.

— Vo-você não vai credi-ditar! — soluça. — Eu não conse-gui assimilar ainda!

— Respira fundo, Carolina. Calma! — peço. Tiro seu cabelo que está grudado no rosto.

— Aquele filho da mãe, Catarina. O desgraçado do Joaquim.

— O que ele fez?

— Ele me traiu. Me traiu, Catarina. Acredita? — solta.

— Quando? Durante o intercâmbio?

— Sim, quando ele foi me visitar no meio do intercâmbio, ele já estava me traindo. Já estava com... — Carolina balança a cabeça como se quisesse esquecer algum pensamento intruso.

— Que absurdo, prima! Como você descobriu isso?

— Fui lá hoje, tentar conversar com ele sobre o dinheiro e o encontrei acompanhado.

— Ela estava lá?

Carolina se vira para mim, cruzando as pernas em cima do sofá.

— Ele. Ele estava lá com ele.

— Como assim? — Fico confusa.

— Ele é gay, Catarina! Joaquim estava me traindo com outro homem.

Meu queixo cai automaticamente. Estou de fato surpresa com a notícia e só consigo pensar que a vida não nos dá nenhum descanso, uma bomba atrás da outra.

— Não acredito! — exaspero.

— Não sei se mato aquele desgraçado ou se choro de desgosto. Como ele nunca me falou

isso? Como eu nunca percebi?

— Sinceramente, nem eu. Poderia chutar várias coisas, agora essa seria a última. Estou pasma!

Tudo bem que Joaquim nunca foi o cara mais masculino de todos, mas Carolina nunca reclamou sobre a vida sexual deles ou sobre qualquer comportamento diferente do esperado para ela.

— Quando parei lá e vi Joaquim se despedindo de Frederico com um beijão na boca, quis socar a cara dos dois, mas só consegui gritar e acabei entrando no carro e vindo para cá.

— Frederico? O amigo de vocês que encontramos no meu aniversário? — pergunto, perplexa.

— Exatamente.

— Que coisa bizarra, Carolina! — Encosto a cabeça no sofá e fecho os olhos, tentando visualizar a cena, mas é difícil.

— Não consegui nem terminar o que fui fazer — completa.

— Resolver o negócio do dinheiro?

— Isso. Fiquei tão embasbacada que só queria sair de lá o mais rápido possível.

— E não vai voltar?

— Acha que eu deveria fazer isso agora? — Carolina me encara, preocupada.

— Se achar que consegue, sim. Posso ir com você se quiser, o quanto antes resolver isso, menos problema vai ter. É muito dinheiro, prima, ele não pode te enganar e ainda sair com tudo o que juntou.

— Nós juntamos para o casamento. Desgraçado! Eu ia me casar com ele! E ele é gay!

Nunca fui trocada por outro homem, então tenho como dimensionar o que ela está sentindo. Tenho vários amigos que são gays e nenhum deles fez algo parecido no passado. Me sinto inútil por não conseguir pensar em nada para falar com minha prima que a console.

Apesar de todo o sofrimento, ela não pode simplesmente deixar todo o dinheiro para ele e desistir de correr atrás. As pessoas deviam ter mais consciência do mal que podem causar ao outro, e Joaquim não teve a mínima preocupação. E pensar que eu até gostava dele, já o considerava da nossa família. A gente não conhece mesmo as pessoas.

— Carolina, vamos lá de novo. Dessa vez vou com você. Vamos recuperar o que é seu.



Estaciono em frente à casa de Joaquim e espero Carolina terminar de passar um batom para sair. Ela já parou de chorar há algum tempo e recuperou a calma, o que ajuda bastante. Conversamos no caminho até aqui e sei que ela está disposta a correr atrás dos direitos dela, pois já ligou para um advogado e marcou uma reunião na segunda. Não dá para abrir mão de tudo, ainda mais depois de ser tão magoada.

— Quer que eu vá com você lá dentro? — pergunto. Quero que ela se sinta segura e tenha todo o apoio de que precisa.

— Não, prima. Estou bem. Vou conseguir. Tenho que falar com ele sozinha.

— Ok. Te espero aqui.

Dou um beijo em sua bochecha e vejo Carolina se afastar até a porta de entrada da casa. Não demora, observo Joaquim sair de calça jeans e uma blusa preta, parece resistir um pouco, mas acabam entrando na casa. Espero que ela consiga dar conta e que ele não seja mais estúpido do que já está sendo.

Pego meu celular e noto que Vicente me ligou mais três vezes. Fecho os olhos e encaixo a cabeça no volante, ansiosa. Essa nossa relação esquisita e errada só está piorando tudo. Jogo o celular no banco do carona e ligo o rádio, esperando que qualquer música tire o foco dos meus pensamentos.

Em vão. Óbvio. Não paro de pensar em Vicente, a vontade que tenho de ficar com ele só se multiplica, e o peso na minha consciência também. Será que a essa altura ele já sabe que Natália é filha do meu pai? Apesar da curiosidade, decido não retornar. Preciso de um tempo. Carolina e minha mãe têm a prioridade e não posso me permitir desfocar. Não agora.

Vinte minutos depois, vejo Carolina sair da casa bufando e pisando duro. Sua expressão é furiosa e assim que entra no carro, bate a porta com tanta força que se desculpa em seguida. Carolina pede para sairmos logo e, sem demora, ligo o carro.

Quando entro na rua principal, abaixo o volume da música.

— Como foi? — indago baixinho, cautelosa.

— Parece até mentira, sabe, Catarina. Parece mentira que eu fiquei tanto tempo com esse imbecil! — solta. Minha prima balança as pernas, inquieta.

— O que ele falou?

— Que eu perdi minha parte quando decidi fazer o intercâmbio, portanto, o que restou na conta é dele.

— Como assim, gente? Isso é verdade?

— Claro que não, Catarina. Eu só usei o dinheiro da conta para pagar as passagens. O resto foi com meu dinheiro. Ele não pode fazer isso.

— Que filho da puta!

— Nem fala. Ele vai ver. Segunda-feira consultarei pessoalmente o advogado, vamos ver quem vai sair perdendo nisso tudo — desabafa.

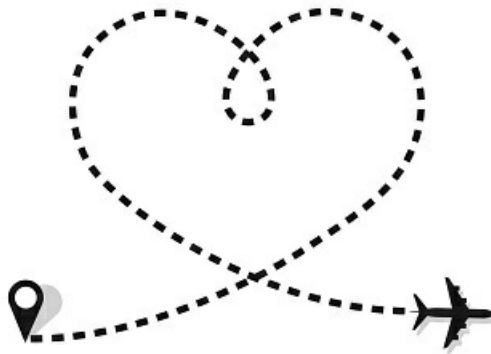
— Isso, resolve da forma certa.

Levo minha prima até minha casa e encontro minha mãe na cozinha preparando o almoço. Carolina conta para ela os recentes acontecimentos e mesmo sem dizer nada, sei que minha mãe decidiu deixar para lá a história de Natália para poder cuidar da sua sobrinha. Não faço ideia do que está pensando e nem se resolveu algo sobre tudo o que falei na noite passada, mas decido que só vou tocar no assunto quando ela quiser. Ela não precisa que eu a fique pressionando. O que eu podia fazer, já fiz. Minha mãe não sabe sobre as dificuldades de Natália no hospital, nem sobre nossa compatibilidade sanguínea, e resolvo não contar. Não quero ter mais uma preocupação na minha cabeça. Se souber da intensidade da minha relação com Vicente então, só vai piorar tudo. O silêncio, às vezes, é a melhor resposta. Pelo menos por um tempo.

Passo o dia com Carolina e acabo indo para sua casa, dando assim um tempo para minha mãe e tento descansar.

Dormir bem tem sido impossível.

CAPÍTULO 18



Deixo um bilhete para minha mãe antes de fugir. Pela conversa do dia anterior, percebo que ela ainda não foi capaz de internalizar tudo, então acho melhor prolongar o tempo para uma nova conversa. Vicente não para de me ligar, então saio cedo com o intuito de chegar a São Paulo e, por fim, descobrir o que ele quer.

Nunca sofri tanto para chegar ao Rio, e ainda tinha um caminho torturante até São Paulo. Eu já estava habituada a fazer o percurso, fosse de avião ou de carro, mas dessa vez, não sei se pela ausência de Carolina ou minha vontade absurda de encontrar Vicente, era como se eu estivesse indo de um país a outro.

Quando chego, a exaustão não me deixa ir até Vicente. Subo até meu apartamento. Jogo a mochila em cima da cama, tiro a roupa e tomo um banho. Estou com o pescoço travado pelo tempo que passei dirigindo, então coloco uma roupa confortável, passo um hidratante no corpo e deito no sofá, enquanto mando uma mensagem para ele.

Oi, tudo bem? Desculpa não retornar antes, estava precisando de um tempo e fui para Petrópolis. Cheguei agora em São Paulo. Estou em casa.

Em menos de cinco minutos, meu celular apita.

Chego aí em quinze minutos.

Estranho sua urgência, contudo decido não perguntar. Talvez seja uma notícia boa depois de tanto martírio, apesar de não arriscar em nenhuma. Passo um perfume e um batom nude para recebê-lo. Sei que Aline não aprovaria minha roupa, todavia estou em casa, não vou tirar meu short jeans e minha camiseta branca.

Prendo o cabelo em um rabo de cavalo e abro uma garrafa de vinho branco, a única que resta

na minha geladeira. Quero tornar o clima pelo menos confortável.

Exatamente quinze minutos depois da ligação, escuto o interfone. Vicente chega e quando meus olhos encontram os dele, toda a minha segurança se esvai. Da porta, seu perfume me cobre por inteira. Ele está ainda mais lindo do que nas últimas vezes, com a barba por fazer. Sem pensar em mais nada, o abraço.

Ele entra e fecho a porta. Nos sentamos no sofá e ele me dá um selinho demorado, como se estivesse lutando contra seus próprios pensamentos.

— Achei que você nunca mais fosse me responder. Vim aqui mil vezes — solta. Sirvo duas taças de vinho e o entrego uma.

— Eu só precisava de um tempo, precisava espairar — falo, mesmo que a viagem para Petrópolis não tenha sido exatamente para isso.

— Tudo bem, eu que estou desesperado mesmo. — Vicente bebe um gole do vinho.

— O que aconteceu? Algo com Natália?

— Espero que você consiga me dizer.

— Por quê? — Arqueio as sobrancelhas.

— Porque desde o dia que vocês conversaram, ela não me deixa entrar para vê-la. Disse que precisava ficar sozinha. Não quis me contar o que houve.

— Entendi — falo encabulada. Tenho a sensação que meu rosto está pegando fogo, quero poder esquecer o que aconteceu e me entregar por completo para Vicente agora mesmo, mas não consigo. Ele precisa saber.

Eu me viro de frente para ele.

— Vou te contar o que Natália me falou naquele dia.

Em poucos minutos, resumo toda a história para Vicente. Falo sobre a paternidade de Natália e sobre tudo o que conversamos. Depois, que contei para minha mãe e que por isso não falei com ele durante o final de semana, já que muita coisa estava acontecendo. Vicente fica com os olhos estatelados, me encarando fixamente e com parte de sua boca aberta, surpreso.

— Como isso é possível? — pergunta, balançando a cabeça, incrédulo, e se levanta em seguida.

— Te falei, a mãe dela estudou com meu pai...

— Não. Como é possível eu me apaixonar pela irmã da minha... minha... nem sei mais o que Natália e eu somos.

— Ah, é, isso é um problema. — Deito a cabeça no sofá enquanto observo Vicente beber todo o vinho de uma vez. — Você não sabia disso?

Fico em dúvida se ele realmente não sabia. Natália guardaria esse segredo por tanto tempo assim?

— Não. De nada. Nem do seu pai, nem do convite, nem de você. Natália sempre foi muito fechada e nunca tocamos nesse assunto.

— Por que acha que ela não quis te contar agora? Por que está fazendo isso? — indago. Vicente é o único que está o tempo todo ao lado de Natália, é estranho ela não confiar nele.

— Não sei. Talvez ela esteja digerindo isso também.

Por fim, Vicente se senta novamente ao meu lado e segura meu rosto.

— Catarina, eu estou fodido agora — fala. Seguro suas mãos.

— Não acho certo a gente continuar com isso, Vicente. Não entenda mal, eu gosto muito de você. Mas Natália está passando por um momento difícil, vocês dois, querendo ou não, são casados. Tem muita coisa envolvida. Você tem uma vida com ela.

— Ela não quer me ver.

— Somente agora. Ela saiu de um coma, está confusa, cheia de dor. Apesar de saber que ela é a responsável por meu pai ter embarcado naquele voo, não posso deixar de pensar que você não tem nada a ver com isso. — Solto suas mãos e me viro, bebendo mais um gole do vinho.

— Está dizendo que não temos que ficar juntos? — pergunta, puxando agora meu queixo até ele, de forma delicada. O toque de sua mão no meu rosto me deixa tonta.

— Estou dizendo que não está certo — afirmo, mesmo sem querer.

— Eu já te falei, estou apaixonado por você, Catarina. Vamos dar um jeito.

O que eu vou fazer agora? Pergunto para mim mesma, porque não consigo encontrar uma saída e nem uma resposta direta para Vicente. Eu sei que também estou apaixonada por ele, mas a cada momento fica tudo ainda mais complicado e não consigo ver nenhuma saída de emergência.

Não faço ideia de onde isso vai me levar e quando as mãos quentes de Vicente agarram minha cintura, estou desesperadamente complicada. Sua boca preenche a minha e a deixo me devorar, porque sou como animal indefeso, sem forças para me defender. Quando chegamos ao meu quarto e derrubamos a mochila no chão, tenho a ligeira impressão de que encontrei o lugar onde isso vai terminar. Nossos corpos se encaixam e dessa vez a sintonia é perfeita, sem nenhuma dificuldade.

Sua barba roça por cada centímetro do meu corpo e nossa excitação é tão gigantesca que poderia dizer que minhas dúvidas foram embora. Não sei por quanto tempo, não sei de que forma, porém minha única certeza é que brigarei por ele. Não tenho outra escolha senão ficar.



Desvio do vai e vem de pessoas que lotam o corredor branco do hospital. Procuro pelo quarto, mas pela agitação, me sinto desorientada. Pergunto a uma enfermeira e ela me aponta a direita, por onde sigo sem pestanejar. Estou decidida a falar com Natália e resolver tudo. Não tenho motivos para me esconder mais.

Enfim, chego ao quarto dela, mas a cama está vazia. Entro e a procuro no banheiro, em vão.

— Está me procurando? — escuto a voz rouca de Natália que entra pela porta deslizando em uma cadeira de rodas. Dou de cara com o seu corpo magro, pálido, seus cabelos desgrenhados e sua coleção de cicatrizes me causam um efeito assustador. Ela parece pior do que da última vez que a vi. O soro pendurado e ligado ao seu braço balança em uma haste de metal. É uma imagem um tanto macabra.

— Sim. Vim falar com você. — A vejo dar a volta no quarto e, com muito esforço, deixar a cadeira de rodas e se sentar na cama.

— Entretanto, eu vou falar com você primeiro — impõe. Eu me aproximo um pouco mais de sua cama.

— O que você tem para falar?

— Eu estou morrendo, Catarina. De verdade. Todo mundo acha que eu sobrevivi a um acidente aéreo, que sou um tipo de amuleto da sorte, que estou viva. Mas a verdade é que estou morta desde que saí daquele avião em coma. Morta por dentro.

— Natália...

— E você fez isso. Você está fazendo isso.

— Eu? Mas o que eu...

— Você me matou, Catarina. Tirou a única coisa que eu tinha e não quer me dar a única que preciso para sobreviver.

— Do que você está falando? — pergunto, apavorada.

Natália tosse e quando tira a mão da boca, vejo o sangue escorrer pelos seus dedos. O que está acontecendo?

— Vicente. Você o tirou de mim. E sabe que é a única que pode me ajudar a sair daqui, mas prefere ficar com ele, não é verdade? Prefere que eu morra!

— Olha, Natália, você está nervosa... — Me viro e vejo a porta fechada. Quem fez isso? Vou até ela, mas não consigo abrir.

— Você não vai embora. Vai ficar aqui, para me ver morrer. Olha para mim. Eu matei nosso pai e você está me matando.

Meu coração acelera ainda mais com as palavras. Não estou prendendo a respiração, ela simplesmente não vem. Vejo meu pai ao lado da cama de Natália e pisco os olhos várias vezes tentando acordar. Agora sei que estou sonhando. Meu pai está morto, mas jamais vou esquecer a expressão serena de seu rosto ao me observar ali. Há uma agonia que me envolve como um cobertor. Quero gritar por socorro e não consigo.

Acordo assustada ao sentir um toque em meu rosto. Abro os olhos e estou segurando com força a mão de Vicente, que parece não entender nada.

— Bom dia! Está tudo bem? — questiona.

— Bom dia. Desculpa. Está acordado há muito tempo? — pergunto, tentando expulsar da minha cabeça a imagem de Natália definhando naquela cama. — Tive um pesadelo.

— Não, acordei agora. — Vicente beija minha bochecha.

— Gosta de café? — Sento na cama, tentando afastar a lembrança daquele sonho.

— Gosto, mas vamos fazer isso juntos, depois que fizermos uma outra coisa...

Vicente beija meu pescoço e o arrepio que isso me causa espanta para longe o sonho. Logo estamos envolvidos nos braços um do outro e fazemos amor mais uma vez, dessa, sem nenhum desespero, apenas aproveitando o momento. Quando terminamos, agora satisfeitos, vou até o banheiro enquanto Vicente faz o café na cozinha. Como a noite passada foi agradável, imaginei que meu dia teria tudo para ser incrível hoje, até ter esse pesadelo. Agora, cada vez que olho para ele, lembro das frases pesadas de Natália para mim.

Quando chego a cozinha, o cheiro de café e pão torrado me invade. Estou vestindo apenas um short e continuo só de sutiã, enquanto Vicente coloca a mesa de cueca.

— Juro que não fiquei fuçando suas coisas, tudo que fiz estava bem na bancada — comenta.

— Está perfeito — respondo, dando um beijo rápido em sua boca antes de me sentar.

Enquanto tomo meu primeiro café da manhã ao lado desse homem, observo o quanto estamos confortáveis na presença um do outro. Vicente esfrega seu pé em minha perna por debaixo da mesa e eu sorrio, ainda me preservando do sonho idiota.

— Quais os planos para hoje? — Vicente pergunta. Não quero responder, porque algo me diz que se um de nós sair pela porta desse apartamento o efeito irá acabar. Natália se tornará real de novo.

— Não sei, tenho umas coisas para resolver no banco, na empresa.

— Eles te ligaram?

— Não, mas quero passar lá para agilizar.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, ambos evitando a pergunta.

— Você irá ao hospital hoje? — indago, sem aguentar segurar por mais tempo.

— Não sei, pensei em esperar ela entrar em contato. Eu falo com o médico dela todos os dias, está estável. Não quero invadir o espaço que ela pediu.

— Sim.

Continuo comendo com o intuito de ocupar o tempo e o silêncio constrangedor desse assunto,

mas Vicente encontra a solução:

— Ah, tem uma coisa que quero saber.

— Diga.

— Sua lista de desejos. Você me falou aquele dia lá em casa e não me mostrou. Qual é a história? — pergunta, curioso.

Sou obrigada a sorrir. Nunca imaginei que ele pudesse lembrar de algo tão bobo para a maioria das pessoas e isso me acalenta. Pego a lista dentro da caixa de lembranças no meu quarto e entrego para ele. A letra de uma Catarina aos sete anos o faz rir.

— Bem melhor que a minha até hoje! — comenta. — Quer dizer que a única coisa que falta agora é a Capadócia?

— Exatamente.

— Nunca pegou nenhum voo para lá?

— Ainda não e, como agora estou desempregada, não sei mesmo quando isso irá acontecer.

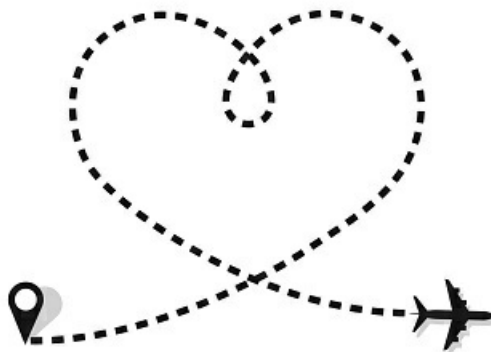
Conversamos um pouco sobre os países que visitamos e terminamos nosso café. Vicente levanta e vai até o quarto pegar suas coisas e tomar um banho enquanto guardo o que está na mesa.

A voz de Natália surge em minha cabeça, tão forte que parece vir dos meus ouvidos: “Vai me ver morrer!”. Minha consciência pesada reaparece, marcando território. Deixo uma faca cair no fundo da pia, e espero que o barulho não chame a atenção de Vicente, escuto a água do chuveiro caindo. Eu sei que Natália está sofrendo e que, apesar de toda a raiva que sinto do que ela fez, não é fácil passar pelo que ela está passando.

Mas o que posso fazer? Meus sentimentos estão tão bagunçados e misturados que mal consigo tomar uma decisão sensata. Ando só reagindo e sei que isso precisa acabar.

Quando Vicente termina e nos despedimos, decido o que é melhor a ser feito. E será agora, sem que ele saiba.

CAPÍTULO 19



Chego ao hospital onde Natália está internada. O fato de termos o mesmo tipo sanguíneo me assola desde que guardava a louça pela manhã. Então peço orientação de como fazer o exame de compatibilidade, tipagem HLA. Como ela está precisando, não tenho dificuldade alguma para entrar e seguir os protocolos para teste. Me surpreendo com a rapidez e logo em seguida eles pedem para que eu aguarde o resultado na sala de espera.

Fico longe da porta o suficiente, vigiando caso Vicente resolva aparecer. Não quero que ele me encontre aqui, afinal, nem eu sei porque estou fazendo isso. A curiosidade depois daquele sonho foi mais forte que eu. Será que eu tenho mesmo uma chance de ajudar Natália por ser meia-irmã dela?

Converso um pouco com Carolina por mensagem para passar o tempo, já que está aguardando no escritório do advogado lá em Petrópolis também. Me distraio por alguns minutos até que meu nome é chamado e me indicam a sala que preciso ir para buscar o resultado. Sigo o corredor como se tivesse revivendo meu pesadelo, pois um frio arrepiante percorre minha espinha. Tento internalizar que aquilo não quer dizer nada, ser compatível ou não, não muda minha opinião sobre Natália. Não sou obrigada a fazer qualquer coisa.

Pego o envelope e volto pelo corredor, passando em frente ao quarto de Natália. A porta está aberta e ela me encara assim que me vê aproximar.

— Você voltou — afirma. Sua voz soa ainda mais fraca que a do sonho, e ela não parece ter a mínima condição de se levantar, o que me deixa mais calma. Mantenho a porta aberta, aquela maldita porta que eu não conseguia abrir.

— Vim buscar o resultado de um exame. — Mostro o envelope, mas não digo o que é.

— Quero te perguntar uma coisa.

— Pode falar. Não vou demorar — afirmo.

— O que você tem com meu marido?

Sua indagação me faz tremer. Sei que estou corada e não preciso olhar no espelho para confirmar. Eu não estava esperando por isso. Não agora. Não sozinha. Não assim.

— O quê? Eu? — tento não gaguejar.

— Sim, você e Vicente.

— Por que está perguntando isso? — especulo. Vicente e eu não conversamos sobre contar para ela.

— Porque eu sei que algo está acontecendo, faz dias que Vicente não vem aqui.

— Porque você pediu — solto e, assim que vejo o olhar assustado de Natália, percebo que falei demais.

— Vai me dizer ou não?

Observo seu braço direito fora do lençol. Sua pele branca e pálida tem uma marca roxa enorme das constantes incisões.

— Vicente me ajudou a falar com você, trazer até aqui o convite e as questões sobre meu pai. Nos aproximamos — respondo.

— SUA FILHA DA PUTA! — Natália grita, chamando a atenção de quem está lá fora e, por isso, encosto a porta do quarto.

— Você é maluca? O que foi?

— Vocês estão tendo um caso! É claro! — debocha. — Minha querida meia-irmã está tendo um caso com meu marido. Sua filha da puta mentirosa!

O rosto de Natália está vermelho e vejo seus batimentos cardíacos acelerarem no monitor. Ela tosse por causa do esforço, mas sem sangue desta vez. Estou parada na sua frente, segurando um maldito envelope e ela me ofendendo por algo que nem posso me defender porque, afinal, tem razão. Estou mesmo saindo com o marido dela.

— Olha, você pode me chamar do que quiser, a sua opinião sobre a minha vida não me importa. Agora a única coisa que não admito é dizer que sou mentirosa. Você é que é mentirosa! Escondeu esse segredo do seu querido marido, colocou ele porta afora e não deu nenhuma explicação. Aí ele me procurou para entender o que está havendo com você, por preocupação, Natália. Você é muito ingrata! Está vendo isso aqui? — Rasgo o envelope para pegar o papel dentro dele e leio, procurando a informação que vim buscar.

Reagente. Dou uma risada nervosa.

— Olha só, que hilário! Positivo. Somos compatíveis. Vim aqui fazer essa merda desse exame para testar nossa compatibilidade, sabe Deus o porquê. Afinal, a única coisa que consegui te conhecendo foi me machucar ainda mais. Queria voltar no tempo e não ter encontrado esse maldito convite para não ter que passar por isso! — Rasgo o exame na frente dela e jogo no lixo. — Parabéns para mim, posso salvar sua vida se quiser.

— Eu não quero — ela solta, com a voz baixa. Seus olhos estão me fuzilando como se eu a tivesse dado uma sentença de morte.

— O quê?

— Eu não quero sua ajuda. Em nada. Vá embora daqui. Não preciso de você.

— Na verdade, precisa sim — solto, clinicamente.

— Eu não preciso, não quero sua ajuda. Vá embora. AGORA! — grita.

Saio do quarto batendo a porta atrás de mim. *Desgraçada ingrata!* Venho tentar ajudar e é isso o que eu recebo. Qual será a probabilidade de ela encontrar outro doador tão cedo? Mas por que estou pensando nisso? Essa estúpida não quer a minha ajuda, por mais que eu desejasse salvá-la. E pensar que eu poderia fazer uma boa ação para ambas. Se meu pai visse isso...

Chego à recepção e pego meu celular, vejo uma mensagem de Vicente dizendo que está indo

para o hospital. Não sei o que o fez mudar de opinião, já que hoje cedo a decisão era outra. Talvez Natália tenha o informado de minha visita, então resolvo esperá-lo. Maldita hora que fui dar corda para um sonho bobo. Devia ter seguido o conselho de Vicente e deixado essa história para lá, me afastado dessa mulher o quanto antes.

Pego um copo d'água e tento me acalmar para o que está por vir. Se é que isso é possível na minha situação.



— Catarina?

Estou sentada na recepção quando escuto uma voz conhecida me chamar da fileira de trás do meu banco. Viro-me para ver quem é e me deparo com Rodolfo, meu colega de trabalho, piloto.

— Rodolfo? O que você está fazendo aqui? — indago, me levantando para dar um abraço apertado nele. Ver um rosto conhecido no meio desse desespero me faz colocar os pés no chão.

— Estou esperando um amigo, preciso dar um recado a ele. E você? Está tudo bem?

— Sim, vim só fazer um exame de rotina. Só estou esperando... um amigo também, para ir embora.

— Fiquei sabendo que você pediu demissão. Ainda falo com algumas pessoas da AirSky.

— Sim, tive uns problemas contratuais, por causa da indenização do meu pai, e resolvi sair.

— Isso ainda está rolando com você?

— Parece não ter fim. E você sabe quem é o advogado, né?

— Leonardo. Fiquei sabendo.

— Ou seja, a tendência é só piorar! — Sorrio amarelo para Rodolfo, que devolve com um balançar de cabeça pesaroso.

— Fez bem. Não adianta trabalhar e não se sentir valorizado. Ainda mais depois de tudo o que te aconteceu — conclui.

— Sem dúvida. Está satisfeito com a empresa em que trabalha hoje?

— Sim. A VOE tem uma política muito melhor para os funcionários. Te aviso quando abrir seleção de comissária, é uma grande oportunidade.

— Me avisa, sim, por favor.

Conversamos um pouco sobre nossos, agora antigos, colegas de trabalho. Me distraio com Rodolfo, o que me ajuda muito a ficar mais calma para encontrar Vicente. Não quero que ele perceba como isso me deixou abalada e, muito menos, que ele fique com raiva por eu ter falado com Natália. Quero ter uma conversa tranquila com ele, se possível.

— Catarina? Rodolfo? — A voz de Vicente nos surpreende, fazendo-me ficar surpresa com o fato dele conhecer meu amigo.

— Vocês se conhecem? — Rodolfo e eu falamos juntos, e acabamos rindo, em seguida.

— Eu que pergunto — Vicente brinca, mas sua expressão não corresponde da mesma forma. Ele parece tenso.

— Trabalhamos juntos na AirSky. Rodolfo estava de saída um pouco antes do acidente — explico.

— Ou seja, faz mais de um ano que não nos vemos. Mas como vocês se conhecem? — pergunta Rodolfo, curioso.

— Longa história! — Vicente responde. — Rodolfo e eu nos conhecemos do curso de piloto — explica.

— Que coincidência — solto. Muita coisa tem sido coincidência nessa minha vida, e não sei

se gosto totalmente do rumo que ela está tomando.

— Mas, diga, o que você quer tanto me falar? Algo urgente? — Vicente se refere a Rodolfo e sinto que essa é uma deixa para ir embora. Não quero atrapalhar a conversa deles e, de qualquer forma, não acho que conversar algo na frente do nosso amigo em comum vai trazer alguma solução.

— Bom, gente, vou indo. Vicente, depois nos falamos. — Aceno com a cabeça para ele, disfarçadamente. — Rodolfo, que bom te ver. Vamos marcar uma bebida qualquer dia. Meu número é o mesmo.

— Sem dúvida, Cat. Vamos sim. Foi um prazer te rever!

Beijo sua bochecha e dou um abraço apertado nele antes de sair.

Deixo Vicente com Rodolfo, falando sabe-se lá o quê, porque agora não tenho cabeça para pensar em mais nada. Passo pela saída só desejando ir para casa. Estou completamente arrependida de ter vindo ao hospital, falado daquele jeito com Natália e, pior ainda, ter descoberto que sou capaz de ajudá-la.

Vicente, com certeza, saberá desta informação. Natália não ficará calada dessa vez, pelo pouco que a conheço. Já a imagino gritando com Vicente, esculhambando-o como quis fazer comigo. Será que ele vai confirmar que estamos juntos? O que um homem na situação dele, com aquela carga nas costas, faria? Teria tempo de pensar em nós?

Não sei o que me espera a partir de agora. Mas a possibilidade de perder Vicente é um fato que me assusta cada vez mais.



Chego em casa e vou direto para meu quarto deitar. Quero dormir por longas horas com o intuito de zerar o meu dia, mas é impossível. Meus pensamentos estão tão acelerados que minha cabeça dói, pesada. Fecho meus olhos, apoiada no travesseiro, e tento esquecer as imagens que insistem em ficar, desde o pesadelo inútil. Sinto uma falta imediata de Carolina e até da minha mãe. É terrível perceber que as pessoas mais próximas estão fisicamente distantes.

Meu pai. O rosto dele parecia sereno, porém era tudo uma projeção de minha mente, tenho consciência. Há tanta saudade em meu peito que ele está esmagado. Pego o notebook na escrivaninha e abro as pastas em que guardo nossas fotos e vídeos. Vejo meu pai sorrindo em todas elas. Ele sempre estava sorrindo, sempre feliz. Não consigo me lembrar de um momento que tenha sido ruim o suficiente que ele não tenha ao menos tentado ficar bem. Vídeos do primeiro voo que ele fez comigo, como comissária. A câmera frontal pegando todo o seu rosto em um ângulo estranho, já que ele não lidava muito bem com tecnologia.

Paro em um vídeo do dia em que escrevi a lista de sonhos com Carolina. Nós duas estamos brincando no jardim em Petrópolis, visto uma jardineira rosa e meus cabelos soltos, de franja. Carolina está com um short jeans de cintura alta, com um cropped branco, de umbigo de fora. Parece que o tempo não passou.

— Sua vez, papai. Sua vez! — falo no vídeo e vejo a imagem tremer por um instante. Pego a câmera da mão do meu pai e o filme. Ele está com os cabelos menos grisalhos, com uma camisa azul e bermuda jeans, a expressão de seu rosto me acalenta.

— O que você quer que eu diga, Cat? — Sua voz faz as lágrimas voltarem aos meus olhos.

— O que você quiser, papai! — grito, com a voz fina.

— Titio, diga o que você quer do futuro! Nós fizemos a lista! — Carolina sugere.

— Ok, minha vez então. — Papai senta no nosso balanço. — Eu quero que vocês duas sejam

muito felizes. Quero que conheçam o mundo, que possam ir onde quiserem. Que voem alto! — Ele faz o barulho de um avião e mexe as mãos, nos fazendo gargalhar ao fundo. — Porém, mais do que qualquer coisa, quero que tenham um coração lindo. Que ajudem o próximo, que sejam boas meninas e, um dia, grandes mulheres, dispostas a mudarem o mundo.

— O planeta? — Carolina indaga.

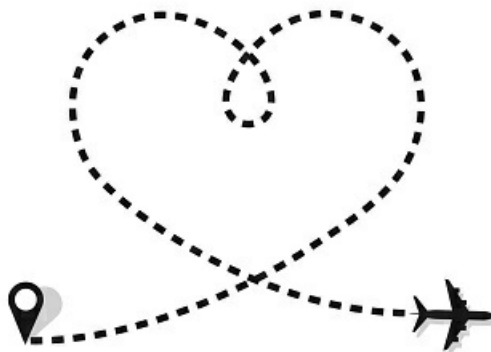
— Pode ser. Mas se não der, que consigam mudar pelo menos o mundo de vocês — papai completa. — Agora, deixa eu ver esta lista. Vamos, vamos... — Ele se levanta e corre atrás de nós duas, e o vídeo acaba com gargalhadas altas e intensas.

Estou chorando tanto que mal consigo desembaçar a visão. Fecho o notebook e pego minha caixa de lembranças. As cartas que meu pai escrevia em meus aniversários continuam ali, como um lembrete da vida maravilhosa que ele me proporcionou. Não tenho o direito de ter raiva de sua memória por causa de Natália. A culpa é dela, somente dela.

Não posso continuar desse jeito, passiva, sem tomar nenhuma atitude. Não posso me arrepender de ter chegado até aqui, afinal, não tive escolha. Tudo o que eu fiz foi tentando resolver essa situação. Até com Vicente.

Será que Natália já contou para ele que fiz o exame? Ele não me ligou mais, o que me leva a pensar que talvez ela tenha deixado passar, como tudo até agora. Ele é sempre o último a saber e não quero que isso continue assim. Não vou ficar sentada aguardando as coisas acontecerem, talvez arrumar toda essa bagunça que fiz no meu quarto, me ajude a organizar a bagunça generalizada que se tornou meu coração. E, enquanto isso, decido que falar com Vicente é o que preciso fazer. Ele tem que saber a verdade, mesmo que isso mude tudo.

CAPÍTULO 20



No dia seguinte, entediada com a falta de trabalho, decido fazer uma limpeza rápida em alguns cômodos. Em seguida, sento no computador e vejo um e-mail da empresa solicitando minha presença com instruções do protocolo de saída. Aproveito para redigir minha carta de demissão e assinar. Somente depois dessa chata tarefa, pego o celular e encontro uma mensagem de Vicente:

“Bom dia, tem uma feira de aviação perto do Mirante 9 de Julho. Podemos nos encontrar lá?”

Não me lembro se já fui neste local alguma vez, então faço uma pesquisa rápida na internet antes de responder. Realmente há uma feira lá perto, mas estranho a atitude distante e fria de Vicente.

“Tudo bem. Que horas?”

“No final do dia, te aviso quando estiver saindo do hospital”.

Meu coração acelera com a última mensagem. Essa é a confirmação de que ele voltou a ficar próximo de Natália. E isso me preocupa pelo que eles podem ter conversado.

Passo o dia arquitetando possíveis diálogos com Vicente e antecipando sua reação aos últimos acontecimentos. Esse encontro pinça minha mente impedindo que todas as minhas outras preocupações ocupem lugar. Me arrumo com dificuldade, tenho a impressão de que nenhuma roupa me favorece nesse momento, porém, antes mesmo de terminar, Vicente avisa que está saindo do hospital. Peço um táxi pelo aplicativo porque não estou afim de encarar o trânsito maluco e estressante de São Paulo.

O sol está quase se pondo e a feira parece movimentada. Circulo pelos estandes e observo os

novos modelos das aeronaves expostas em miniaturas, alguns cursos para comissários divulgando seus produtos, entre outras coisas que são interessantes, mas que agora não me permito sequer prestar atenção. Informo a Vicente que cheguei e continuo fingindo interesse nas novidades apresentadas. Não desejo encontrar nenhum conhecido neste lugar, então me sinto aliviada quando Vicente responde, informando que já está no mirante.

Desço a rampa e sigo até o mirante, na Av. Paulista. É a primeira vez que venho aqui e queria conseguir admirá-lo melhor, mas minha cabeça está agitada demais. Avisto Vicente apoiado no muro, de blusa preta e calça jeans, os cabelos desalinhados com o vento forte. Me aproximo e lhe dou um abraço, que não é muito correspondido. Minha garganta dá um nó. Absolutamente, tem algo errado.

— Por que estamos nos encontrando aqui mesmo? — pergunto, me esforçando para ser bem-humorada e não permitir que o clima estranho me afete tanto.

— Eu precisava passar aqui para falar com Rodolfo, ele está na feira.

— Entendi.

Vicente está com os cotovelos apoiados no muro, encarando o movimento dos carros abaixo. O trânsito começa a se intensificar conforme o sol vai desaparecendo no horizonte.

— Ele me chamou para trabalhar na empresa em que está. Parece que abriu vaga para piloto e que consegue me indicar — Vicente fala, sem olhar para mim.

— Que ótimo. Ele disse que está bem satisfeito com a VOE. Parece ser uma boa ideia — minha voz sai muito empolgada, o que parece artificial até para mim, mas, como diz o ditado, estou mesmo tentando não deixar a peteca cair.

— Ainda não aceitei.

— Por quê? Não tem interesse em voltar para a aviação?

— Tenho sim, só não sei se agora é o momento — completa. Seus cabelos parecem compridos demais olhando por esse ângulo. Uma criança passa por nós segurando um pacote de pipoca doce e me distraio um pouco com o cheiro gostoso, já que o silêncio constrangedor aparece.

Decido me aproximar mais dele e seguro uma de suas mãos. Estou gelada por causa do vento. Apoio minha cabeça em seu ombro e subo meu rosto em direção a sua boca. Vicente se afasta e algo dentro de mim parece se partir. Quase posso ouvir os estilhaços.

— O que houve? — questiono. E pela primeira vez desde que cheguei, Vicente presta atenção no meu rosto.

— Não podemos ficar juntos, Catarina. Sinto muito.

— Como assim? Ontem estava tudo normal, o que aconteceu?

— A Natália precisa de mim, ela não está bem. — Ele balança a cabeça. — Eu não posso continuar com isso.

— Com isso? Isso o quê?

— Com a gente. Ela precisa de mim agora, Catarina. Eu fiquei esse tempo todo, não posso simplesmente sair.

— E alguém te pediu para sair? Achei que a gente tinha resolvido essa parte. Foi você que me convenceu de que nós poderíamos dar certo.

— Eu sei, eu só... só não posso, Catarina. Me desculpa.

— Não venha me pedir desculpas, Vicente! — grito. Ele olha para os lados, provavelmente tentando não chamar a atenção das pessoas a nossa volta, mas estou com tanta raiva que mal consigo conectar as palavras. — Foi você que me disse que estava apaixonado por mim. Nós transamos!

Ele me encara assustado, não sei definir se sua expressão é de culpa ou de arrependimento. Meu rosto está queimando e tento me concentrar para entender o que Vicente quer. Não faço a menor ideia do que Natália falou para ele, entretanto, pelo visto funcionou. Como alguém pode mudar de opinião tão rápido assim? E tudo o que vivemos nos últimos dias, tudo o que ele me falou? Foi esquecido?

Vicente segura meu braço e me desvencilho. Eu me viro e começo a andar para longe dali.

— Catarina! Catarina, espera! — ouço Vicente atrás de mim e tento manter meu foco até a rampa para ir embora. Não tenho mais nada para falar com ele. — Por favor, Catarina!

Paro por um instante e o deixo me alcançar. Meus olhos estão queimando, as lágrimas querem escapular, mas respiro fundo, segurando o choro. Não vou dar esse gostinho para ele depois de tudo o que me disse.

— O que foi, Vicente? Acho que você já falou tudo o que tinha para falar. Não tem porque prolongar isso.

— Será que você não consegue se colocar no meu lugar? Não tenho outra opção.

Aperto as mãos, com raiva. Como ele tem a cara de pau de falar isso comigo?

— Ah, você não tem. Então vou te falar uma coisa. Tudo bem? — Ele afirma com a cabeça e continuo, dessa vez deixo a raiva transparecer na voz, porque não vou mais ficar me segurando por alguém que não está nem aí para mim: — Acabei indo falar com a Natália ontem porque fui ao hospital fazer o teste de compatibilidade para saber se posso ou não ajudá-la. E olha que legal? Eu posso.

Vicente continua me observando, quieto. Sua boca entreaberta demonstra a surpresa do que acabei de dizer. Acho que ele não esperava isso de mim.

— Como assim?

— Eu posso doar meu rim para ela se eu quiser, mas ela deixou bem claro que não tem interesse, então não posso fazer nada.

— Ela falou isso? — Vicente pergunta, seu tom fica cada vez mais murcho, desanimado.

— Ela não te contou? Que coisa... Não só isso, Natália me chamou por palavras que não vou repetir aqui. — Volto a me aproximar de Vicente, que parece exausto, mas a uma distância segura.

— Olha, Vicente, não dá para ajudar quem não quer ser ajudado. Infelizmente.

— Ela não pode fazer isso, negar ajuda.

— Ela pode. E é o que está fazendo, só você não enxerga — confirmo. — Então se eu tenho opção, por que você não tem?

— É diferente... — Suspira. — Você faria isso? Doaria um rim seu para ela depois de tudo?

Aperto meus dentes antes de responder. Não sei se quero falar disso, porque para ser sincera, nem eu sei se seria capaz. Meus sentimentos se misturam entre a raiva que sinto de tudo o que ela fez, de como ela me trata ou trata Vicente, porém, lembro da fala do meu pai, do que ele me ensinou e do que ele gostaria que eu fizesse. E isso se complica ainda mais.

— Eu poderia doar de forma anônima, li sobre isso. E eu pensei também no que meu pai diria para mim se estivesse vivo, em tudo o que ele me ensinou no decorrer da vida, mas, sinceramente, Vicente... não. Não vou doar. Ela não quer e não está fazendo a mínima questão de merecer.

— Catarina...

— Não, Vicente, olha, vou te dar um conselho como amiga. — Uma lágrima escapole sem meu consentimento. — Aceite o trabalho do Rodolfo, segue sua vida de onde parou, porque ainda dá tempo.

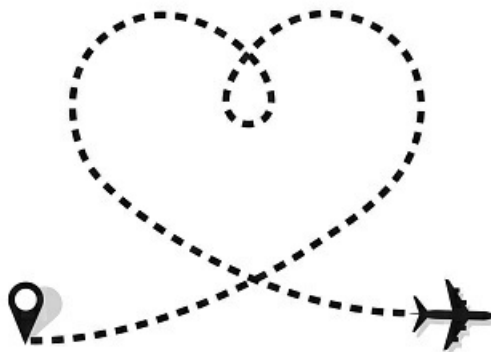
— Por que está falando isso?

— Porque é a coisa mais lógica a fazer, seja ela vencendo ou não a sua batalha sozinha.

Dessa vez, ele não me segue. Dou a volta no mirante, passo novamente pela feira e vou até um ponto pedir um táxi. Só então deixo que o choro venha, sem impedi-lo. A sensação é de que fui do céu ao inferno em questão de instantes. Me questiono sobre ter deixado isso chegar até aqui, por ter acreditado nos momentos que vivi com Vicente, afinal, nem o conheço e não sei explicar o motivo dessa loucura. O tempo todo tentei me manter afastada dele emocionalmente, porque sabia que muitos outros problemas surgiriam por conta da nossa relação. Mas ele veio com todo esse papo de paixão, de que tínhamos que ficar juntos, e acabou de jogar no lixo tudo que vivemos nos últimos dias.

Não quero me culpar pela decisão dele, nem posso. Eu me abri por completo, mesmo sabendo que estava me envolvendo em um problema possivelmente maior do que eu. Demorei, mas me deixei levar porque estou apaixonada por esse infeliz, esse covarde. Sei que a dor que sinto não vai acabar tão cedo, contudo sou capaz de sobreviver a mais essa derrocada da vida. E vou.

CAPÍTULO 21



Passo uma noite péssima mesmo depois de tomar um comprimido para dormir. Minha primeira vontade do dia é ficar deitada até que ele termine. Reviro na cama, todavia cedo e me levanto como se me recuperasse de sair de baixo de um trator.

Observo minha bolsa na bancada da cozinha e, enquanto o café não fica pronto, resolvo limpá-la. Jogo fora alguns papéis, organizo os batons que encontro dentro de um compartimento e tiro o convite de casamento de Natália e Vicente, que está ali desde que essa confusão começou. Quero evitar pensar nessa história, porém não consigo. A expressão desolada de Vicente, sua resistência comigo e todo o seu discurso que estava nítido para mim que havia sido convencido por alguém, a dor que senti ao ver tudo ir por água abaixo... Não quero reviver isso, mas parece que o ciclo nunca se fecha. Sempre falta algo.

Rasgo o convite e junto aos papéis na lixeira. Sinto cada vez mais raiva de Natália, contudo saber que ela está doente e que posso ajudar me faz questionar meus princípios e quem sou, tudo o que minha família fez questão de me ensinar. Consigo seguir em frente independente do que possa vir a acontecer com ela, sabendo que eu poderia ter ajudado? No fundo, conheço a resposta para essa pergunta, mas não quero dar ouvidos, porque só eu sei o quanto isso também iria me ferir. Quebrar um lado para colar o outro não irá consertar o estrago.

Tomo meu café e decido fazer uma última tentativa. Se dessa vez não funcionar, vou deixar para lá. Pelo menos saberei que tentei.

Chego ao hospital com medo de encontrar Vicente, então pergunto na recepção se Natália está com visitas e a resposta negativa da secretária me tranquiliza. Sigo até o quarto um pouco apreensiva e surpresa, já que me espanto por ela não ter solicitado que tirassem meu nome da lista de visitantes, depois da nossa última conversa. Bato na porta e entro devagar. Natália está ainda mais pálida, ligada a uma máquina que imagino ser de hemodiálise ao observar o sangue sair dela, passar na máquina e voltar pela mesma via. O cheiro de ferro embrulha meu estômago. Ela piorou

tanto em dois dias!

— Posso conversar com você um pouco? — pergunto, antes de me aproximar.

— Tudo bem — Natália sussurra, mais fraca do que a última vez, debilitada. Parece desgostosa com a minha presença, entretanto, tenho a impressão de que ela não possui muita força para relutar.

— Eu pensei um pouco, depois de tudo aquilo, e queria falar com você sobre o meu pai. Nosso pai — corrijo. Estou vindo em paz e quero que ela perceba isso.

— Seu pai. Pode ser do meu sangue, mas eu nunca o tive.

— Você tentou.

Dou um sorriso fraco para ela, que não corresponde.

— O que você veio fazer aqui? — sua voz quase não sai. Natália parece irritada e sonolenta.

— Eu posso te ajudar, Natália. Podemos conversar sobre isso... — Observo a máquina que está filtrando seu sangue.

— Eu já disse que não quero sua ajuda.

— Por que tanta raiva de mim? Eu estou tentando te ajudar. Não estaria oferecendo se não quisesse — desabafo.

— Quer uma lista dos motivos? Ok. — Ela se ajeita devagar na cama. — Eu passei a vida inteira sofrendo sozinha, passando dificuldade com minha mãe, acreditando que meu pai havia nos abandonado enquanto você tinha uma vida de princesa, morando em um lugar incrível, cercada de família.

— Mas eu não tenho culpa disso. Nem meu pai. Ele também não sabia.

— Você o teve, teve uma vida boa. E agora está querendo acabar com a minha outra vez, não bastasse isso.

— Do que você está falando? Estou tentando salvar sua vida, Natália. Te ajudar.

— VICENTE! Ele me contou. Tudo.

Prendo a respiração. Eu não vim aqui para falar de Vicente, só que pelo visto não vou conseguir sair sem isso.

— Você está dando em cima do meu noivo... marido. Nem sei o que somos direito, porque estou aqui, em uma cama, há mais de um ano. Mesmo assim você foi lá, sem escrúpulos, e tentou tirar mais uma vez o que é meu. Tudo o que você faz é estragar as coisas. Não vou pegar um rim seu, não quero correr o risco de perder minha vida também.

— Você já está perdendo com essa atitude. Sinto muito por isso — respondo, cansada. Não vou ficar batendo boca com Natália. Não sou a única errada nessa história. Não é justo a culpa cair somente em cima de mim.

— Não quero te ver nunca mais, já roubou tudo o que podia, não vai roubar minha paz também.

— Tudo bem. Você quem sabe. — Me afasto e sigo até a porta, decidida a ir embora e deixar essa mulher fora da minha vida a partir de agora. Porém, travo no meio do caminho e me viro novamente para Natália.

— Não escutou? Quero que você vá embora! — Ela grita como pode com sua voz rouca.

— Só uma coisa, Natália. E prometo que vou de uma vez. — Volto para a posição em que estava antes. — Todo esse tempo em que você estava em coma, eu passei acreditando que meu pai morreu por minha causa. Sofrendo igual uma condenada porque ele não merecia morrer daquele jeito, porque não viveu tudo o que deveria ter vivido, não viu o que deveria ter visto. Enfim, passei muito tempo prostrada, sem conseguir fazer nada além de trabalhar, acreditando que não merecia ser feliz. Mas, olha só... Você é a culpada pela morte dele. E mesmo assim eu estou aqui

oferecendo meu rim a uma pessoa que há meses atrás era só mais uma passageira daquele voo para mim. Sobreviveu a um acidente aéreo, tem um marido incrível, que faz tudo o que pode para te ajudar, inclusive abdicar de sua profissão e dos seus sentimentos, porém prefere passar seu tempo atingindo tudo e todos com suas ofensas. Sinto pena de você. Mais pena do que raiva agora. Porque vai ter que conviver com a culpa que eu convivi por um ano, seja lá quanto...

Eu me interrompo porque a fala seria cruel demais. Saio porta afora sem dar chance para que me responda. Ela está tendo todas as chances de superar esse momento, mas decidiu reagir assim e não posso mudar isso. Sei que está sofrendo, contudo, eu também estou. Só que é inútil comparar as nossas dores. Estou conversando com uma mulher que pode não estar mais aqui nas próximas semanas. Isso também me despedaça, como a bomba que caiu em cima de mim desde que vasculhei os nomes naquele convite. Entretanto acho que é o momento de colar tudo e ir atrás do que devo fazer, custe o que custar.



Como solicitado pelo RH da AirSky, passo na empresa antes de ir para casa, com o intuito de finalizar o contrato e assinar minha demissão. Tento deixar a história de Natália e toda a sua arrogância de lado, pois já decidi que não vou mais me aproximar disso. Deu tudo o que tinha que dar. Estaciono depois de dar várias voltas no quarteirão e uso o meu crachá para entrar no prédio provavelmente pela última vez. Me sinto estranha. Nunca pedi demissão de lugar nenhum antes, muito menos de um lugar que sonhei por tanto tempo em trabalhar.

Subo até o décimo andar e entro no RH, tentando parecer o mais confiante possível nessa situação. Me identifico e peço a secretária para falar com Fernanda, a responsável pelo processo e pelo meu par de chifres. Ela me informa a sala e sigo pelo corredor até encontrar a sala 1015, dou duas batidinhas e entro, com a infeliz coincidência de dar de cara com Leonardo.

— Olha quem está aqui... — ele solta ao me ver. Quero quebrar a cara dele, não estou com humor para deboche e muito menos para discussão. Já basta todo o meu dia!

— Oi, Fernanda. Vim assinar os papéis. — Ignoro a sua presença.

— Claro, Catarina, pode se sentar, vou buscar — ela responde com sua voz de dublagem e sai da sala, entrando pela porta vai e vem que separa o arquivo.

— Cíntia, esse é o seu! — Leonardo continua seu discurso, virando-se para outra menina ao fundo.

— Opa, achei que vocês iam se esquecer de mim.

Meu ex entrega um envelope branco para Cíntia, que logo abre. É um convite de casamento. Confirmando minhas suspeitas quando ela dá parabéns a Leonardo. Depois da manhã terrível que tive, desconfio se ele não fez de propósito, aguardou minha chegada para esta cena. Fernanda volta com os papéis e leio com rapidez, já havia recebido tudo por e-mail e analisado, portanto, só confiro e assino. Quanto menos tempo passar nesse ambiente, melhor. Alguns minutos depois, devolvo meu crachá, me despeço com um tchau frio e vou o mais rápido que posso para o elevador assim que vejo Leonardo entrar no banheiro.

Quando a porta do elevador se abre, o vejo sair da sala e fazer sinal para segurar. Reviro os olhos, mas ele chega a tempo.

— Descendo?

Balanço a cabeça, afirmando.

— Parabéns pelo casamento — solto, irônica. Já que vou ser obrigada a passar alguns segundos dentro de quatro paredes com Leonardo, que não seja em um silêncio constrangedor.

— Obrigado. Estamos muito felizes mesmo. Vai ser especial!

— Que bom! — Bato os pés em sinal de agitação. O térreo parece nunca chegar.

— E o seu amigo, marido da sobrevivente do acidente, como está? — Sua menção a Vicente faz meu coração disparar. Estou evitando pensar nele e logo esse mala vem me lembrar?

— Não sei, faz tempo que não o vejo — minto.

— Você acha que não sei o que está rolando, Catarina? — Leonardo se vira para mim, obrigando-me a encará-lo. — Eu te conheço. Sei que tem algo, só me surpreendo por ser um homem casado.

— Olha, Leonardo, acho melhor ficar na sua. Não se mete no que não é chamado e fica tudo certo. Você vai se casar com a mulher com quem me traiu e nem por isso estou com dor de cotovelo.

— Não é o que parece. — Ele dá um sorrisinho cínico.

— O que você quer? Já não complicou minha vida o suficiente com esse processo?

— Eu não compliquei nada, Catarina. Só estou fazendo meu trabalho e deveria estar fazendo o seu. O maior erro da sua vida foi esse, sair daqui.

— O maior erro da minha vida, Leonardo, foi ter te conhecido. Sua opinião não me importa.

— Já importou bastante, se ainda é capaz de se lembrar!

Travo meu maxilar. A raiva me consome tanto que percebo meu peito subir e descer.

— Lembra daquela lista que você falava que era coisa de criança? Minha lista de desejos?

— pergunto, confundindo-o.

— A que você escreveu aos sete anos?

— Exatamente.

Ele confirma com a cabeça.

— Pois é, eu a amadureci.

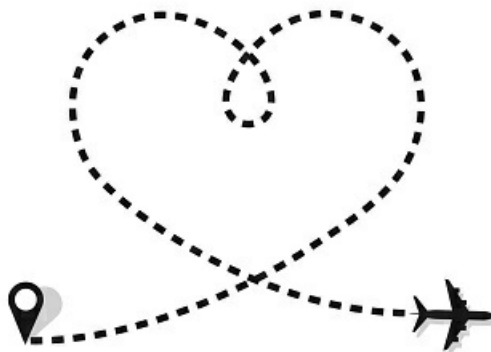
A porta do elevador abre no térreo, finalmente.

— Realizei os sonhos de criança e coloquei como desejo principal ter um sexo decente, ou seja, transar com alguém melhor do que você. E olha só, consegui!

Saio na sua frente e passo pela porta automática sem olhar para trás. Minhas veias parecem latejar na minha cabeça pelo alto nível de estresse e quando chego ao carro, respiro fundo algumas vezes antes de ligar e sair. Que caos! Por um segundo a frase desse imbecil ecoa na minha mente, me fazendo questionar se tomei a decisão certa ao sair da empresa. Agora estou desempregada e até essa indenização sair, preciso me virar. Será que esse é o momento certo para isso?

Dirijo até em casa no piloto automático, mal me dou conta quando estaciono na garagem e subo até meu apartamento, quase em transe. Não vou dar confiança para os comentários de um cara babaca como meu ex, muito menos questionar minhas próprias decisões. Eu tomei, então vou assumir as consequências, haja o que houver. Não quero mais saber de Vicente, de Natália e muito menos de Leonardo e da AirSky Lines. Acabou. Vou me reorganizar, criar novos planos e seguir minha vida. Essa é minha decisão.

CAPÍTULO 22



10 DIAS DEPOIS

Esmalte vermelho. Cor da semana escolhida. Há tanto tempo não pinto minhas unhas que demoro mais do que o normal limpando as cutículas. Depois de mandar meu currículo para alguns conhecidos, decidi colocar os pés para cima e cuidar um pouco de mim. Há mais de uma semana estou tentando seguir em frente e, para minha surpresa, tenho conseguido, o que me alivia muito. Saí algumas vezes com Aline, mas tirar um tempo para organizar minhas coisas tem me feito muito bem.

Desde que saí da AirSky é a primeira vez que minha sala está arrumada, com cheiro de lavanda e as janelas totalmente abertas para a passagem do vento. Termino de pintar as unhas ao som de Bon Jovi e me deito com as mãos para cima, esperando secar um pouco. Balanço os pés no ritmo da música e me sinto relaxada com todo esse clima. Quando *It's my life* chega ao fim, desligo o som e ligo a televisão enquanto vou para a cozinha preparar meu almoço.

Corto alguns tomates e uma cebola, com o intuito de cozinhar o frango que está pronto na geladeira com o quiabo. Esse tipo de comida me faz lembrar da infância, do tempero maravilhoso da minha mãe e de comer com meu pai na varanda na companhia do canto dos pássaros.

Coloco tudo no fogo e escuto algo na TV que me chama a atenção. Retorno para a sala e aumento o volume. *Voltaram a falar sobre o acidente?* Com o passar do tempo, as notícias têm sido cada vez mais raras. Porém, sempre que algo aparece, meu medo ressurge.

Meu coração perde uma batida quando noto que o repórter está na frente do hospital onde visitei muitas vezes Natália.

Será que...

— Boa tarde a todos. Bom, as notícias de hoje não são tão boas. A sobrevivente da queda do avião em janeiro do ano passado da AirSky Lines acaba de entrar em coma induzido, segundo

boletim médico. Natália Fernandes está com insuficiência renal e não responde mais ao tratamento. Depois de acordar de um coma de um ano, ela iniciou a reabilitação, mas precisou continuar internada até então. Um novo boletim deve sair até amanhã. Ficamos na torcida pela melhora da Natália — encerra o repórter.

Me sento no sofá para recuperar o ar. Passei semanas tentando não saber mais nada sobre minha meia-irmã ou sobre esse assunto com a intenção de colocar minha vida no trilho, e agora tudo foi jogado por água abaixo. Ela está morrendo e eu aqui, literalmente assistindo tudo de camarote.

Desligo a televisão. Cada passo que dou é uma lembrança das conversas com Natália, com Vicente, com meu pai. Queria poder esquecer tudo isso, porém, não consigo, tem algo martelando na minha cabeça que não vai passar.

Desligo o fogo porque de repente fiquei sem fome. Volto para o sofá e pego o celular, mas fico parada olhando para ele, como se a resposta fosse aparecer na tela a qualquer minuto, sem que eu precise pensar.

“Vamos, Catarina, raciocine”, falo para mim mesma, fazendo todo o esforço que posso para desanuviar meus pensamentos e conseguir ser racional. Preciso ser realista. Segundo a tipagem HLA, Natália e eu somos 45% compatíveis e isso é considerado muito bom de acordo com os médicos. Eu poderia tentar, só que ela deixou claro que não quer nada de mim e eu já decidi não ultrapassar esse limite. Então, por que diabo essa ideia não sai da minha cabeça?

A possibilidade iminente da morte de Natália embrulha o meu estômago. Deus, ela é minha irmã! Do meu sangue! Como vou conviver com isso? Sei que se pegar meu telefone agora e ligar para Carolina, ou até mesmo para Aline, elas vão dizer que isso é uma loucura, que tenho que esquecer essa história. Ninguém consegue compreender que estou tentando fazer isso desde aquele maldito dia. Sempre que fujo dessa encruzilhada, ela reaparece, me assombrando feito um fantasma.

Em um *insight*, me toco de para quem tenho que ligar. Sei quem vai me apoiar, concordando ou não com isso.

Digito no celular o número decorado e aguardo.

— Alô, mãe? Está em casa?

— Acabei de assistir ao jornal — responde, e sei que ela, de alguma forma, está sentindo a mesma coisa que eu. Ela me conhece.

— Pode vir para São Paulo me encontrar? Chegou a hora, minha irmã está precisando de mim.



É segunda de manhã e busco minha mãe no aeroporto. Estou levando uma bolsa extra com algumas roupas e uma nécessaire, caso precise ficar lá, pois vamos direto para o hospital iniciar os exames pré-operatórios. Ela parece tão nervosa quanto eu, mas deve estar se esforçando ao máximo para disfarçar.

— Nem tivemos tempo de conversar direito sobre o que aconteceu — solta no caminho até o hospital.

— É verdade, da última vez em que estive em Petrópolis, vim embora tão rápido — disfarço, para não falar que fugi.

— Eu pesquisei depois que você veio embora, procurei saber do que aconteceu e acho que seu pai realmente não sabia de nada. Não temos motivos para condená-lo.

— Eu sei, mãe. Ele jamais faria algo para nos magoar. — Dou um sorriso complacente.

— Mas isso que você está fazendo pela filha dele, quando me contou ontem pelo telefone que era compatível com ela... quero que saiba que eu não poderia esperar uma atitude diferente.

— Demorei para decidir, talvez até seja tarde demais — suspiro. Não posso me esquecer que antes disso tudo eu decidi não doar.

— Nunca é, vai dar certo. — Mamãe me dá um aperto desengonçado na mão que está livre do volante.

— Achei que você fosse achar ruim por eu estar fazendo isso por alguém que a gente nem conhece direito. Não sei. Parece uma loucura.

— Se eu acho ruim ou não, tenho a impressão de que não se importaria muito com minha opinião. Estou errada? — ela pergunta, me fazendo rir.

— Nem um pouco.

— Você sempre foi teimosa, Catarina. Pode ter puxado muitas coisas do seu pai, mas isso foi de mim.

Quando estaciono no hospital, minhas mãos estão tremendo. Só fico mais calma quando minha mãe segura uma delas e me acompanha para dentro.

A conversa com o médico de transplante me tranquiliza um pouco, mas não exclui por completo minhas dúvidas. E seu eu doar um rim e precisar dele depois? É um risco que tenho que assumir. Passo por uma bateria de exames, alguns em jejum, outros não e sei que vou precisar de mais alguns dias, talvez até semanas, para que tudo esteja certo. Apesar da urgência pelo estado de saúde de Natália, alguns resultados demoram mais. O médico nos explica que posso sim manter minha identidade preservada para que Natália não saiba quem doou, e que se eu mudar de ideia, é só comunicar ao hospital.

Vou até uma das lanchonetes comer algo com minha mãe enquanto aguardo para fazer um exame. Ela senta e eu fico na fila para fazer o pedido. Estou sentindo a cabeça doer e quero acreditar que é devido as horas sem me alimentar, espero que seja apenas estresse e não a insegurança me sobrecarregando novamente. Já cheguei até aqui, não vou voltar atrás.



Acontece mais rápido do que previ. Alguns dias após o resultado dos exames sair, o médico me chama no hospital para uma conversa e esclarecemos todas as dúvidas. Me sinto mais segura, e minha mãe tem sido a peça importante em todo esse esquema. Pela primeira vez após a morte do meu pai, estamos realmente próximas. Não sei se foi minha atitude de salvar Natália ou se o medo de que algo dê errado, todavia, independente do caminho, gosto dessa nossa parceria.

O dia da cirurgia chega. Estou internada há 48 horas para tomar algumas medicações e minha mãe não arreda o pé daqui, exceto por uma noite que Aline a substituiu como minha companhia. E nesta manhã, o médico nos avisou que eu faria a cirurgia em algumas horas. Ainda bem que ela descansou o suficiente para suportar o nervosismo. O meu e o dela.

Quando os enfermeiros me trocam de maca e me levam pelo corredor, me despeço da minha mãe com lágrimas nos olhos. Não quero chorar, demonstrar insegurança ou qualquer sentimento que a preocupe, porém é inevitável. Estou tirando um órgão do meu corpo e isso é assustador. Até que injetam algo em minha veia e descanso.

Quando volto a mim, primeiro escuto vozes, estou sonolenta demais para conseguir fazer qualquer outra coisa. Ouço alguém ao telefone e só depois de alguns minutos percebo que é minha mãe. Minha mãe. Estou viva. Graças a Deus! Com muito esforço abro os olhos e a luz clara

embaça minha visão. Demoro a me situar, mas encontro o rosto petrificado da minha mãe ao meu lado e a ficha vai caindo gradativamente. Estou no quarto.

— Oi, querida. Como está se sentindo?

Minha boca está seca, a garganta queima. Sinto um gosto amargo quando tento engolir a saliva.

— Bem. Eu acho — minha voz sai fraca, minguada.

— Vou avisar ao médico que já acordou.

Minha mãe sai por alguns segundos, entretanto, logo se esgueira ao meu lado de novo.

— Ele já vem. Falaram que a cirurgia foi um sucesso. Você se saiu muito bem.

Quando o médico chega e nos relata como tudo aconteceu, me sinto aliviada por ter conseguido. Toda a ansiedade agora se concentra na possibilidade de alta. Quero ir para casa o quanto antes.

Passo mais alguns dias internada em observação, e em um sábado pela manhã, a notícia tão esperada chega: posso ir para casa. Minhas coisas já estão arrumadas e mamãe faz várias ligações avisando aos poucos que sabem da história do transplante que já estou de alta. Sei que nos próximos dias vou receber algumas visitas e ligações, contudo isso não me incomoda. Estou me sentindo satisfeita por ter conseguido.

— Ainda precisa ficar algumas semanas de repouso. A medicação e o protocolo de tratamento já estão com você, certo? — o médico pergunta, antes de sairmos.

— Estão sim. Tudo certo. Muito obrigada, doutor. Por tudo.

— Fique tranquila.

Perguntei por Natália no dia que saí da cirurgia e depois disso evitei pensar nela. Fiz minha parte e ela nunca saberia, então não preciso ficar me martirizando por qualquer outra coisa. Porém, agora, quando estou prestes a realmente deixar isso para trás, não consigo evitar a curiosidade que tem me assombrado.

— Como ela está? A Natália.

— Está ótima, reagindo positivamente. Até agora, nenhuma rejeição. Ela vai ficar mais tempo aqui, devido a sua condição física. Ficará bem.

— Que bom! — comento.

— Parabéns pelo gesto, é difícil encontrar pessoas assim — o médico me elogia antes de sair. Mal sabe ele de toda a confusão por trás disso.

Apoiada em minha mãe, saio do quarto devagar, andando pelos corredores e tentando não ser observada. Com a notícia do transplante, alguns repórteres estão na frente do hospital, então o médico sugere que eu saia pelos fundos de ambulância, o carro já está nos esperando. Tento sair o mais rápido que consigo para não ser vista, mas sou interrompida por Vicente assim que passo pela lanchonete. Não há outro caminho para chegar até a ambulância e travo assim que seus olhos encontram os meus.

O encaro tão profundamente que pareço estar mergulhando em um oceano sem nenhum oxigênio. Ele demora a compreender, mas em algum momento nessa troca de olhares, Vicente arqueia as sobrancelhas e abre a boca de forma discreta. Eu sei que ele sabe.

— Catarina... — sua boca balbucia meu nome.

Ele tenta vir ao meu encontro, porém nego com a cabeça. Não estou preparada para isso. Se eu retroceder agora, vai ser cada vez mais difícil superá-lo. Será que Vicente não entende que tudo isso é ainda mais complicado na minha situação? Que tudo o que eu fiz por Natália é um laço eterno que me prende a essa história mesmo que ela não saiba? Por que ele tem que tornar tudo ainda mais difícil? Eu o via rondar meu quarto nos dias em que fiquei internada, só que como pedi

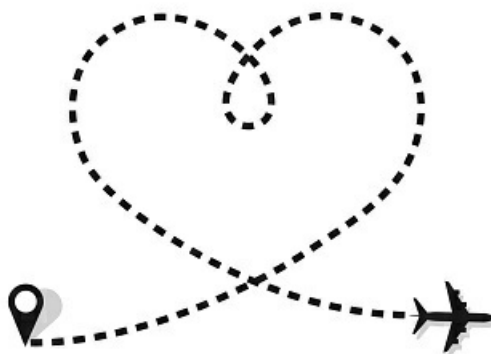
para não deixarem ninguém além da minha família e de Aline entrar, ele não teve acesso. Ele não quer me deixar ir, e não entende que, agora, quem não tem mais escolha sou eu. Já fiz a minha e preciso suportar as consequências. Deixar o que vivemos para trás é uma delas. Sem isso, não vou conseguir ficar bem.

Continuo meu caminho com o coração em pedaços, sem tornar a encará-lo. Por pouco não chuto o balde e cedo ao sentimento que tem me massacrado dia após dia. Vicente. A lembrança de suas mãos em meu corpo me provoca um calafrio poderoso, quase viciante, que faz tudo ficar ainda mais difícil dentro de mim. Eu estava quase na superfície, tive a chance tangível de me desafogar, contudo vê-lo aqui me afunda novamente e cada célula do meu corpo agora volta a perder as forças.

— Me deixa em paz — consigo sussurrar assim que passo por ele e não volto a olhar para trás.

Gravo sua expressão confusa em minha memória, como uma fotografia, porque sei que essa será a última vez. Não temos mais nenhuma chance um com o outro. Chegou ao fim algo que não devia sequer ter começado. Vicente já é passado. Mesmo que isso pareça perfurar meu coração, mesmo que seja grande demais para eu guardar apenas em meu peito, algumas dores precisam ser sentidas. É assim que a vida acontece.

CAPÍTULO 23



MESES DEPOIS

Retorno de um novo voo, desta vez no Rio de Janeiro. Enquanto espero por Rodolfo e Karen, meus dois colegas, ligo o celular e dentre algumas mensagens, leio que Carolina e minha mãe já estão no saguão do aeroporto. Fico incomodada com o atraso da conexão por causa do tráfego aéreo e respondo pedindo a elas que me encontrem na cafeteria que eu mais aprecio. Minha prima está morando na capital e por coincidência, recebera a visita de minha mãe e da minha tia em sua casa durante a semana. Vou até elas e todas nos abraçamos apertadamente. Pergunto sobre minha tia, que não está presente, e depois sentamos para conversar.

— Bom, vocês vão querer alguma coisa? Vou fazer meu pedido — minha mãe indaga. Eu nego, mas Carolina pede seu mocaccino de sempre. Assim que minha mãe se retira, encaro minha prima, que tem o semblante que parece ter rejuvenescido uns 5 anos.

— Consegui.

— O quê? — questiono, curiosa. Nessa correria de mudança e voos, Carolina e eu não nos atualizamos há alguns dias.

— Joaquim vai ter que me devolver metade do dinheiro. Ganhei.

— Sério? Que notícia boa!

— Nem fala, foram longos meses nessa penitência.

— É verdade.

— Agora posso seguir minha vida sem ficar conectada a esse passado idiota chamado Joaquim. — Carolina revira os olhos. Sorrio para ela. — E vai para que lugar do mundo agora?

— Vou voltar para Londres.

Ouçõ a voz de Rodolfo próxima de mim.

— De novo aqui? Vai acabar com todo o café do aeroporto se continuar assim... — Ele para ao meu lado.

— Já liberaram o embarque da conexão? — pergunto. O vício em café não é algo exclusivo meu.

— Ainda não, vim comprar algo para comer. — Ele se vira para Carolina. — Prazer, Rodolfo. — Catarina é péssima com apresentações... — Meu amigo estende a mão para ela.

— E eu não sei? — Carolina corresponde e diz seu nome.

— É de família! — implico.

— Vocês estão no mesmo voo?

— Sim, duas vezes seguidas. Inacreditável! — solto em tom de brincadeira, fazendo careta para os dois.

Rodolfo coloca uma das mãos no peito como se eu o tivesse ofendido e vai até a fila para fazer seu pedido, deixando-me a sós com Carolina novamente.

— Deus do céu, que homem é esse e por que você nunca nos apresentou? — solta, descarada.

— Você namorava até pouco tempo atrás, se não me engano. — Não entramos no assunto da sexualidade, está enterrado. — Eu só vejo Rodolfo no trabalho, mas ele é um grande amigo. Ele estava comigo no dia em que soube do acidente.

— Só amigo? Você não vai investir? — indaga, acompanhando Rodolfo na fila com os olhos. Ele mexe no telefone enquanto aguarda sua vez, concentrado.

— Estou investindo em mim, por enquanto. Mas vou sondar para descobrir se ele está solteiro. Quem sabe não cola para você. — Dou uma piscada para Carolina.

— Para mim?

— Por que não?

— Com a sorte que eu tenho, dois meses com ele será o suficiente para ele sair do armário! — brinca.

— Não é porque aconteceu uma vez que vai acontecer sempre — explico.

— Você e essas suas teorias de mãe.

— O que vocês estão falando de mim? — mamãe volta com o boleto do pedido, interrompendo nossa linha de raciocínio.

— Estou falando com Carolina para investir no meu colega de trabalho... — Aponto com o queixo para Rodolfo na fila.

— Olha, bonito o rapaz! Apoio.

Minha mãe se senta ao meu lado, bem mais à vontade do que antes. Desde o transplante, nossa relação mudou. O tempo afastou o luto pela morte do meu pai e deixou as lembranças, algo nos uniu por completo. Mas o fato de a última audiência sobre a indenização do acidente estar próxima faz com que tenhamos sentimentos contraditórios. Para ela, uma despedida real desse caos. Para mim, uma carta de alforria de tudo o que me prende ao passado.

— Que foi? — Carolina pergunta notando minha mudança na concentração.

— A audiência na semana que vem.

— Ah, certo. Já se preparou?

— Espero que sim. — Dou um sorriso amarelo enquanto minha mãe me observa calada. — Quando chegar a São Paulo, te aviso.

Minha mãe inclui na conversa:

— Sua tia pegou uma gripe daquelas e está estragando todo o passeio.

— Ela atrai doenças, nunca vi igual! — Carolina comenta, o que me remete a algumas

viagens que fizemos juntas, na maioria delas titia arrumava um problema novo.

— Coitada!

— *Tripulação da VOE, voo com conexão 457 com destino a Londres, Inglaterra: comparecer ao crew desk.* — Escuto chamarem no autofalante do aeroporto e aponto para cima, mostrando que preciso ir.

— Essa é minha deixa... — suspiro.

— Catarina, vamos? — Rodolfo passa por nós novamente, agora com um embrulho nas mãos. Cumprimenta minha mãe com um aperto de mãos de forma rápida.

— Claro. Bom, nos veremos em alguns dias. — Beijo a bochecha da minha mãe e dou um abraço em Carolina.

— Bom retorno a vocês, espero vê-las novamente — Rodolfo se despede.

Acompanho meu comandante de voo para iniciarmos o procedimento de embarque. A vantagem de minha escala de trabalho ser puxada é que tenho pouco tempo para pensar nessa audiência ou no que ela pode acarretar. O trabalho sempre foi meu escape, todo mundo tem um, e não sei dizer se isso é bom ou ruim. É inquestionável como me sinto realizada voando. Embarco para Londres sabendo que assim que eu pisar novamente no Brasil, tudo será resolvido. E isso me acalenta.



Atravesso o corredor do fórum acompanhada pela minha mãe. Espero que essa seja definitivamente nossa última reunião sobre a indenização do acidente aéreo que matou meu pai, porque toda vez que volto aqui, a presença de quem quero esquecer, Vicente, parece quase palpável. Foi aqui que o conheci, onde ele era um estranho que me salvara de certo desespero por estar presa em um banheiro. Sou inundada pelas lembranças desse fatídico dia que mudou drasticamente minha vida.

— Esperamos aqui? — Minha mãe indaga, me tirando desse transe esquisito.

— Isso.

Nos sentamos no mesmo banco que sentei pela primeira vez. Respiro fundo. Observo minha mãe secar as mãos em sua calça jeans.

— Está tudo bem?

— Sim, é só ansiedade. Isso já se postergou por tanto tempo que parece mentira que está acabando.

— Tenho que concordar. Espero que seja rápido.

Olho para os lados. De repente sinto um medo esquisito de dar de cara com Vicente ali, o que na realidade é pouco provável, já que Natália está bem e pode resolver suas coisas sozinha. Mas e se encontrá-los juntos? Como vou me sentir?

Meus pensamentos são interrompidos quando chamam meu nome. Levanto com minha mãe e sigo em direção a sala de audiência.

Como das vezes anteriores, Leonardo está lá. Impassível. Nos cumprimenta com um sorriso cínico nos lábios, não o encaro. Meu advogado fala algumas coisas e Leonardo confirma, diante do juiz, que a nossa contraproposta foi finalmente aceita. Assinamos os papéis e, com a promessa de que o valor estará na conta favorecida em até trinta dias, saímos da sala. Para nosso alívio, tudo durou menos de quinze minutos.

— Pronto, agora podem descansar. Acabou — Dr. Luiz confirma, nos cumprimentando antes de sair.

— Graças a Deus! — Minha mãe respira aliviada.

A abraço compartilhando seu alívio. Afundo meu rosto no seu ombro, sentindo seu cheiro de lavanda que tanto amo. As mãos de minha mãe me acalentam com toques leves nas costas e, de repente, volto a ser sua menininha. As lágrimas me escapam sem permissão, mesmo diante da segurança em seus braços. Sofremos da mesma dor, mas ficamos separadas pelo orgulho, medo e pela culpa. Agora não resta nada entre nós. Ela passa as mãos em meu rosto, enxugando as lágrimas.

— Que bom que tudo terminou... — desabafa. Nos sentamos novamente no banco.

— Na verdade, quem pode descansar em paz agora é o papai. — Sorrio.

— É, agora sim.

Minha mãe senta ao meu lado, inclinando seu corpo na minha direção. Um vazio me preenche como no dia em que soube que o perdi, como se agora fosse o real momento de despedida, nada mais o prende aqui, além do nosso sentimento imortal por quem ele era.

— Você também tem a impressão que ele vai voltar a qualquer instante? Que o telefone vai tocar, que vai ouvir novamente suas piadas sem graça e as cartas de aniversário voltarão a chegar? — pergunto.

— Sabe, Catarina... — Mamãe segura uma de minhas mãos e coloca em seu colo. — Assim que seu pai morreu e você voltou para São Paulo, eu dormia na sala, todos os dias, esperando as batidas na porta com ele me dizendo que esqueceu as chaves de novo! — Meu pai sempre fazia isso.

— O que não era raro...

— Aconteceu mais vezes do que gosto de me recordar. Enfim, quando a ficha caiu e percebi que ele não voltaria mais, meu chão desabou. Eu só pensava no maldito motivo para ele ter voado naquele dia, e errei muito ao te colocar essa culpa, porque isso só nos afastou. — Mamãe segura meu rosto. — Você é minha filha, Catarina. A única parte do seu pai que me restou. Eu passei mais tempo do que devia nesse ciclo vicioso, te culpando e pensando em você como a responsável dessa história. Porém, não é. Nunca foi. Nem se seu pai realmente tivesse ido para seu aniversário. A escolha foi dele, ele não sabia que isso aconteceria, e não poderíamos evitar.

— Eu sei, por isso demorei tanto a voltar a Petrópolis. Era sempre uma lembrança de que eu fui o motivo disso tudo. Não conseguia te encarar. Assumi essa culpa por muito tempo até conhecer Natália.

— Acho que nós duas erramos. O momento que era para nos unirmos, ficarmos juntas, a gente se afastou como duas desconhecidas. Me arrependo todos os dias de não ter passado ao seu lado nessa fase de luto.

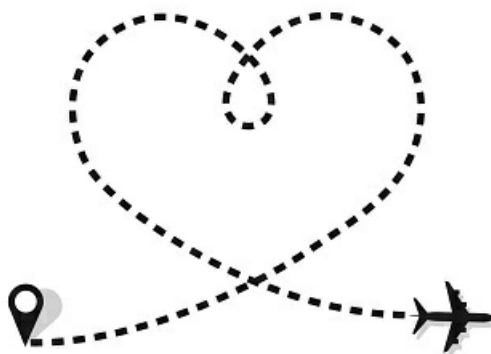
— É recíproco! — Nos abraçamos mais uma vez. — Bom, agora vamos sair daqui. E espero nunca mais ter que voltar! — Nos levantamos, ambas com os olhos vermelhos de choro.

Saio do fórum de mãos dadas com minha mãe, pareço ter tirado um peso das costas, até minha respiração está diferente. As surpresas da vida podem nos sacudir, atropelar, mas jamais serão capazes de diminuir o que nos une. Tenho convicção disso.

Pelo menos agora podemos seguir em frente, apesar da dor, da saudade, do vazio enfincado em nossos corações. Repito para mim mesma que nada mais ficou pendente, que essa reunião era a última coisa que faltava para conseguir respirar em paz, continuar.

Mas quando estamos saindo, esbarro com “alguém” responsável pelo único assunto que sei que ainda estou deixando para trás.

CAPÍTULO 24



Encontro minha meia-irmã na porta do fórum. Me deparo com o rosto corado de uma Natália que desconheço. As cicatrizes dela estão mais discretas agora. Ela usa um vestido floral, se parece muito mais com a garota das fotos das redes sociais. Uma sensação esquisita me apossa quando a vejo, como se algo adormecido dentro de mim tivesse, de repente, despertado e não consigo definir se esse sentimento é bom ou ruim. É, no mínimo, estranho.

Pelo menos está sozinha, o que me deixa mais aliviada. Não quero ter que lidar com ela, e só de imaginar a possibilidade de vê-la com Vicente, meu coração fica em frangalhos. Estou tentando a todo custo afastá-lo de mim, porém meu cérebro parece não me obedecer.

Paro onde estou e minha mãe estranha:

— O que foi?

— Natália está aqui.

Ela a observa conversando com um homem de meia idade de terno, barbudo e rechonchudo, deve ser o seu advogado.

— Querida, não é melhor resolver isso logo? — sugere. — Pelo menos você vai sair daqui sem nenhum peso. Tudo estará no lugar de uma vez.

— Não sei se estou preparada para ter essa conversa...

— Acho que não existe um momento perfeito para acertar as contas com uma meia-irmã aparecida do além, literalmente! — Minha mãe brinca, me fazendo sorrir em resposta.

— É, você tem razão. Não quer ficar?

— Eu não tenho motivos para ficar. — Beija meu rosto e passa por Natália, saindo do fórum. Continuo o caminho e me aproximo dela.

— Está com pressa? — pergunto.

— Não, tudo bem. Ainda tenho um tempo antes da reunião. A sua já aconteceu?

— Já, tudo resolvido.

Ela aponta para as cadeiras da recepção que ainda estão vazias e nos sentamos.

— Você parece bem.

— É, estou. Para quem sobreviveu a um acidente de avião, um ano em coma e um transplante renal, estou ótima — comenta.

— Acho que a gente precisa conversar — afirmo.

— Sim, acho que sim. Desculpa não ter te procurado antes. Eu até pensei em ir ao seu trabalho uma vez, mas ando com pavor de aeroporto e qualquer outra coisa que voe. Então, deixei para lá. — Natália fala, sem me encarar. Seus olhos permanecem fixos em algo na parede atrás do balcão da recepção.

— Tudo bem, foi melhor assim.

— Não tive bons momentos no hospital, então acho que nós duas precisávamos de tempo para digerir tudo.

— Sem dúvida. Muita coisa aconteceu.

— Primeiro queria te agradecer, Catarina. — Seus olhos encontram os meus. — Não sei se seria capaz de fazer o que fez por mim.

Estou confusa. Ela está falando do transplante?

— Do que você...

— Vicente me contou. Sobre a doação. — A menção do nome de Vicente faz meu estômago borbulhar.

Não quero me lembrar dele, não quero me lembrar dele!

— Bom, a ideia de ser anônimo era para evitar exatamente essa conversa — falo.

— Você salvou minha vida, mesmo que eu estivesse pedindo o contrário. Obrigada.

Balanço a cabeça, confirmando. Não vou entrar nesse assunto.

— Sobre o nosso pai...

— Meu pai — a interrompo. — Você deixou bem claro da última vez que conversamos.

— Tudo bem, queria falar sobre o dia em que conheci seu pai.

— Olha, Natália, não precisa. — Tento me levantar, porém ela segura meu braço.

— Acho que precisa, sim.

Balanço a cabeça, vencida, dando a deixa para que ela continue. Vólto para a cadeira.

— Ele estava tão confuso quanto eu. Era uma novidade para nós dois. E eu sei o quanto estava angustiado para contar a você e a sua mãe. Ele me pareceu, de certa forma, até esperançoso com relação ao nosso contato. Não tinha como saber que tudo aconteceria dessa forma bagunçada. — Natália passa uma de suas mãos no cabelo, tirando uma mecha que caiu em seu rosto, deixando uma cicatriz em sua fronte à mostra. — Catarina, eu sinto muito por ter perdido a pessoa que te criou, que te deu todo o amor, carinho e felicidade ao longo da sua vida. Mas não serei hipócrita de mentir dizendo que achei tudo isso incrível. Quando acordei depois de um ano de coma e me deparei com você, que entrou na minha vida sem nem pedir licença, o único sentimento que eu tinha era de mágoa e raiva, pois teve tudo que eu não tive.

— Acredite, também não queria estar no meio desta história. Não era mesmo minha intenção.

— E para melhorar, meu marido ainda estava tão próximo de você, pensei que ficaria sozinha de novo, como fiquei depois que minha mãe morreu. Já havia me tirado tudo, e ainda estava tentando levar Vicente.

— Eu nunca quis que...

— Só estou falando como me senti. E duvido muito que, no meu lugar, teria outra reação — desabafa.

Quero dizer que jamais trataria Vicente mal, como Natália fazia. Todavia, não tenho o direito

de explicar uma situação que nunca vivenciei. Então permaneço em silêncio, tentando compreender aonde ela quer chegar.

— Seu pai passou a maior parte dos momentos em que estávamos juntos resolvendo tudo isso, falando da família. Eu só conseguia pensar no quanto minha vida poderia ter sido diferente se minha mãe tivesse me contado quem era ele.

— Ele jamais te deixaria na mão.

— Por isso mesmo. Seu pai deixou bem claro para mim antes de fazermos o teste de DNA que se desse positivo, ele não mediria esforços para tentar recuperar o tempo perdido. Que nem eu, nem ele, tivemos culpa sobre isso. Quando cheguei perto de ter alguém na minha vida que realmente estava ali disposto a me conhecer, a fazer parte dela, aquele maldito acidente o leva embora. Acha que não me senti frustrada?

— Se sentiu... frustrada? — repito. Ela não está comparando nosso sentimento, não é mesmo? Natália pode mesmo ter tido uma vida difícil, entretanto, isso não justifica seu comportamento. Não depois de adulta. — Eu estava destroçada, Natália. Eu entendo que tem os seus problemas, porém meu pai morreu e tive que enterrá-lo sem poder sequer vê-lo pela última vez. Você está viva. Então, faça isso valer à pena — desabafo, irritada.

Neste exato instante, seu advogado faz sinal.

— Bom, eu tenho que ir...

— Ótimo.

— Mas quero dizer uma última coisa. Não acho que vamos ser grandes amigas um dia, mesmo assim queria te pedir desculpas pelo meu comportamento no hospital, principalmente depois do que fez por mim. Como disse, não sei se faria o mesmo.

— Talvez seja essa a nossa diferença.

— Pode ser que sim. — Nos levantamos.

Quero acreditar em Natália, quero mesmo. Se tudo isso é sincero, por que não consigo me sentir leve com essa história? Por que algo dentro de mim diz que ela não merece estar perto? Não quero confundir toda essa situação com Vicente, mas não consigo deixar de pensar que Natália não me parece o tipo de pessoa que pede desculpas e segue em frente. Me despeço dela e quando vou sair, ela retoma:

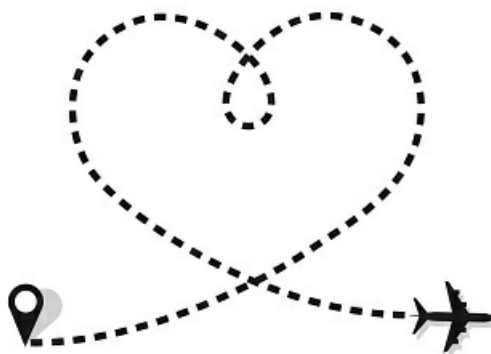
— Ah, já ia me esquecendo... Vicente e eu vamos renovar nossos votos com uma pequena cerimônia, já que a outra não deu certo... Vou te enviar um convite, ficaremos felizes em te receber.

Suas palavras me desmontam. Não quero ouvir sobre Vicente. Não quero ouvir sobre a vida deles dois. E ela está mordendo os lábios, uma súbita vontade de... sorrir? Será que o que acabou de me falar não serviu de nada? Quem sabe ela só quer sair por cima? Talvez essa seja a Natália real. Alguém que não quer perder, que não sabe fechar ciclos sem deixar algo amarrado para voltar e machucar outra vez.

Ela até pode ter o meu sangue, o sangue do meu pai, mas nunca a senti como minha verdadeira família. Eu sou a pessoa que doa um rim para salvar a vida de alguém que só me agride. Ela é a pessoa que não sabe agradecer e, muito menos, mudar. Pode até acreditar que saiu por cima, agir como se Vicente fosse um troféu, como se isso fosse uma competição. Contudo, sua atitude infantil só demonstra que, desta vez, quem está por cima sou eu.

— Não perca seu tempo! — solto e dou as costas, saindo do fórum sem olhar para trás, indo ao encontro de minha mãe. É um último adeus ao que não vale à pena ter por perto.

CAPÍTULO 25



4 MESES DEPOIS

A previsão do tempo neste dia de verão já indicava instabilidade no clima de São Paulo, e não estranho ao embarcar no táxi debaixo de sol e chegar ao aeroporto de Guarulhos debaixo de chuva. Atravesso o saguão tão feliz como meu primeiro dia de comissária, a única diferença é meu cabelo platinado agora. Posso até sentir meus músculos faciais, não consigo esconder a alegria desse momento. Acho que, de todos os voos que já fiz, esse será o mais especial. Cumprimento os funcionários do check-in ao passar por eles antes de chegar ao crew desk, para me apresentar para o embarque.

Entro pela porta automática, deixo a mala próxima aos armários do lado direito e vou me apresentar, indo em direção ao computador da sala. Tem uma pequena fila de três pessoas fazendo o mesmo, ainda não viajei com nenhuma das pessoas que estão na sala, porém nada mais me importa.

Ou, pelo menos, era o que eu pensava até escutar...

— Finalizado. Esse sistema aqui é bem mais rápido do que qualquer outro que já trabalhei.

A voz de Vicente faz meu coração acelerar. Meus batimentos chegam aos ouvidos, o que me deixa zozna no mesmo instante. Que diabo ele está fazendo aqui?

Ele dá a volta na sala e nossos olhares se encontram. Sinto que desaprendi a respirar quando ele sorri. Não parece surpreso, o que me deixa confusa. Faz tanto tempo que não o vejo que me esqueci como sua presença me afeta. Seus cabelos castanhos estão cortados, sua barba bem-feita preenche seu queixo quadrado, alinhado com o restante do seu rosto. Por que ele está usando a roupa da empresa para qual eu trabalho?

— Catarina... — ouvir sua voz falando meu nome me enfraquece. Minhas pernas estão bambas. É minha vez de me apresentar para embarque, então o ignoro e coloco meu dedo no leitor

do sistema.

Quando a lista da tripulação sai, encontro o nome de Vicente como primeiro comandante do voo.

— Parece que vamos voar juntos pela primeira vez... — Ele diz com tanta tranquilidade que me faz pensar se não foi tudo planejado. Meu rosto está queimando de nervoso quando me aproximo para falar com ele sem que as outras duas pessoas da sala ouçam.

— O que você está fazendo aqui? — indago, mais ríspida do que gostaria. Não consigo controlar meus pensamentos e muito menos as palavras.

— Também é um prazer te rever. Agora bem loira... — brinca.

— É sério. O que está havendo?

— Sou piloto na empresa, ué. Estou embarcando para... — Encara o papel. — Para a Turquia daqui a pouco.

Não consigo deixar de notar que não há nenhum anel em seus dedos. Será que ele e Natália não estão mais juntos? Ou Vicente não trabalha de aliança? Talvez ele só esteja fazendo isso para me deixar maluca de vez, fazer perder ainda mais o raciocínio. É incrível como ele ainda mexe comigo como se nenhum dia tivesse se passado desde a última vez que o beijei.

— Como... como isso é possível? Eu não sabia que você...

— Pois é, fiz um processo seletivo há alguns meses, Rodolfo me indicou — explica.

— Tripulação do voo 765 com destino a Turquia. Favor se apresentar para briefing — a voz no autofalante da sala me tira do transe.

— Acho que precisamos ir.

— Mas você, como assim, você vai no mesmo voo que eu? — pergunto, ainda pasma. Tenho a impressão de que em algum momento vou acordar e tudo isso não passa de uma criação da minha mente.

— Acho que sim... — Ele pega o papel da minha mão para ler. Seu toque me deixa gelada. — Sim, vamos voar juntos para a Turquia. Que tal?

Acompanho Vicente e os outros membros da tripulação para o briefing. Estou agindo no automático porque mal consigo ouvir quando ele começa a passar as recomendações de voo junto com o outro piloto. Não faço a menor ideia de como, em uma empresa com dezenas de pilotos, Vicente veio parar justo no meu. E não é um voo qualquer, é o meu voo dos sonhos. Lembro-me de ter dito isso a ele.

A única pergunta que reverbera na minha cabeça é: como vou ficar presa por mais de doze horas em um avião com Vicente? Tentei fugir de todas as maneiras desse sentimento, desse desejo louco que sinto por ele, e parece que o destino, o universo, Deus, sei lá, alguém não quer me deixar viver em paz. Quando acho que estou ganhando um presente da vida, sendo escolhida para essa bendita viagem, me deparo com isso. O verdadeiro tormento de entrar em contato com o que mais preciso fugir.

Quando passo pelo raio X e termino o protocolo para embarque, percorro o caminho até a aeronave em silêncio, entretanto, minha cabeça parece prestes a explodir. Tento elaborar o que posso fazer para me manter longe de Vicente e de seu olhar, seu toque, sua voz, mas todas as possibilidades parecem estúpidas, já que ele é meu comandante. *Meu*. Cada vez que penso nisso, meu peito parece querer se abrir. Tenho que me esforçar para lembrar que preciso respirar. O ar pressurizado da aeronave parece fazer o efeito contrário. Início os procedimentos no automático e quando passo por Vicente na porta e ele segura meu braço, meu corpo se arrepia por inteiro.

— Boa viagem para nós! — ele fala e todo meu esforço para ficar longe dele durante todos esses meses, parece não fazer nenhum sentido agora.



Termino de servir o jantar na classe executiva e retorno com o carrinho para a *galley*, a cozinha do avião. Tenho alguns minutos antes de recolher, então paro minhas mãos na pequena bancada e encaro meus dedos trêmulos. Preciso me conter, porém algo no meu peito parece prestes a decolar sempre que a porta da cabine dos pilotos se abre. Ainda falta mais da metade do voo e isso só fomenta minha ansiedade. Estou definitivamente presa com Vicente em uma aeronave sem nenhuma escolha após ter ficado meses me esforçando ao máximo para não o encontrar. Parece uma verdadeira piada!

Inspiro e expiro devagar, tentando colocar meus pensamentos em ordem. Preciso me concentrar no trabalho. Pego uma água e bebo. Não tenho para onde fugir e isso me atormenta. Bato o pé direito, inquieto, no chão. Vejo outro comissário voltar a cozinha e dou espaço. Me viro para deixar a *galley* no exato momento em que Vicente sai da cabine.

Droga!

— Estava mesmo querendo falar com você...

— Estou trabalhando — afirmo.

— Eu também.

Antes de dizer qualquer outra coisa, sou puxada para a cabine de descanso. Em um voo longo como esse, temos uma tripulação de revezamento, ou seja, dois comandantes e dois copilotos, e uma pequena cabine com dois assentos é reservada para pausas.

— Vicente, eu não posso ficar aqui — cochicho, com medo de algum colega ter me visto me enfurnar em um espaço pequeno demais com o comandante do avião.

— Não vou demorar.

— O que foi, então? — indago. Não sei se quero saber, mas não tenho fuga.

Me sento em uma cadeira e ele na outra, virado para mim. Em um lugar pequeno como esse, seu cheiro bem conhecido pelo meu cérebro desperta minhas reações corporais.

— Eu te devo algumas explicações...

— Não deve, não. Tudo que precisava ser dito, já foi. Você sabe, Vicente. Não tinha como dar certo... — solto, interrompendo-o.

— Não, você não sabe nem da metade.

— Sinceramente, acho que nem devo. Eu não tenho nada a ver com sua vida e a de Natália. O que eu podia fazer por ela, já fiz. Não pretendo me envolver nisso de novo.

— Você acha que armei isso tudo aqui à toa? Acha mesmo?

Minhas sobrancelhas estão curvadas, não entendo o que ele está falando.

— Como assim?

— Eu programei esse voo, Catarina. A chance de embarcarmos juntos em uma viagem como essa é mínima. Consegui convencer Rodolfo a me ajudar e precisei de muita cara de pau para pedir algo desse tipo em uma empresa como esta.

— Eu não estou entendendo, você... — Passo uma das mãos em meu rosto, enxugando o suor de um calor que, de repente, comecei a sentir.

— Eu armei isso. Turquia. Sabia que era um dos seus sonhos daquela lista.

— O que você quer? Que eu te agradeça por estar voando para realizar meu último desejo? — indago.

— Não, quero apenas que você me escute.

Reflico por um instante. Metade de mim quer acreditar em toda e qualquer palavra de

Vicente, porque sinto que meu corpo precisa dele, que meu coração deve bater junto com o dele. Porém, quando penso em tudo o que passei nos últimos meses, em todo o sofrimento, ausência e dor, não quero despençar novamente dessa altura.

É claro que meu emocional fala mais alto.

— Tudo bem, estou ouvindo.

— Depois da cirurgia, conforme Natália foi se recuperando e ganhando mais autonomia, ao invés de nos aproximarmos, nos afastamos. Cada dia que passava era uma nova grosseria, falta de respeito da parte dela, insatisfação. Eu não entendia como ela era capaz de fazer algo assim comigo, depois de tudo o que abdiquei para estar com ela. — Vicente não tira seus olhos dos meus por nenhum segundo. — Uma vez ela me acertou com um prato de comida que haviam servido no hospital. Neste dia, não aguentei. Falei o quanto ela era ingrata e acabei soltando que você doou o rim para ela.

— Ela me procurou alguns meses atrás e me disse que você tinha contado.

— Pois é, contei. E me desculpa por isso. Mas não consegui mais fingir que estava tudo bem. Nós terminamos antes da alta do hospital. Sabia que eu ia parecer para as pessoas como um insensível, alguém que a abandonou, porém, a única frase que martelava na minha cabeça era a sua, dizendo que um dia ela poderia voltar a viver a vida dela e esquecer que parei a minha. Liguei para Rodolfo e recuperei o trabalho. Quando ela voltou para casa, me procurou e conversamos de novo, só que era injusto comigo mesmo continuar com ela se não a amava mais.

Engulo em seco quando sinto a mão de Vicente pegar a minha.

— Me desculpa por não ter lhe procurado antes. Precisei recuperar a vida que perdi para poder chegar aqui.

— Mas Natália disse que vocês iam fazer uma cerimônia e renovar os votos, encontrei com ela no dia da última reunião indenizatória. Disse que até me mandaria o convite. — Reviro os olhos.

— Era mentira. Nós nos divorciamos há mais de seis meses.

Pouso meus olhos sob nossas mãos unidas. Por diversas noites durante os últimos meses, esse momento aparecia nos meus sonhos pela pouca probabilidade de ser real. Eu sabia que era algo quase impossível de acontecer, devido a saúde de Natália, a responsabilidade de Vicente com ela e minha consciência, que não se permitiria passar por isso de novo, ainda mais depois da conversa no fórum.

— Catarina, me perdoe por ter te colocado nessa situação. Por não ter te preservado mesmo sabendo o quanto você sairia ferida disso. Por ter sido um idiota, covarde.

— A culpa não foi só sua...

— A maior parte, foi. Eu estava envolvido até o pescoço com a Natália, por escolha minha, devia ter evitado tudo isso.

— Está tudo bem. Já é tarde para se lamentar, Vicente. Isso ficou no passado — afirmo.

— Espero que não seja tarde para recomeçar, pelo menos.

As palavras me petrificam. Algo aqui dentro desperta e até tento resistir, me questionando se ele pode ou não estar falando a verdade, mas é tudo em vão. Todas as barreiras que levei tanto tempo para levantar, caem por terra no momento em que Vicente toca meu rosto. Posso sentir sua respiração em mim. Tudo isso é absurdo demais e me assusta como a uma garotinha que está perdida em um parque.

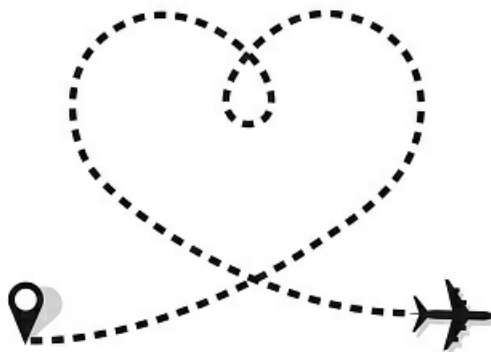
A voz da outra comissária nos interrompe:

— Catarina, está aí?

— Oi, sim. Já estou saindo.

Fico corada. Vicente continua me olhando, sem vacilar, porém, não consigo dizer mais nada. Não sei o que falar. Sou uma mistura de medo e desejo. O ar rarefeito me deixa aturdida e gostaria de poder usá-lo como desculpa para a decisão que preciso tomar. Todavia, sei que a responsabilidade é minha, e devo isso a mim mesmo.

EPÍLOGO



Encaro as costas nuas de Vicente sentado na beira da cama. Ainda é noite. Sinto algo dentro e fora de mim esquentar. Por mais que a gente sonhe, a realidade é mil vezes melhor. Lembro do dia anterior, quando chegamos em Istambul e viemos diretamente para o hotel reservado pela companhia aérea. Não havia força para fazer nada além de sentir sua pele na minha, sua boca e todo o seu corpo grudado ao meu depois que cedi à nossa conversa no avião. Se o cansaço não tivesse me vencido, teria passado o tempo todo acordada para não perder um segundo ao seu lado.

— Bom dia? — indago, chamando sua atenção. Ainda está escuro lá fora e Vicente vira seu rosto para mim.

— Bom dia! — Ele se aproxima, entrando debaixo do lençol e se enroscando ao meu corpo desnudo.

— Desse jeito não vou levantar nunca... — brinco, e sou interrompida por seu beijo.

— Eu queria passar o resto do nosso dia de folga aqui, porém, tenho outros planos, você sabe. Inclusive, vamos nos atrasar para o voo. Temos que chegar antes do sol nascer.

Vicente se levanta e me puxa com delicadeza. Tomamos um banho rápido, contra nossa vontade. A viagem de Istambul para a Capadócia é longa demais de carro, então ele reservou as passagens. Vicente pensou em tudo e isso me impressiona. Minha expectativa no início dessa viagem era de apenas conseguir ver os balões, só que ele foi além.

Nos apressamos para não perder o voo e, quando embarcamos, com nossos dedos entrelaçados, tenho convicção de que de todas as escolhas que já fiz, essa foi a mais acertada. Trocamos sorrisos e carinhos durante toda a viagem. É difícil me controlar ao seu lado. Depois de todos os meses que ficamos afastados, não quero perdê-lo de vista por um segundo sequer. E parece ser recíproco.

Ao chegar em *Göreme*, depois de 40km do Aeroporto na Capadócia, não deixo de notar que o céu está perfeito. Não há nuvens e Zeki, o guia que nos acompanha, diz que estamos com sorte.

Ele fala durante nosso café da manhã em um restaurante que, nesta semana, só três dias estavam propícios para o voo. E hoje é um deles. Levo um tempo para compreender que Vicente não só reservou um voo de balão, que é algo com cerca de doze a dezesseis pessoas, ele solicitou um balão individual, apenas para nós dois.

Nada me deixa mais feliz. Acho que merecemos.

Assim que chegamos ao local e saio do carro, de imediato vejo muitos balões ali, inflados pela metade, acendendo e apagando no crepúsculo. Meu peito se inunda de expectativa, a visão é tão linda que já estou bem emocionada. Aliso meus braços, sentindo um frio percorrer minha espinha.

— Está tudo bem? — Vicente sussurra em meu ouvido enquanto o guia nos leva até o balão. Seu hálito me aquece e me aperto em seu corpo.

— Está tudo perfeito.

O cesto do balão é bem espaçoso, não é nada como imaginei. É muito melhor. Muito! Entro com a ajuda de Vicente e do guia, que vai conosco. Ele nos apresenta Hilal, o homem que está “pilotoando” o balão. Ele fica em um cesto separado do nosso. O fogo me aquece por completo e já nem pareço me lembrar mais do clima gélido. Quando encaro Vicente, vejo uma expressão engraçada, um misto de pavor e expectativa.

— Está com medo, senhor piloto? — indago, segurando em sua blusa e aproximando minha boca da sua.

— Um pouco apavorado. Normalmente estou dentro de uma cápsula de metal e não ao ar livre. Porém, se você disser que está tudo bem, eu acredito.

Dou uma gargalhada empolgada e um abraço tão apertado nele que até parece que fazemos o balão começar a subir. Fico em silêncio e Vicente me acompanha, enquanto ganhamos altura. O cenário é surreal. Sob o sol nascente, observo o céu pintado de balões coloridos e uma lágrima escapole do meu rosto. É o paraíso. Valeu a pena guardar meu último desejo para este momento, sem sombra de dúvida. Que visão espetacular e única! Me sinto dividida entre chorar, tirar fotos e me agarrar a Vicente.

Quando o guia nos informa que estamos a 850 metros de altura, Vicente puxa meu corpo até ele. Ficamos de frente um para o outro, ambos emocionados com a sensação esplêndida que o momento nos proporciona.

— Eu não tenho como te agradecer, sinceramente, não sei como e nem o que falar agora — confesso com minhas mãos entrelaçadas nas dele.

— Agradeça ficando comigo, para sempre.

Beijo sua boca em resposta, em meio a lágrimas de emoção. Tudo parece sumir. É como se Vicente e eu estivéssemos sozinhos, voando pelo céu da Capadócia. Como se tivéssemos asas e tudo fosse possível. Não falta nada. Estou completa, inteira. Aqui de cima, me sinto mais próxima de quem sou e acho que Vicente se sente da mesma forma, pois todo o seu nervosismo se esvai com o vento que corta nosso rosto. Enquanto eu puder voar, seja em um avião, de paraquedas ou de balão, sei que essa sensação não irá me abandonar. Preciso dela para viver. Meu pai conhecia bem isso.

— Enfim, minha lista de desejos está completa — comento, apoiando meus braços na borda. Vicente se coloca atrás de mim, encaixando seu queixo por cima de minha cabeça.

— Para uma mulher de apenas trinta anos, você já realizou muita coisa, Catarina Martins.

— Não sem ajuda, Vicente Montanari. — Sorrio.

— Tem uma coisa que quero falar... na verdade, pedir. — Meu coração descompassa quando nossos olhos se encontram.

— Não é casamento, né? Estou com trauma de convite! — brinco.

— Não estraga o clima, Catarina! — Ele revira os olhos, com humor. — Não é casamento. Ainda.

Levanto as mãos para o céu, em tom de brincadeira. Ele me beija antes de continuar.

— Melhor, tenho uma proposta para te fazer.

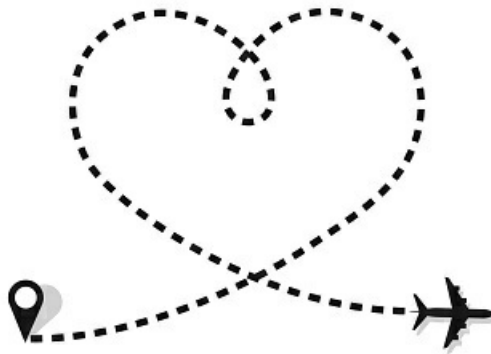
— Estou ouvindo...

— O que acha de escrevermos uma nova lista de sonhos, juntos? — Seu sorriso me invade, me desmanchando por dentro.

E aqui, enquanto me perco dentro dos olhos castanhos de Vicente, com o céu límpido e colorido pelos balões à nossa volta, entendo que o amor nada mais é do que uma escolha. Uma decisão. Para realizar uma lista ao lado dele, não preciso de um convite. Preciso apenas querer. E isso me basta.

— Você tem papel e caneta aí?

AGRADECIMENTOS



A Deus, por ter me feito encontrar a melhor forma de lidar com minha saúde mental: escrevendo. Minha família, meu amor maior. Por mais que o tempo passe, que a distância aumente, que outras pessoas cheguem, sempre será minha base. Principalmente minha mãe e minha irmã, daria minha vida por vocês.

Minha nova família, meu noivo – bonito, inteligente, educado, etc – e minha sogra. Obrigada pela paciência e por cada segundo de compreensão durante o processo de escrita desse livro. Amo vocês.

A Renata R. Corrêa, amiga, escritora e revisora, que sempre me socorre nos momentos de crise, bloqueios literários e desespero. Obrigada por tudo.

A Paula Gicovate, por seu curso inspirador e por ter aceitado prontamente o convite de prefaciá-lo esse livro.

A Thamires Gomes, minha super amiga, comissária de bordo, que me deu uma aula incrível sobre esse universo desconhecido para mim. Obrigada pela consultoria e, principalmente, por não deixar que minha única fonte de estudo fosse horas dedicadas a *Mayday, desastres aéreos!*

As minhas betas maravilhosas, Maria Luíza Suísso, Hendy Pires, Juliana Ferreira, Juliana Scarcella, Laís Rossetto, Priscila Coruzzi, Renata Lopes, Yasmin Beatriz. Obrigada!

A Catarina e Vicente, meus personagens principais, companheiros por meses de Coaching

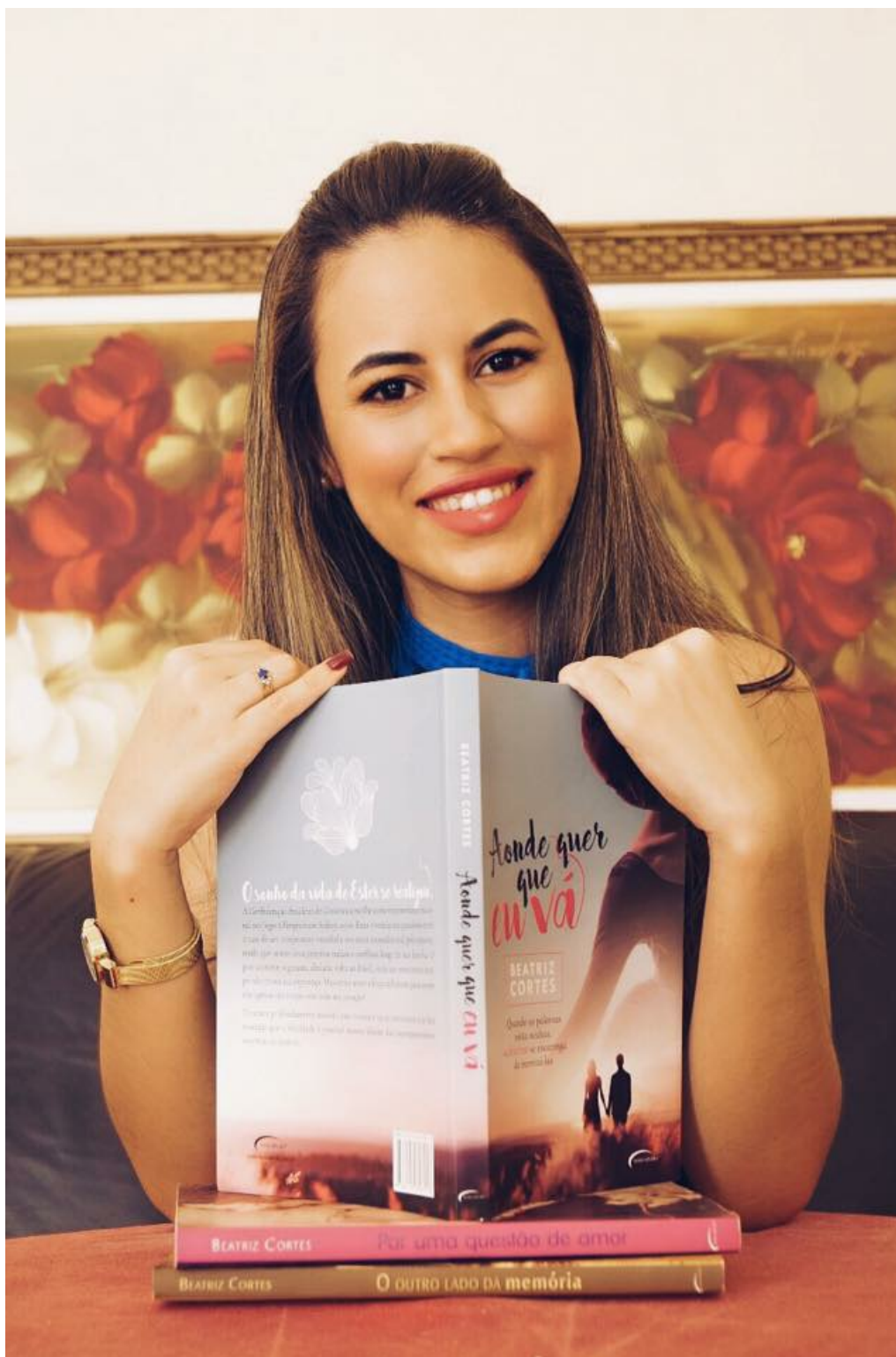
Literário, um total desespero com essa história super desafiadora. Esse livro é completamente diferente de todos os meus outros. Encarei o desafio de dar voz a personagens diferentes de mim, com outros princípios, outra vida. Foi uma grande maluquice, admito, porém tudo o que aprendi vou levar para a vida. Que vocês voem longe! E que o céu seja o limite!

Aos meus leitores, fonte de minha inspiração, obrigada por cada um que me acompanha, indica para os amigos, e me cobra continuação de todos os meus livros (Incrível isso kkk). Só cheguei aqui por vocês. Obrigada!

Espero que o voo tenha sido tranquilo. Aguarde no desembarque que outras virão e, lembre-se, cuide de si mesmo, siga seus sonhos, viva intensamente. A vida é para ser aproveitada, e ninguém pode te dizer o contrário.

Com amor,
Beatriz Cortes

BIOGRAFIA



BEATRIZ CORTES, nascida em 1994, é escritora e Psicóloga, possui uma fé inabalável em Deus e no amor. Acredita que os sonhos só podem se concretizar se você persegui-los. Apaixonada por livros e romances desde criança, sempre sonhou que suas histórias pudessem

impactar as pessoas e trazer, de alguma forma, esperança. Autora de O outro lado da memória, Por uma questão de amor, Aonde quer que eu vá, Meu doce azar, Minha amarga sorte, Através dos teus olhos, A felicidade mora na gratidão; além de O destino escolheu você, livro em parceria com a autora Maria Eduarda Razzera.

REDES SOCIAIS

SITE: WWW.BEATRIZCORTES.COM.BR

INSTAGRAM/TWITTER: @BHYACORTES

FACEBOOK: WWW.FACEBOOK.COM/BCORTESS

E-MAIL: CONTATO@BEATRIZCORTES.COM.BR